

# SOMNIUM

Revista do Clube de Leitores de Ficção Científica — Jul/Out 92 — nº 57



# SOMNIUM®

ANO 7 - Nº 57  
JUL - OUT 92

EDITOR  
R. C. NASCIMENTO

CONSELHO EDITORIAL  
LUIZ MARCOS DA FONSECA  
HUMBERTO FIMIANI  
RUBENILDO PITHON DE BARROS  
RUBY F. MEDEIROS

TIRAGEM  
200 EXEMPLARES

## CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

São Paulo  
Caba Postal 2209 - Ag. Central  
São Paulo SP, 01060-970  
Rio de Janeiro  
Al. dos Instrutores / Bl. A / 401, Urca  
Rio de Janeiro RJ, 22291-140  
Porto Alegre  
Rua Duque de Caxias 1531/91  
Porto Alegre RS, 90010-000



### ÍNDICE

Somnium é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC.

Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originals, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria ou da Diretoria do CLFC. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo (SP) aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob Nº 79.416/86.

Sua Diretoria para o biênio 92/93 está composta pelos sócios:

Luz Marcos da Fonseca (Araraquara, SP)  
Presidente

R. C. Nascimento (São Paulo, SP)  
Secretário Executivo

Humberto Fimiani (São Paulo, SP)  
Tesoureiro

Toda correspondência para esta publicação deverá ser encaminhada para:

Caba Postal 2209 - Ag. Central  
São Paulo, SP  
01060 - 970

- 1 Editorial
  - 2 Cartas
  - Jornal da FC**
  - 6 Noticiário Nacional
  - 10 Noticiário Internacional
  - Artigos**
  - 12 Heinlein
  - 16 Encontro com Tomas Disch
  - 19 Ficção Científica?
  - 24 O Fantástico em Machado de Assis
  - Poesia**
  - 28 Trupizupe Diante da Mona Lisa
  - 29 Jornada Silenciosa
  - Legião Estrangeira**
  - 30 Brevíssima Introdução à FC Venezuelana
  - 32 Ver o Futuro a Passar
  - 33 A Guerra da Mudança
  - 35 Saldos
  - 42 Terá Sido Um Erro?
  - Contos**
  - 46 Surya
  - 49 O Clarão Azulado
  - 54 Alienígenas
  - 57 Ponto de Vista
  - 60 Onde Nenhum Homem Jamais Esteve...
  - 62 Especial: O Inimigo Interno
  - 78 Seleções Rider's Digest & FC
  - 79 Robozé
  - 80 Rocket & Roll
- Ilustrações: vide página 77





Embora com quinze dias de atraso em relação à programação originalmente estabelecida, aqui está mais um número do nosso Somnium.

Está melhor, igual ou pior que o anterior? Bem, será que isso é realmente importante? Afinal, os gostos variam muito, e não se consegue atender a todos, indistintamente; assim, melhor, igual ou pior será sempre um tanto subjetivo.

Tenho dito que o Somnium não é uma publicação profissional disputando mercado; ao contrário, é uma publicação amadora, de um clube amador, cuja vocação é, antes de mais nada, a de servir de escola para tantos quanto dela puderem se servir: editores, escritores, ensaístas, tradutores, ilustradores, cronistas, poetas, resenhistas, e assim por diante. Mais, sendo uma publicação de um clube, deve necessariamente refletir, na média, o que seus sócios estão produzindo.

Acredito firmemente que o Somnium, numa avaliação mais global, vem atingindo este objetivo ao longo do seu tempo de publicação.

Mas enquanto veículo, nosso boletim -- ou revista, como alguns preferem, deve preocupar-se consigo mesmo; assim é que já introduzimos algumas alterações em sua editoração, e pretendemos ampliar o leque destas medidas, de modo a oferecer aos nosso leitores uma publicação cada vez mais caprichada.

O próximo passo que se procura dar diz respeito aos recursos de hardware e software que poderão contribuir definitivamente para consolidar a editoração do Somnium. Estamos falando da incorporação de microcomputador com suficiente rapidez e capacidade de armazenamento e processamento de dados, aliado a outros equipamentos como scanner e impressora laser, todos suportados por ambiente operacional e softwares especialistas para modernizar nossa publicação.

Os sócios que, de alguma forma, puderem contribuir para a montagem deste parque, por favor entrem em contato com a Editora. Por contribuição entendemos todo tipo de ajuda, desde financeira até de gerenciamento junto a fornecedores de hardware e software que estivessem dispostos a ceder recursos ao CLFC como contribuição à consolidação deste nosso boletim.

Além disto, estamos estudando a introdução de outras colunas regulares, uma das quais será dedicada às HQs -- outra área que sempre desejamos explorar e que somente agora será possível abraçar graças à generosa participação de um de nossos sócios (cuja identidade será festejada com a estréia, breve, da nova coluna).

Contudo, nosso maior patrimônio será sempre nossos colaboradores, aos quais mais uma vez reiteramos o pedido de envio de material variado para seleção e publicação. Estamos particularmente interessados em desenvolver a área de estudos, de modo a oferecer aos nossos leitores um panorama amplo e ao mesmo tempo aprofundado do gênero. Outra área de interesse está nas biografias de autores de FC&F, retomando uma coluna que já fez muito sucesso no passado pelas mãos de nosso sócio Kleverson Amorim Bicalho das Neves.

Mas se esta Editoria tem algumas idéias, certamente nossos leitores terão suas próprias idéias com relação ao que gostariam de ver publicado; portanto, colaborem encaminhando suas sugestões. Todas serão muito bem recebidas e estudadas com carinho.

A preocupação imediata é, agora que estamos encerrando este editorial, colocar mão à obra e começar a preparar o próximo número do Somnium que deverá estar pronto para montagem no final do mês de fevereiro. Esta maratona será mantida em ritmo acelerado até que tenhamos colocado em dia este nosso boletim.

Sejam bem-vindos às páginas de mais este SOMNIUM e divirtam-se.



Prezado Editor,

Venho mais uma vez a este espaço do SOMNIUM para, em primeiro lugar, parabenizá-lo pela última edição que estava muito boa - apesar do atraso enorme da mesma, e da não referência à morte do Asimov, nem à passagem dos dez anos do falecimento de Philip K. Dick.

Em segundo lugar, quero comentar a respeito da situação do corpo social do CLFC, pelo menos em São Paulo, nestes últimos tempos.

Desde quando entrei no clube (maio de 1987), a diretoria reclama, e com razão, da pouca participação dos sócios nas atividades e administração do mesmo. Entra diretoria e sai diretoria, fica tudo na mesma. Poucos ajudam, e mesmos estes condicionam sua participação ao "tempo disponível" que cada um dispõe fora dos seus afazeres pessoais e profissionais.

A questão é que a diretoria tem chamado com mais frequência os sócios a participarem. Como não está dando resultado, o que tenho observado é que em vez de criarem-se estímulos à integração dos sócios, tem-se optado pela cobrança aos sócios que participam das atividades (ou que pelo menos assinam e colaboram com o SOMNIUM e comparecem às reuniões) de maneira, diria, algo violenta.

O clube não tem a primazia da apatia de seu quadro social. Isso é um fenômeno político que acontece em todas as organizações. Quanto maiores, mais as pessoas se sentem desresponsabilizadas de fazer algo, pelo fato de ter, teoricamente, muitas outras que podem fazer aquilo que ele hipoteticamente faria; é o chamado "free-ride-problem" (caronismo). É mais vantajoso para o indivíduo deixar que outros colaborem, pois o resultado será o mesmo e sem nenhum custo para ele.

Para remediar este problema o CLFC poderia induzir seletivamente o sócio a participar. Não querendo teorizar demais o assunto, existem duas maneiras de incentivo: as positivas e negativas. As positivas são formas informais e pessoais de convencer o indivíduo a participar, através da amizade, do companheirismo, etc. As negativas (mais usadas nas grandes organizações) estimulam a participação através de meios coercitivos e sancionais. Ameaças e represálias, caso ele - no ato de sua incursão no grupo - se negue a arcar com um custo na dada associação.

Passando desta teoria -- que pode ser encontrada no livro "An Economic Theory of Democracy", do cientista político sueco Mancur Olson -- à prática do CLFC, creio que seria necessário que ou os sócios mais participativos e/ou antigos esquecessem suas diferenças e se unissem por uma causa, trabalhando unidos em torno de um objetivo comum, o CLFC, ou então que se adotassem sanções aos sócios que não participassem das atividades. A cobrança de mensalidade pode ajudar a afastar os sócios parasitas (caronistas), mas é ainda uma medida muito tímida para agilizar a vida social do clube. Outra medida seria uma maior seletividade à admissão do interessado ao clube, explicando-se a priori, que ele se encarregaria de custos -- e não só de cômodos benefícios ao entrar no quadro social da organização. Mas, salvo engano meu, esta medida fere o estatuto do clube, tal qual ele está redigido.

Atividades como reuniões sociais, mostras (que não acontecem mais), concursos literários, venda de souvenirs com motivos do clube, tais como uma carteirinha (por exemplo para receber descontos em livrarias conveniadas e, até como apresentação à entrada de eventos promovidos pelo clube), chaveiros, camisetas e o já consagrado leilão, motivaria as pessoas a pelo menos se sentirem mais integradas à idéia institucional do CLFC. As próprias reuniões poderiam se diversificar, apresentando palestras (que só acontecem de vez em quando), vídeos seguidos de debates, visitas a sebos, convite a que alguma personalidade da vida intelectual "outsider" à FC, como críticos, escritores, cientistas etc, viessem dar a sua visão sobre o gênero confrontando-se com os sócios do clube.

Olha, sei que todas estas idéias não são "novas". Mas quase nenhuma delas é posta em prática atualmente, ou em qualquer outro período da história do CLFC.



Bem, escrevi demais. Espero que tenha servido para estimular outros sócios a pensar sobre este assunto, dar suas sugestões também e criticar as minhas; mas, o mais importante, tomar consciência e "fazer alguma coisa". Do jeito que vai só tende a piorar. E isto seria temeroso e lamentável para os destinos do clube e, mais importante, para a FC brasileira.

Marcello Simão Branco

---

Pois é, o fato é que tudo isto se pode resumir num trecho de seu último parágrafo: "... mas, o mais importante, tomar consciência e fazer alguma coisa". Nós temos feito nossa parte; estamos aguardando que todos os demais façam a sua.

---

Olá, Nascimento

Meus parabéns pelo extraordinário esforço que resultou no Somnium 56. Adorei. Estava saudosíssimo dele. Espero que consiga ir avante no seu intento de colocá-lo em dia, apesar de mais este encargo acumulado. Este número também foi muito feliz quanto às matérias e sua qualidade. Uma curiosidade que sempre tive foi quanto à conversão para a "Data Estelar" em Star Trek. Fantásticas as matérias sobre o papel dos fanzines, o depoimento do Card e a abrangente biografia do Asimov.

Roberto Schima

---

Gratos pelo apoio continuado que você tem dado ao nosso boletim; vamos fazer força, juntos, para que o Somnium fique em dia e seja cada vez mais bem recebido.

---

Caro Nascimento

Parabéns pelo último número. O Zé Fernandes me contou o sufoco que foi para preparar tudo. A volta da coluna única, com a economia subsequente de oito (!) páginas, é ótima.

Fábio Fernandes

---

Tudo está bem quando termina bem ... assim, valeu o trabalho. Sua colaboração permanente é parte importante deste esforço. Contamos com isso.

---

Prezado Editor

Obrigado pela menção do nascimento de meu filho, feita no Somnium 56.

Na verdade, a mensagem de Orson Scott Card foi trazida dos EUA apenas por Henrique Flory, que aliás tem um dedo na sua redação.

Gostaria de ver André Carneiro se postar na linha de fogo e criticar os trabalhos de seus colegas, algo que nunca o vimos fazer. É claro, preciso alertá-lo de que, apesar de o crítico exercer uma função importantíssima, no fandom brasileiro ele pode ser alvo dos insultos de autores de pavio curto e ego explosivo. De qualquer modo, por mim gostava de ter uma de minhas histórias criticadas por André Carneiro, ainda mais sabendo que ele é legítimo herdeiro intelectual de nomes como Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins e Antonio Cândido. Proponho que o Somnium lhe abra espaço para uma coluna de crítica de FC brasileira.

Roberto de Souza Causo

---

Não há o que agradecer pela menção ao nascimento do garoto, foi um prazer muito grande ... mais um pouco e estaríamos convidando para sua festinha de primeiro aniversário. O André, tanto quanto qualquer outro sócio do clube, tem as páginas do Somnium sempre à disposição. Estamos convictos de que qualquer trabalho crítico do André será muito bem recebido. Pavio curto e ego explosivo não são condenáveis ... falta de educação e de comportamento ético, sim.

---

Prezado Roberto

Recebi o Somnium 56. Vejo que você reassumiu a dura função de editor do nosso boletim. Não lhe darei os parabéns com medo de estar parecendo irônico. Afinal, sei de antemão o quanto a tarefa de editar um fanzine costuma roubar do tempo que poderíamos tranqüilamente dedicar a outros afazeres. Parabenizo-o pelo excelente artigo sobre a vida e a obra do Isaac Asimov. Pena que não tenhamos mais uma revista profissional para difundí-lo para uma gama mais vasta de leitores.

Gerson Lodi-Ribeiro

---

Quem corre por gosto não se cansa, não é mesmo? Também acho uma pena não termos revistas profissionais dedicadas a FC&F, mas acredito que mais cedo ou mais tarde haverão de surgir. Vamos trabalhar para isso.

---

Caro Editor

O número 56 foi bom e esperemos que até meados deste ano possa estar em dia. Gostei do Editorial, mesmo que também devamos falar sobre o ano que passou, que foi de marasmo com relação a 91. O Jornal da FC, meio atrasado para quem recebe outras revistas, está correto por cobrir o espaço do período, sem furos. Ponto de Vista, tradicionalmente bem colocado pelo Fábio, faltou dizer que cobria o número 54. A resenha do Causo, muito esclarecedora. O artigo sobre fanzines, do Juan Manuel Ortiz, precisa ser lido e mentalizado pela maioria do fandom. O artigo sobre o Asimov é mais uma contribuição para os que conhecem pouco dele; também a homenagem ao Mestre. O artigo sobre os dinossauros está muito bom; apenas poderia ter se detido mais na ligação dino-aves. Também sobre nossa Nemesis, muito bom. Os contos de bom nível. Finalizando, a mensagem do Card, a sempre presente coluna do André e o artigo sobre Star Date. Bem, o Somnium manteve seu padrão de qualidade, apesar das intempéries.

Mas ... minhas impressões negativas. Maior cuidado na datilografia: o "Joan Manel Ortiz" e outros. Poderia ser feita em todo boletim uma melhor apresentação de cada artigo ou seção. Ficaria melhor se a cada mudança de assunto houvesse uma apresentação mais correja. Fica estranho ... estava lendo "Tributo a um Mito", viro a página e já é outro assunto. Também a diagramação em uma coluna; duas colunas, mesmo com esta impressão de computador, fica mais fácil e bonito.. Com estas letrinhas, um quase cego como eu fica tonto.

Alexandre Pereira dos Santos

---

Lamentavelmente não dá para agradar gringos e baianos; alguns gostaram das alterações, outros não. Vamos ver como melhorar as coisas, seja na apresentação e fechamento dos trabalhos, seja na revisão dos textos. Quanto ao Joan Manel Ortiz ... bem, o nome do homem se escreve assim mesmo.

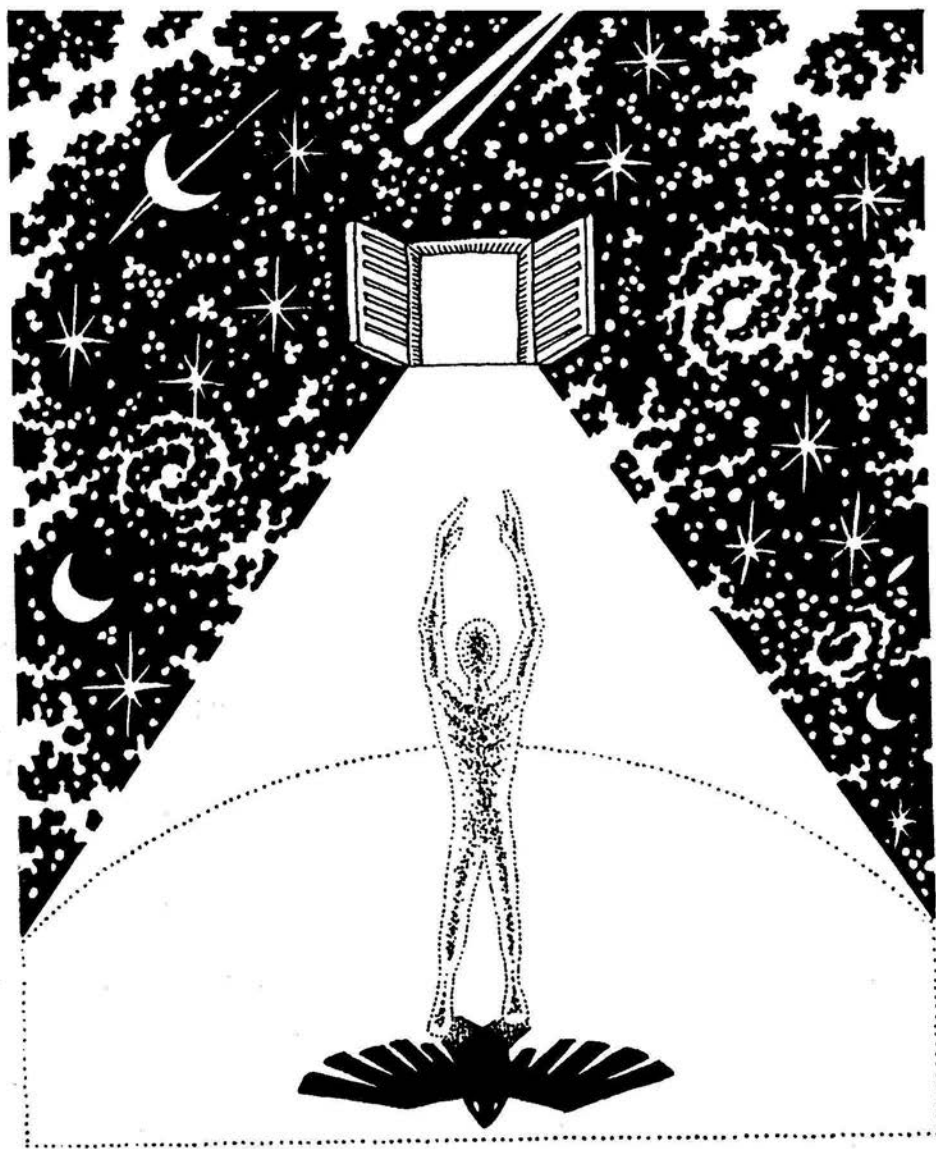
---

Prezado Nascimento

Meus parabéns pela última edição. Estava muito boa, rica em informações, artigos e ilustrações. Só os contos deixaram um pouco a desejar. Mas no todo o boletim está ótimo. Uma sugestão: que tal tornar o Somnium mensal, como em sua melhor fase, diminuindo seus custos de produção? Pense nisso: creio melhor ter 12 exemplares de 20 a 30 páginas cada do que 2 ou 3 edições de 80 por ano.

Marcello Simão Branco

Os elogios do Editor do Megalon envaidecem qualquer um, gratos. O Somnium bimestral pressupõe seis edições anuais com cerca de 72 páginas cada. A idéia de retornar à mensalidade é tentadora, e já estamos avaliando a possibilidade há algum tempo. Se for viável e puder ser mantida, assim será. Aguardemos.



AG - FEV. 91





## NOTICIÁRIO NACIONAL

## O QUE VAI POR AÍ

- \* Durante a 12ª Bienal Internacional do Livro, realizada em São Paulo, a livraria Forbidden Planet ofereceu ao CLFC um espaço em seu stand para que pudéssemos participar do evento. Uma oportunidade de divulgarmos o clube e a FC, o que foi feito com sucesso.

Lamentavelmente não pudemos contar com maior ajuda do corpo social, e durante todo o evento nosso espaço ficou sob a responsabilidade dos sócios R. C. Nascimento, Humberto Fimiani, Carlos Orsi Martinho e Adriana Simon, esta última inscrita na própria Bienal e que imediatamente se ofereceu para colaborar. Da mesma forma foi mínima a presença de sócios no stand para nos visitar e assinar a lista de presença. Além de Adriana, foram inscritos mais nove novos associados.

Além de auxiliarmos nossos anfitriões no atendimento de visitantes interessados em FC&F, orientando na escolha de livros, dando consultoria e mesmo efetuando vendas, tivemos a oportunidade de distribuir uma grande quantidade de material promocional do CLFC e de divulgarmos o clube junto a pessoas vindas do interior e de outros estados.

A campanha anual de arrecimação de novas inscrições para o Fandom Directory, que aproveitamos para fazer durante a Bienal, foi muitíssimo bem sucedida, e conseguimos obter mais de 300 novas fichas -- o que nos deverá colocar em segundo ou terceiro lugar na edição de 1993.

Já quanto aos eventos programados, infelizmente não tiveram o retorno minimamente esperado. Sob este aspecto, podemos dizer com toda franqueza que amargamos um enorme fracasso.

- \* No mês de outubro a Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) completou 182 anos com uma intensa programação que contou com assinaturas de convênios, concertos, sessões de doações de manuscritos e obras raras, entrega de medalhas, lançamento de livros e a realização de seminários nacionais e internacionais.
- \* A Fundação Biblioteca Nacional publicou um catálogo dedicado à literatura fantástica brasileira, intitulado **Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog**, cujo objetivo é divulgar autores brasileiros no exterior. O catálogo teve a coordenação de Bráulio Tavares e contou com a colaboração de Finisia Fideli Causo, Luiz Marcos da Fonseca, José dos Santos Fernandes, Roberto Causo e R. C. Nascimento. Apesar de alguns deslizes, a publicação é uma importante colaboração da Fundação Biblioteca Nacional na divulgação de trabalhos nacionais.
- \* "Ao Pé da Letra" é uma revista literária dedicada à publicação de ensaios, crítica e artigos publicada pela Livraria e Editora Ao Pé da Letra (Rua Riachuelo 1558, Porto Alegre RS, 90020); aceita colaborações (textos com no máximo 70 linhas, datilografados e assinados). O nº 2 (nov/92) traz um interessante artigo intitulado "Ciberpunk", assinado por Rodrigo Machado Menezes e com ilustração de Roberto Schima (extraída do nosso Somnium), e artigo intitulado "Seleções, Quem Diria?", no qual se aborda o trabalho de pesquisa que Ruby F. Medeiros vem fazendo na procura e descoberta de textos de ficção e não-ficção ligados a FC&F em diversas revistas como Seleções, X-9 e outras.

- \* A reunião mensal de outubro da Frota Estelar Brasileira, também chamada de 63ª Convenção Estelar ou 1ª Mega Convenção Nacional, realizou-se dia 24/10 na Oficina Cultural Mazzaropi com uma intensa programação que se estendeu das 10:00 às 18:00 horas e incluiu exibição de episódio de ST, palestra, lançamento de livro, sorteio de brindes e mesa redonda. Este evento, comemorativo do 26º aniversário de Jornada nas Estrelas, foi antecedido de uma festa realizada dia 22/10, na Danceteria Azul da Meia Noite.

Se as reuniões mensais da Frota Estelar Brasileira são chamadas de "convenções", e agora um evento especial é chamado de "mega convenção nacional", então como será que se poderá intitular uma eventual futura verdadeira convenção estadual ou mesmo nacional dedicada a Star Trek ?

- \* A InteriorCon IV será mais uma convenção temática, desta vez voltada à crítica de ficção científica. Segundo os organizadores, "espera abrir espaço para o debate aberto do assunto, não apenas para entender melhor como se comporta a crítica de FC&F no Brasil, tanto dentro de fandom como fora dele, mas também para fornecer ao fandom subsídios livres para a elaboração de uma ética da crítica e ensaística". Os debates se dividirão em dois subtemas: "Peculiaridades da crítica de FC e como ela tem sido feita no Brasil" e "Por uma crítica diferenciada da ficção científica brasileira".

A Fã-Convidada-de-Honra será Thereza Monteiro Deutch, filha de Jerônimo Monteiro.

Os organizadores estão recrutando voluntários para executar pequenas tarefas e auxiliar na montagem das exposições do evento; os interessados em colaborar escrevam para Rua André Dreifus 109/163 - Bloco 2, São Paulo SP, 01252-010.

#### FÃS & ZINES

- \* Miguel Carqueija publicou "A Volta dos Dinossauros" (Coleção Carqueija Nº 1, formatinho, capa em papel couchê e em duas cores, miolo em papel jornal, 21 páginas, capa e contracapa com desenhos do autor). Trata-se de uma coletânea de cinco trabalhos (um poema e quatro contos) que podem ser encomendadas à Caixa Postal 29013 - Ag. Andaraí, Rio de Janeiro RJ, 20542-970
- \* Ruby F. Medeiros não perdeu tempo e fez uma revisão crítica do Fantástico, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog, produzindo um trabalho muito interessante onde lista o que considera importantes omissões naquela publicação.
- \* Recado (nºs 183 a 193, formatinho, 4 páginas, xérox), publicação semanal da Devir. Os nºs 184/186 contêm o update 92/03, ambos com pedido de reserva; o nº 187 é um especial com reprodução de páginas inteiras de revistas que somente chegarão às bancas mais tarde, numa interessante antecipação para os colecionadores. Obrigatório para os fãs de quadrinhos, especialmente os importados. Solicite pela Caixa Postal 15239, São Paulo SP, 01537-970.
- \* Star Cine (ano 1/nº 1/nov.92, formatinho, 12 páginas, xérox, grampos na lombada). Novo fanzine dedicado a cinema e vídeo, cujo primeiro número mostra uma superficialidade muito grande na abordagem dos assuntos tratados; quem sabe, melhora. Não traz endereço, mas pode ser encontrado na Themus Livros e na Muito Prazer.

\* **Cadernos Literários** (ano 1/nº 1/set.92, formatinho, 8 páginas, xérox, grampos na lombada). Publicação do CLFC-RS, sob a responsabilidade de Ricardo de Castro Campos, dedicada à divulgação da FC. Este primeiro número aborda o gênero num resumo histórico e traz ainda um trabalho de Ruby F. Medeiros intitulado "O Outro Lado da Ficção Científica".

\* **Diário de Bordo** (ano 2/nº 11/out.92, A-4, 20 páginas, capa em papel couchê e a quatro cores, grampos na lombada, editoração eletrônica, ofsete). Edição especial de comemoração do 26º aniversário de ST, dedica-se inteiramente às naves Enterprise do universo de Jornada nas Estrelas, especialmente a 1701-D (TNG). Produção profissional da "N2 Cultural e Editorial" publicada sob permissão da Frota Estelar Brasileira.

**Trekker-Cultura** (ano 1/nº 8, publicação da Frota Estelar Brasileira, ofício, uma única página, ofsete). Publicação de divulgação cultural, traz neste número um interessante trabalho de Susana Lopes de Alexandria sobre "The Conscience of the King", título do que é considerado o mais explícito episódio shakespeariano da série clássica de ST. Uma das mais sérias e consistentes publicações da FEB.

As publicações da Frota Estelar podem ser solicitadas através da Caixa Postal 14592, São Paulo SP, 03698-970.

\* **O Libertário** (nº 1/set.92, formatinho, 12 páginas, xérox, grampos na lombada, capa de Jaepelt; nº 2/out.92, A-4, 4 páginas, reprodução fotostática). Material diverso.

**Hipnose** (nº 1/jul.92, A-4, 14 páginas, reprodução fotostática; nº 2/sdp, A-4, 20 páginas, reprodução fotostática). Material diverso.

São ambas publicações de expressão anarquista do grupo Barbárie de Anarquia, Poesia e Arte Postal editadas por Paulo Cesar Will. Para conhecer, escreva para Rua Álvaro Medeiros Santiago 582, São José SC, 88113-650.

\* **Megalon** (ano 4/nº 22/ago-out.92, ofício, 60 páginas, xérox). Como sempre, uma edição recheada de material diverso e de boa qualidade assinado por Schoereder, Calife, Carqueija, Causo, Card, Lodi-Ribeiro e Argos Arruda Pinto, além das colunas regulares habituais. Capa e ilustrações de Schima, e uma prancha de Zeo, muito boa como sempre. Um fanzine premiado e que vale a pena conhecer. Av. Clara Mantelli 110, São Paulo SP, 04771.

\* **Informativo Perry Rhodan** (nº 6, ofício, 20 páginas, reprodução fotostática). Fanzine dedicado à série que lhe dá nome, traz cartas, contos, análises de ciclos de PR, artigos, curiosidades e pranchas com uma HQ assinada por Daniel Santos. Um fanzine fruto do esforço pessoal de Alexandre Pereira dos Santos e que depende de seu apoio para continuar sendo publicado; prestígio, você que é fã de PR. Rua Pinheiro Machado 2644, Santa Maria RS, 97050-600.

#### \* **Catálogos Diversos**

Da Nobel, o Catálogo Geral da Ediouro S.A. (A-5, 112 páginas, capa cartonada a duas cores, miolo em papel jornal, ofsete, brochura), e Lista de Preços Nobel (código e valor), ambas em vigor a partir de 11/92.



## NAS PRATELEIRAS

- \* Da Francisco Alves, na coleção Novos Mundos da Ficção Científica, chegaram os nºs 3 **Orion Renascerá** (Orion Shall Rise, Poul Anderson, 520 pag.) e 4 **O Palácio do Amor** (The Palace of Love, Jack Vance, 210 pag.)
- \* Da editora Aleph, na coleção Star Trek, saiu o nº 8 **Crime Em Vulcano** (The Vulcan Academy Murders, Jean Lorrhah, 188 pag.), com a estrutura habitual dos volumes da série. É o quinto volume da série clássica.
- \* Da Imago, na série Darkover, **A Espada Encantada** (The Spell Sword, Marion Zimmer Bradley, 171 pag.).
- \* Da GRD, integrando a nova série de FC -- que ainda tem pendentes os números 10 e 11, saiu o volume 12 **Cristoferus** (H. V. Flory, 99 pag.).
- \* Da Rocco, **O Trílio Negro** (The Black Trillium, 368 pag.) é um interessante trabalho de fantasia escrito a seis mãos por Marion Zimmer Bradley, Julian May e Andre Norton. A propósito, e ao contrário do que muita gente ainda pensa, Andre Norton é uma simpática e bonachona senhora cujo nome completo é Andre Mary Norton, nascida em xxxxxxxx.
- \* Da Livros do Brasil, coleção Argonauta, chegaram os nºs 422 **O Espírito de Dorsai** (The Spirit of Dorsai, Gordon R. Dickson, 182 pag.), que integra o Childe Cicle, e 423 **Viagem Pelos Universos** (Anywhen, James Blish, 187 pag.), uma coletânea de sete trabalhos (4 short stories e 3 novelettes) publicados originalmente entre 1956 e 1966 -- o volume traz prefácio e apresentação de cada trabalho, pelo autor.
- \* Da Europa-América, coleção FC-Bolso, recebemos os nºs 192/193 **Reunião** (Reunion, John Gribbin e Márcus Chown, 162/97 pag.), que dá continuidade a Planeta Duplo (publicado nesta coleção com nº 168).

Da mesma editora, na coleção Nébulas, saiu 44 **Planícies de Passagem** (The Plains of Passage, Jean M. Auel, 409 pag.), na verdade o segundo volume deste trabalho (o primeiro é o volume 43 da mesma coleção). Trata-se do quarto título da série Os Filhos da Terra.

Ainda desta editora portuguesa, aparece o primeiro volume da nova série de bolso intitulada BattleTech : 1 **Decisão em Thunder Rift** (Decision at Thunder Rift, William H. Keith Jr., 275 pag.). A série traz histórias bem movimentadas, muito em evidência entre outras coisas por conta dos WarGames associados. Este volume inicia com três pranchas com dados técnicos diversos e esquemas relacionados ao planeta onde se passa a aventura, um glossário para familiarizar o leitor com os termos específicos, e dez pranchas com desenhos dos principais BattleMechs e veículos auxiliares.

- \* Da Record, saiu a edição revisada e expandida de **O Cair da Noite** (Nightfall), trabalho conjunto de Isaac Asimov e Robert Silverberg já mencionado em artigo publicado no número anterior do Somnium.
- \* Da Caminho, coleção FC-Bolso, recebemos o nº 151 **Heróis e Bandidos** (Heroes and Villains, Angela Carter); um pós-holocasto que foge do lugar-comum, livro perturbador que vale a pena conhecer.

## AGRADECIMENTOS

Embora atrasados, nossos agradecimentos pelos cartões de aniversário e de Natal enviados por Gutemberg da Silva Sousa, H. Taylor e Esposa, Anna Creuza Zorzella Zacharias, Jane Terezinha Mondelo de Souza e Membros do CLFC-RS, José Carlos Neves e Família, Caio Luiz Cardoso Sampaio, Ruby F. Medeiros e Esposa, Adélia Marques e Equipe Record, Humberto Fimiani,

Marcello Simão Branco e Frota Estelar Brasileira. Registramos também os cartões enviados pela Diretoria das Publicações Europa-América, Orson Scott Card e Família e Elizabeth Anne Hull e Frederik Pohl.

## NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

### O QUE VAI POR LÁ

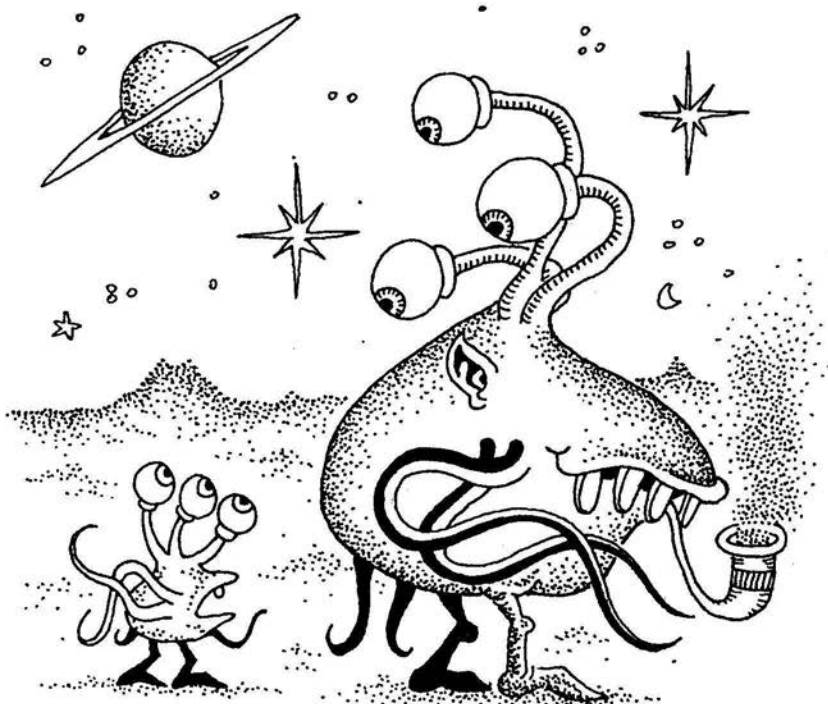
- \* **Roberto Schima** vem conseguindo colocar seus trabalhos de arte em várias publicações do exterior. Além das ilustrações já mencionadas para o Fandom Directory, apareceram outras no nº 139 de "Andromeda Nachrichten" (Alemanha), "Fax 21" (Inglaterra), "Antarés" (França) e no nº 11 de "Jupiter Jump" (USA). É o talento brasileiro abrindo espaço além fronteiras.

### ZINES & PUBLICAÇÕES

- \* **Probe** (nºs 88/jun.92 e 89/set.92, 76/72 páginas, formatinho, capas cartonadas, grampos na lombada, ofsete). Clubzine do Science Fiction South Africa, editado por Neil Van Niekerk e Derek Hohls. Trazem cartas, artigos, noticiário local e internacional, contos, poesias, resenhas e variedades. P.O.Box 781401, Sandton 2146, South Africa.
  - \* **Chernobylization** (nº 4/5, jan-jun.92, 44 páginas, formatinho, grampos na lombada, ofsete). Publicação de Zoryany Shlyah SF Club e NPF Optel, editada por Alexander V. Vasilkovsky e Boris Sidyuk. Editada em inglês, traz editorial, artigos sobre FC&F na Ucrânia, bibliografia, relatos sobre convenções, resenhas, comentários sobre fanzines estrangeiros, cartas, etc. Para receber, envie um livro de FC&F (em inglês) para Poste Restante, General P.O., 252001 Kiev-1, Ukraine.
  - \* **Jupiter Jump** (nº 11, out/92, 19 páginas, A-4, papel jornal, ofsete). Capa e contracapa em papel colorido, com ilustrações: capa de Roberto Schima e contracapa de Dave Morel (França). Trata-se de um personalzine sobre o qual já comentamos anteriormente, e que vale a pena conhecer -- pelo menos para se ter uma boa visão de uma típica publicação norteamericana no gênero. Mark Manning, 1709 South Holgate, Seattle WA 98144, USA.
  - \* **Nebula Awards Report** (out.92, A-4, 12 páginas, ofsete). Publicação da SFWA, traz as novidades referentes aos prêmios Nébula, como lista de obras indicadas nas diversas categorias, orientação sobre o prêmio e suas regras, lista de obras recusadas para concorrer, e assuntos internos. Este foi o último número enviado indistintamente para todos os afiliados; doravante apenas os associados nas categorias "Active" e "Associate".
- The SFWA Bulletin** (vol.26/nº 2, summer/92, A-4, 32 páginas, ofsete, grampos na lombada). Artigos os mais diversos, de interesse dos membros da entidade, variando desde análise de artigos de contratos até estudo de mercado editorial, passando por comentários sobre software processador de texto. Assinatura anual por US\$ 18.50 (4 números). Pulphouse Publishing Inc., Box 1227, Eugene OR 97440, USA.
- \* **BEM** (nº 25, nov.92, ofício, 20 páginas, capa em duas cores, reprodução gráfica em papel de primeira, grampos na lombada). Material variado sobre a visita de Joe Haldeman à Espanha, artigos diversos, seção de cartas, noticiário internacional, resenhas e material diverso. A assinatura custa US\$ 40 para seis números, via aérea. P. O. Box 2061, Principado de Andorra.

\* **Shards of Babel** (nº 38, out.92, 8 páginas, A-4, ofsete, grampo na lombada). Trata-se de uma publicação holandesa reputada de ótima qualidade, uma espécie de Locus européia. Traz noticiário variado cobrindo material que normalmente não se encontra nas publicações mais conhecidas. Vale a pena dar uma olhada; a assinatura anual para 8 números custa US\$ 20. Escreva para Roelof Goudriaan : Babel Publications, Caan van Necklaan 63, 2281 BB Rijswijk ZH, The Netherlands.

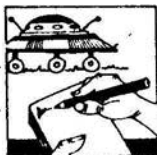
\* **Gadir'92 - Encuentros de Ciencia Ficción** (A-4, 24 páginas, grampos na lombada, papel de primeira, ofsete). Compilação de trabalhos apresentados durante os encontros temáticos que dão nome à publicação e assinados por Rafael Marín Trechera, Isabel Pérez, Angel Torres Quesada, Julián Díez, Domingo Santos, Ricard de la Casa, Carlos Saiz Cidoncha e Pedro Jorge. Ilustrações extraídas das revistas Kandama, Maser e Transito.



-PAIÊ, O QUE É 'E.T.'?

A7.92  
SCHIMAT





HEINLEIN  
Carlos A. Angelo

Robert Anson Heinlein nasceu no dia 07/07/1907 (de uma família de sete filhos) na pequena cidade de Butler, Missouri (mas passou a maior parte da infância na Cidade do Kansas) e morreu durante um cochilo na manhã de 08/05/1988. Nasceu num domingo e morreu num domingo. Seu corpo foi cremado e as cinzas espalhadas no mar (que ele tanto amava), com honras militares completas.

Seguramente um dos três grandes da FC (juntamente com Asimov e Clarke), venceu quatro prêmios Hugo de melhor romance do ano, com os livros: DOUBLE STAR (Estrela Oculta) em 56, STARSHIP TROOPERS (Soldado no Espaço) em 60, STRANGER IN A STRANGE LAND (Um Estranho numa Terra Estranha) em 67. Foi ainda o primeiro a ser eleito Grande Mestre pela Science Fiction Writers of America, em 1975.

Seu primeiro conto, LIFE-LINE (Linha da Vida), foi publicado na edição de agosto de 1939 da revista Astounding Science Fiction, pelo qual recebeu setenta dólares. A partir desse momento passa a escrever e publicar histórias em grande quantidade, o que o obriga a adotar pseudônimos de modo a evitar que houvessem, numa mesma edição da revista, duas histórias do "mesmo" autor. Seus pseudônimos foram: Anson MacDonald, Lyle Monroe, Caleb Saunders, John Riverside e Simon York (este último para uma história policial).

Tinha as três coisas essenciais num bom escritor de FC: bons enredos, personagens vívidos e boa argumentação científica. Era cientificamente preciso (quando a ciência conseguia acompanhar sua imaginação) e mesmo suas histórias de fantasia eram dotadas da estrutura lógica da ficção científica. Misturava FC hard, soft e fantasia nas mais variadas doses, mostrando que podia criar boas histórias em quaisquer das áreas da ficção especulativa (como ele preferia chamar aquilo que escrevia).

Uma de suas maiores contribuições para o gênero foi trazer para dentro da FC "ciências" que até então eram praticamente ignoradas por esta: administração, política, economia, sociologia, lingüística, matemática, genética, parapsicologia, etc., transformando-se, assim, num precursor da FC New Wave.

Seu estilo de escrever, fazendo com que a maior parte do contexto fosse passada através dos diálogos e não da narração e com que seus personagens agissem e falassem como pessoas de verdade e não como personagens de livros, trouxe maior verossimilhança para as histórias de FC e foi/é copiado por vários outros autores. Também fazia parte de seu estilo usar situações por ele vivenciadas, ou por conhecidos seus, dentro das histórias.

Seu sucesso com os leitores foi tão grande e tão imediato que apenas dois anos depois de publicada sua primeira história, já era o convidado de honra da convenção mundial de FC. Voltou e sê-lo nas convenções de 1961 e 1976.

A maioria de suas primeiras histórias estava inserida dentro de uma cronologia da "História de Futuro" (como veio a ser conhecida posteriormente) por ele planejada o que lhes dava maior verossimilhança ainda por estarem inscritas num universo ficcional já conhecido dos leitores. Consequia fazer o futuro parecer tão crível quanto a realidade presente.

Antes de começar a escrever FC, frequentou a Universidade de Missouri e a Academia Naval de Annapolis, formando-se em 1929. Serviu à Marinha durante cinco anos a bordo de destróiers e porta-aviões, ao fim dos quais teve de ser afastado do serviço ativo devido à tuberculose, a primeira de uma série de doenças que o acompanhariam até o fim da vida.

Após ter sido reformado (como tenente), estudou física e matemática na UCLA (University of California Los Angeles), trabalhou com minas de prata

e no negócio imobiliário; meteu-se com política, a qual abandonou após ter perdido a eleição para deputado estadual da Califórnia, em 1939.

Durante a Segunda Guerra, abandona temporariamente a FC e trabalha em pesquisa de trajes para altitudes elevadas (quase um traje espacial) e de radar na Estação de Experimentos Aéreos da Marinha, em Philadelphia (local onde trabalhavam também Asimov e de Camp).

Na década de trinta, casou-se com Leslyn MacDonald, divorciando-se desta em 1947, devido a ela ter se tornado uma alcoólatra irrecuperável. Um ano depois, casa-se com a tenente da Marinha Virginia Doris Gerstenfeld, a qual havia com ele trabalhado durante a guerra. Nela Heinlein encontrou a parceira ideal : dedicada totalmente a ele e extremamente culta (era bioquímica e falava sete idiomas).

Após o fim da guerra dedica-se exclusivamente a escrever. De 1948 a 1962 escreve quatorze livros "juveniis" de FC (o que não quer dizer que não sejam bons para adultos). A principal diferença entre estes e os livros de ficção adulta é a quase total ausência de sexo e o fato de que os heróis eram sempre adolescentes chegando à idade adulta. Infelizmente estes foram os livros de Heinlein que mais cortes sofreram, pois os editores só deixavam passar aquilo que fosse "apropriado para os jovens" (na opinião deles, claro). Para a felicidade dos fãs, algumas dessas obras têm sido lançadas em versão "sem cortes" nos últimos anos.

Estes livros eram recheados de didatismo científico, mas que não afetava o ritmo da narração : Heinlein tinha a capacidade de entreter e ensinar ao mesmo tempo.

Para nós, brasileiros, o último dos juveniis de Heinlein tem um interesse especial : PODKEYNE OF MARS (63, A Rapariga de Marte) nos mostra um planeta Vênus colonizado principalmente por brasileiros, um planeta de capitalismo levado ao extremo, onde, para conseguir qualquer coisa, você tinha de "molhar" a mão das pessoas (provavelmente não com cruzeiros !). Heinlein esteve no Brasil em 1953, numa de suas quatro viagens de volta ao mundo e, posteriormente, em 1969, a convite do governo brasileiro.

Um dos juveniis, SPACE CADET (48) foi transformado em série de televisão, exibida entre 1951 e 1956; enquanto ROCKET SHIP GALILEO (47, Nave Galileu) serviu de inspiração para o filme DESTINATION MOON (50), o primeiro a tratar cientificamente os problemas de uma viagem espacial e que influenciou muito os adolescentes que anos mais tarde seriam os cientistas e engenheiros da NASA. Por este e outros trabalhos, recebeu (postumamente) a Medalha da NASA de Distinção por Serviço Público.

Paralelamente aos juveniis, Heinlein escreve vários livros de FC adulta que podem ser considerados como verdadeiras jóias da "Golden Age", como por exemplo : THE PUPPET MASTERS (51, Os Manipuladores), DOUBLE STAR (56, Estrela Oculta) e THE DOOR INTO SUMMER (57, A Porta para o Verão).

Em 1949, Heinlein escreve uma estória que teria muita influência em sua obra futura : GULF. Além de ser uma das melhores estórias da FC-espiagem já escritas e de ter um de seus personagens reaproveitado décadas mais tarde em FRIDAY (o "Chefe", Kettle Belly Baldwin), foi durante a confecção desta que surgiu a idéia (não de Heinlein, mas de sua esposa Virginia) de escrever uma versão de Mowgli para a FC : STRANGER IN A STRANGE LAND (61, Um Estranho numa Terra Estranha). Durante toda a década de 50, Heinlein escreve este que viria a ser o seu mais conhecido e provavelmente melhor livro.

Nele Heinlein colocava em evidência o ridículo dos tabus sexuais, da religião e da política; em outras palavras, toda a estrutura da sociedade ocidental.

Muitas pessoas pensam que este livro foi conseqüência da agitação social dos anos 60, mas o que aconteceu foi justamente o contrário; em 1960 o livro já estava pronto para publicação. Heinlein, sempre atento às tendências da sociedade, adiantou-se a ela na liberação e contestação dos costumes que viria a seguir. Heinlein tornou-se uma celebridade nacional.

A edição original de STRANGER IN A STRANGE LAND tinha 160.000 palavras. Após a morte de Heinlein foi lançada nos Estados Unidos uma versão sem cortes, de 22.000 palavras, ou seja, 40% maior. Aguarda-se a publicação no Brasil desta nova versão pela editora Record. Com certeza será um

grande sucesso, pois, mesmo a versão antiga, pela Artenova, está completamente esgotada.

Depois do incrível e inesperado sucesso de STRANGER IN A STRANGE LAND (foi o livro mais vendido na história da FC) as editoras não se atreviam mais a rejeitar ou cortar material de Heinlein : o que ele escrevia, vendia; e tudo acaba bem quando vende bem.

Heinlein aproveitou-se disso para escrever os livros que ele realmente queria escrever, sem se preocupar com os gostos dos editores. Retomou o universo da História do Futuro e nos descreveu as "vidas" e os amores da Lazarus Long (talvez seu personagem mais cultuado pelos fãs) em TIME ENOUGH FOR LOVE (73, Amor sem Limites). "Inventou" a viagem inter-universos e o conceito de "mundo como mito" (cada universo de ficção é um universo paralelo tão real quanto o nosso e o nosso próprio é uma ficção criada por um autor de outro universo), possibilitando a reunião de personagens de vários livros (universos) seus e de outros autores no livro THE NUMBER OF THE BEAST (80, O Número do Monstro) e analisou as conseqüências disso em seus dois últimos livros : THE CAT WHO WALKS THROUGH WALLS (85, O Gato que Atravessa Paredes) e TO SAIL BEYOND THE SUNSET (87).

Um esquema dessa multilogia de multilogias não linear aparece na próxima página (só as obras já publicadas em português), seguido da bibliografia do autor.

Heinlein foi o primeiro escritor de FC moderno a viver exclusivamente da venda de suas estórias, o primeiro a publicar FC em revistas de grande circulação e não especializadas no gênero, e o primeiro a fazer livros de FC se tornarem best sellers mesmo entre não fãs de FC. Foi sem dúvida alguma o escritor que mais influenciou a moderna FC.

---

Gostaria de agradecer a Roberto Nascimento, Roberto Causo, Ruby Felisbino Medeiros e Norton Coll que me forneceram dados essenciais para a elaboração deste artigo.

---

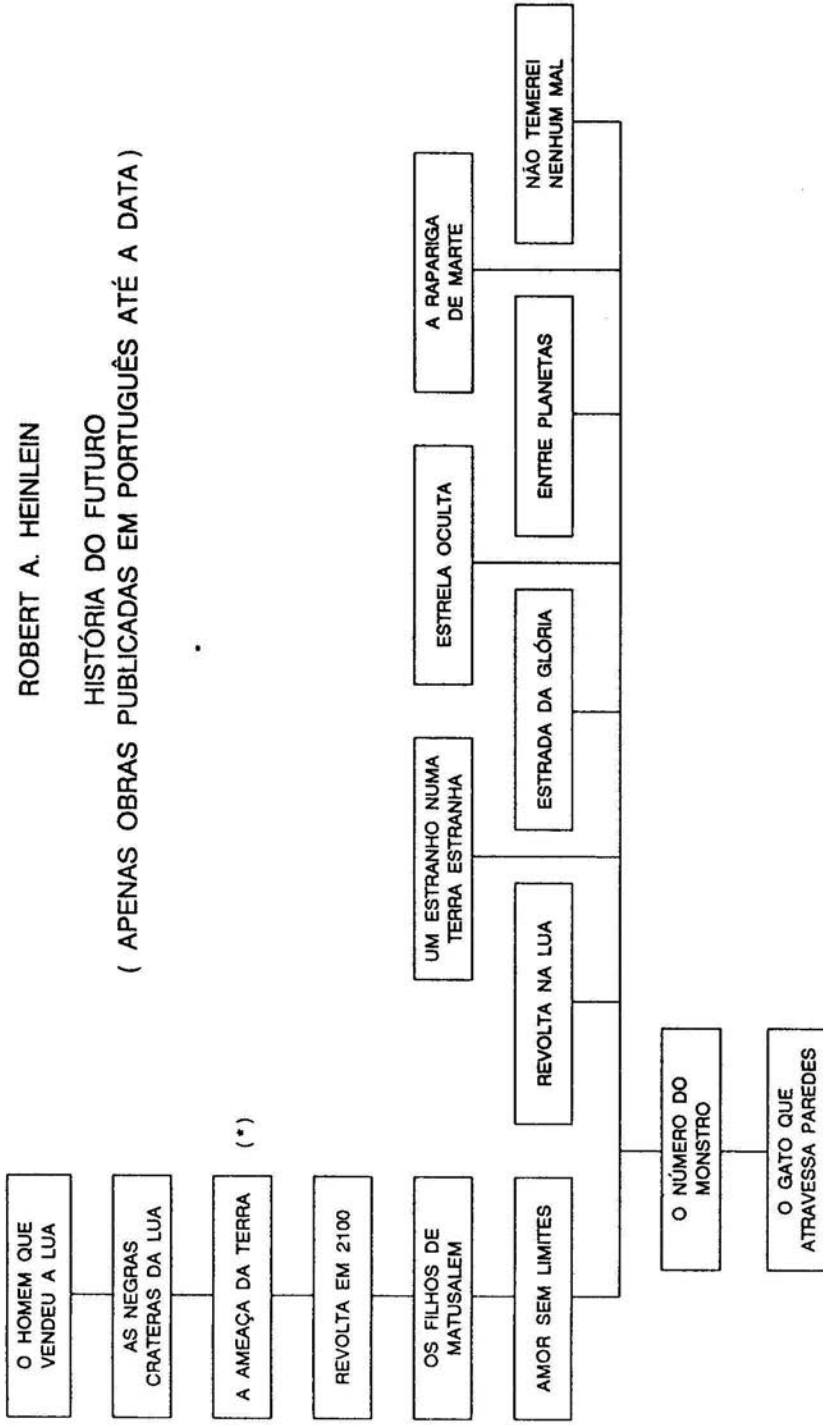
<b>LOCUS</b> P. O. BOX 13305 OAKLAND, CA 94661 USA	ASSINATURA (EM US\$)		
	NÚMERO DE MESES	VIA SUPERFÍCIE	VIA AÉREA
O MELHOR MAGAZINE DO GÊNERO.	12	40.00	64.00
VENCEDOR DE 16 HUGOS	24	75.00	108.00



ROBERT A. HEINLEIN

HISTÓRIA DO FUTURO

( APENAS OBRAS PUBLICADAS EM PORTUGUÊS ATÉ A DATA )



(\*)

(\*) Somente o conto, não o livro.

CARLOS A. ANGELO

ENCONTRO COM THOMAS DISCH  
Finisia Fideli Causo

O convite chega com o timbre do Consulado Americano. De um jeito pomposo, o Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA e a União Cultural Brasil-Estados Unidos convidam para uma palestra com o escritor norte-americano Thomas Disch numa quinta-feira 11 de setembro de 1991 às 20:00 horas.

Mas, quem é esse cara ?

Dia, hora e local marcados, lá vamos nós para o auditório da União Cultural. Melhor horário para enfrentar todo o congestionamento de trânsito da região da Av. Paulista, impossível. Chega a dar inveja verdadeira dos tele-transportes da Enterprise.

Milagrosamente, chegamos com um mínimo de atraso. O lugar é realmente interessante, o auditório muito bom, com um público razoável. O público, aliás, é o melhor da festa : todo mundo que interessa do CLFC de São Paulo, está lá. A gente fica em dúvida se não seria melhor ficar batendo-papo na platéia do que ouvir a palestra do tal Mr. Disch.

Enfim, lá vem ele, apresentado pela Adida Cultural Adjunta Gerry L. Williams : um homenzarrão de terno amarfanhado, parecido com um gigantesco bebê, careca e rosado como todo americano típico, criado com leite tipo A e proteína da melhor qualidade.

E fala, o sujeito, como fala. A tradução simultânea não chega a ser um primor de perfeição, mas dá para o gasto. Quem entende um pouco de inglês, não se aperta com a pronúncia clara e didática do palestrante. O homem conhece seu trabalho.

Fala da ficção científica do passado e do presente, menciona autores e textos, faz piadas, poucos elogios e muitas críticas. Alguns de nós duvidam se ele gosta mesmo de FC. Alguns momentos são brilhantes, algumas dicas muito oportunas, quando ele menciona, por exemplo, que uma FC brasileira deveria lidar com a temática local, como a Amazônia.

No final, após responder algumas perguntas do público, permanece a dúvida : quem é mesmo esse cara ?

Ocorre então, que o Roberto Causo não perde tempo e solicita, por escrito, uma entrevista para o fanzine Papêra Uirandê. A intensão era de que ela ocorresse por carta. Mas, surpresa agradável, Mrs. Williams telefona avisando que a entrevista será concedida pessoalmente, no Hotel Maksud Plaza, sábado dia 14 de setembro, às 18:00 horas.

Dia e hora marcados, estamos a postos. Me transformo numa fotógrafa improvisada, tendo em mente o artigo que você, caro leitor, tem a oportunidade de ler agora.

Gerry Williams fará a tradução. Porém acaba se atrasando, o que nos permite iniciar a conversa diretamente com Disch -- e sem intérprete.

Como logo fica nítido, o roliço escritor fala com muita clareza. Nós o entendemos perfeitamente. O contrário é que são elas. Mesmo com o maior esforço, parece que nossa pronúncia não é lá essas coisas.

Enfim, o homem gosta de falar. E o faz, sem parar, durante uma boa meia hora. Menciona o tamanho de São Paulo, pergunta em tom de brincadeira onde estão os papagaios empoleirados nas árvores, as cobras no meio das ruas e as piranhas.

Comenta, estarecido, sobre as fotos de um exemplar do jornal Notícias Populares que traz estampado na primeira página, dez cadáveres e muitas mulheres nuas. Perguntamos se na América eles preferem que cadáveres e mulheres nuas apareçam em publicações separadas e ele desata a rir, uma risadinha aguda e estridente. A coisa o impressionou tanto, que já virou um enredo para uma história de ficção científica que ele pretende escrever. Também quer detalhes sobre a novela Vamp da Rede Globo. Ele informa que não entendeu nada, mas gostou dos efeitos especiais das gravações.

Já esteve em Porto Alegre e Curitiba, além de São Paulo. Teve contato com escritores, professores e estudantes de vários níveis. Até o final do mês visitaria Recife, João Pessoa, Salvador, Belo Horizonte, Brasília e

Rio. Comenta várias vezes, o inesperado que as grandes capitais brasileiras representa para um estrangeiro desavisado.

Também explica que aprecia muito este intercâmbio cultural promovido pelo governo americano, que o possibilitou conhecer vários países, em muitos continentes. Confessa que, se dependesse de suas próprias economias, jamais teria condições de pagar essas viagens. Além disso, como um simples turista, teria poucas oportunidades de conhecer pessoas e falar com elas. Na sua posição atual, são as pessoas que o procuram para conversar.

Quando Gerry finalmente aparece, continuamos a conversa na recepção do hotel (até então estávamos na rua, para não nos desencontrarmos da moça).

Aí a coisa vira uma entrevista verdadeira, com gravador e tudo. Disch pode, então, elucidar alguns pontos que ficaram um pouco obscuros em sua palestra na União Cultural.

Começa dizendo que aprecia uma FC adulta, diferente daquela que é atualmente publicada e consumida à larga nos EUA. Explica que considera esses temas, sejam space-operas, sejam espada-e-feitiçaria, como "fantasia compensatória", isto é, o tipo de coisa que pessoas incapazes de se adaptar ao mundo real usam, para se refugiar num universo idealizado.

Essa é a razão pela qual desconsidera criadores de mundos como Frank Herbert e outros. Afirma que Heinlein escrevia idéias abomináveis com grande senso artístico. Considera Frederik Pohl e Ursula K. Le Guin como autores de FC de alto nível. Tece elogios aos autores da, New Wave da FC americana da década de sessenta, a qual ele pertence.

E se coloca como um autor que se interessa por temas que tenham a capacidade de criar uma extrapolação do contexto atual da situação humana.

Informa que o mercado literário americano é muito competitivo. Alguns editores só publicam livros que tenham garantia de vendagem significativa, o que profissionaliza seus autores. Isso resulta em infundáveis trilógias de fantasia clonada de Tolkien e space-opera massificada.

Como conseqüência, autores de poucos recursos são alçados ao nível profissional, e veteranos de grande talento como Robert Schekley não conseguem mais publicar trabalhos sofisticados, enquanto Clarke e Asimov reescrevem seus antigos sucessos várias vezes.

Os grandes editores não querem publicar idéias elaboradas em livro, forçando os autores a desenvolvê-las sob forma de contos.

Em compensação, editores mais modestos lançam edições menores. Assim, de qualquer forma, um autor de nível médio de vendagem nos EUA, acaba vendo suas obras publicadas.

Disch manifestou real interesse de ser traduzido para o português. Gerry nos contou que convidou muitos editores para um encontro com ele, mas apenas três compareceram. Entre eles, Pierluigi Piazzi da Editora Aleph.

No resumo biográfico fornecido pelo consulado americano, são apresentadas algumas de suas obras. Entre elas, dois romances de FC famosos: The Genocides, de 1967, que descreve uma invasão alienígena onde os terrestres são eliminados friamente, como insetos. Outro romance é Camp Concentration, de 1968, a história de um campo de prisioneiros onde algumas pessoas são tratadas com uma nova droga que desenvolve a inteligência e também causa a morte prematura de seus usuários. Ele também escreve romances históricos e poesia.

Costuma promover oficinas de criação literária para universitários e é freqüentemente convidado para atuar no famoso Clarion.

A entrevista estava no fim. Após uma animada sessão de fotos, quando ele fez questão de posar ao lado de uma vitrina de roupas infantis, trocamos endereços e prometemos manter contato com a sempre simpática Gerry Williams.

Sob todos os aspectos, foi um evento agradável e instrutivo. É bem verdade que, no primeiro contato, na palestra da União Cultural, nossa impressão não havia sido das melhores. Disch nos possibilitou, então, tirarmos nossas dúvidas, expondo seus pontos de vista com notável coerência.

Muito do que se fala da FC americana, é corroborado por outros autores de peso. Mas, felizmente, a FC é suficientemente ampla para permitir que autores e leitores se encontrem dentro de pontos de vista em comum.

Afinal, gosto não se discute ...

Enfim, enquanto não tivermos oportunidade de ler as obras de Thomas Disch vertidas para o português e pudermos confirmar na prática tudo aquilo que ele menciona em suas palestras, acreditamos que fica muito difícil saber, com certeza, quem é esse cara.

---





**FIÇÃO CIENTÍFICA ?**  
Gabriel de Paula Machado

Isaac Asimov, um dos maiores nomes neste gênero (ou, como alguns preferem, sub-gênero) literário, divide a história da FC em quatro períodos :

O primeiro vem desde os tempos mais remotos e de precursores até o ano da publicação da revista *Amazing Stories* em 1926. É uma era amorfa, sem fronteiras precisas.

De 1926 a 1938 floresce a era Gernsback, o tempo das revistas de aventuras no chamado estilo "space-opera".

De 1938 a nossos dias assinala-se a conscientização do gênero e o progressivo melhoramento de sua qualidade literária. Em 1945, com o lançamento da primeira bomba atômica, a FC entra em seu quarto período, segundo Asimov, que classificou o terceiro em duas eras : antes e depois de Hiroxima.

Os arqueólogos da FC colocam dentro do primeiro período nomes dos mais ilustres da literatura mundial bastando, para isso, que o autor em seu conto, poema ou outra qualquer forma literária, tenha ao menos aflorado algo que lembre uma busca do desconhecido capaz de responder ao anseio universal do homem pelo fantástico. E aí estão os nomes de Homero com seu monstro Briareu de cem braços, o da feiticeira Circe que transformava os homens em porcos ... aí está Siegfried a ficar invisível a custa de um manto; e as tragédias Shakespearianas recheadas de espectros ? ... Petrônio que no "Satiricon" fala de um autêntico lobisomem ? ... Nas "Mil e Uma Noites" existe um cavalo que voa através de mecanismo complicado. Ariosto em "Orlando, O Furioso" descreve uma viagem à Lua, e Kleper também ... Bacon, muito antes de Julio Verne, fala de um submarino ... Cyrano de Bergerac -- o do nariz descomunal, escreve "Uma Viagem à Lua" e outra ao Sol e, talvez, tenha sido o primeiro a supor o uso de foguetes como meio de locomoção ... Swift, em suas viagens Gulliverianas, nos fala de terras habitadas por microhomens (bem antes de Buck Rogers em suas aventuras nos asteróides !) e por gigantes e mesmo por cavalos falantes, isto em 1726. Os nomes deste primeiro período asimoviano poder ser contados às centenas. O último deles é, praticamente, Julio Verne que, no entanto, se considerava discípulo de Edgar Allan Poe, autor do pouco conhecido conto "As Aventuras Sem Paralelo do Barão Hans Phaal", um conto que, segundo o autor, "aborda uma tentativa de verossimilhança na aplicação de princípios científicos". Julio Verne faria um número extraordinário de discípulos e, entre estes, destaque, embora possa parecer estranho, o nome de Edward Bellamy (1888) com seu clássico "Daqui a Cem Anos", publicado no Brasil em 1942 pela Edições Cultura na série *Novelas Universais*, um livro de leitura obrigatória para economistas por descrever várias teorias econômicas, inclusive uma que o autor propõe para o ano 2000 ...

Não pode ser deixado de lado Mark Twain e seu "Um Ianque na Corte do Rei Arthur" que lança a idéia de um sonho hipnótico para deslocar o herói até o tempo da Távola Redonda e, finalmente, Wells não apenas com "Guerra dos Mundos" e outros clássicos mas também com uma "História do Futuro" um sério estudo acadêmico que faz parte de sua "História Universal".

Lembrando ainda os nomes de Sir Arthur Conan Doyle e E. R. Burroughs, chego a Hugo Gernsback, um luxemburguês que nos EUA lança, em abril de 1926, o primeiro número de *Amazing Stories*, pequena mas prolífica revista-mãe de numerosa e ilustre prole, recheada de contos que Gernsback chamou "scientifiction".

Gernsback é filho legítimo da era da euforia mecânica criada pela revolução industrial. Todos, deslumbrados pelas máquinas elétricas, previam um mundo maravilhoso de possibilidades que, traduzidas literariamente, novelizariam um fato ainda irrealizado mas realizável pelo progresso técnico. Como acontece com a literatura convencional, surgiram livros no chamado estilo de "ópera espacial", iniciado, talvez, com E. R. Burroughs com seu "Carter em Marte" (Sob as Luas de Marte, etc). A época ficou caracterizada pelo termo BEM, sigla de "Bug Eyed Monsters", monstros de olhos esbugalhados. O prêmio BEM era o máximo a que um autor de FC da

época poderia aspirar. É o tempo de Flash Gordon, Buck Rogers, Brick Bradford e outros heróis que, em suas aventuras espaciais, carregam, uma galante e afiada espada com a qual defendem a honra virginal de suas heroínas contra os monstros galácticos e, ao mesmo tempo, uma pistola positrônica desintegradora que nunca usam : seria anti-ético e de péssimo mau gosto !

De 1938 até hoje a FC lançou nomes dos mais respeitáveis como Aldous Huxley e seu nunca assas admirado "Admirável Mundo Novo", George Orwell e o espantoso "1984", o lírico Ray Bradbury, Heinlein, Simak, Clarke, Brown, Bester, Van Voght, Anderson, o fantasioso Wull e esse polivalente Asimov e muitos outros cujos nomes são ditos apenas no sobrenome porque conhecidos, admirados, amados pelos cientificionistas. No Brasil respeita-se o nome de Fausto Cunha. O brasileiro não sabe escrever FC porque somos um povo que não sabe sonhar, talvez porque vivemos num país onde sonhar não é preciso ! Seria um caso de injustiça se deixássemos de lado um conto escrito em 1920 por Monteiro Lobato, o "Choque das Raças ou o Presidente Negro". Há, também, entre outros os nomes de Menotti del Picchia, Jerônimo Monteiro, Rubens Teixeira Scavone, Dinah Silveira de Queiróz, Guilherme Figueiredo com sua "Viagem" onde descreve uma sociedade utópica localizada no coração do Brasil.

Afinal, que é Ficção Científica ? Não sei defini-la e acho que muitas definições tentadas falharam porque é impossível aprisionar-se a fantasia do homem nas malhas estreitas do cotidiano. Proponho-me, no entanto, a descrever o tipo de leitor que gosta de FC :

- Primeiro, seria conveniente ter nascido num dos países de origem anglo-saxã porque, assim, teria a possibilidade de ler as melhores obras de FC na língua original;

- Lá pelos doze anos com certeza apreciou as histórias em quadrinhos dos heróis intergalácticos de uma era de ouro (que saudade do Globo Juvenil !): Buck Rogers entre os asteróides, Flash Gordon no Planeta Mongo, Brick Bradford e seu balão do tempo ...

- Mais tarde leu, certamente, todos os livros de Tarzã, de Emilio Salgari, de Karl May (não um autor de FC no sentido estrito do termo mas que narra viagens ao Oriente e ao Oeste americano de maneira a inflamar a imaginação do adolescente), de Gustave Le Rouge, Hans Dominik e tantos outros;

- Adulto, compra todos os livros de FC que encontra inclusive nas línguas que domina (talvez com os dicionários ...) mesmo que em duplicata com as traduções ... gosta de emprestar seus livros aos verdadeiros apreciadores do gênero exceto alguns que podem ser lidos apenas em sua casa ... É sempre um homem que acredita sobretudo nas possibilidades do próprio homem !

Chamo a atenção para um fato curioso já antevisto por Asimov : a FC passa por fases que refletem com muita sensibilidade o que o homem julga a respeito de si mesmo e sobre o mundo em que habita. O exemplo é fácil : nesse tempo que vai dos inícios do século XX, num mundo que ingressava na era industrial, até cerca de 1940, todos os livros de FC baseados no clássico tema das raças alienígenas inteligentes, as descrevem como invasoras da Terra, um paraíso no espaço garantido por heróis do tipo loiro e atlético. O que vinha de fora nunca prestava. Hoje, ao contrário, quase todos os livros do mesmo tema descrevem os encontros do homem com outras raças inteligentes com entusiasmo e enorme esperança : elas são, quase sempre, portadoras de uma mensagem de paz, bondade, compreensão pelos problemas da Terra porque estes, sejam quais forem, são resolvíveis ! Quem apreciou "Contactos Imediatos do III Grau" está-me entendendo neste momento. Compare-se este exemplo com o descrito por Wells em sua "Guerra dos Mundos". A conclusão parece clara : a Terra, agora, não é mais o melhor dos mundos possíveis, e o próprio homem descrê de suas possibilidades de salvá-la de seus desastres inclusive ecológicos !

Terminando este breve relato, para mostrar a qualidade que se pode encontrar na FC, qualidade literária, vou transcrever pois poemas : o primeiro, de Robert Heinlein tirado de seu livro "As Verdes Colinas da Terra" (As Negras Crateras da Lua, Edições GRD, Rio de Janeiro, 1960), nos des-

creve um poema de Rhysling, o cantor cego dos espaços, vagabundo com um toque de gênio nos dedos e que morre enquanto conserta a sala de máquinas de sua nave estelar radioativada, e ditando o poema para toda a Terra; o outro, para comparação, do nosso poeta Carlos Drummond de Andrade. Afinal, na prosa o autor revela mas, na poesia, ele se revela.

"O Céu arqueado está chamando  
os homens do espaço para as novas rotas !

Quando o campo está livre, os relatórios prontos,  
quando a comporta se fecha e as luzes brilham esverdeadas,  
quando tudo está confirmado, quando é hora de rezar,  
quando o Capitão se recosta, quando a nave zarpa ...

Ouçam os jatos !  
Sintam-no roncar nas costas, Sintam a ascensão da grande nave !  
Quando todos estão presos ao cinto ... Sintam-na avançar !  
Sintam as costas oprimirem o peito ... Aço potente cobrando vida  
Sintam o pescoço repousar, sob o impulso dos jatos !  
Sintam a dor da nave que é a sua dor,  
Sintam a força que nele reside,

... e desaparecem as luzes de baixo,  
afastam-se os filhos da Terra  
salta a raça dos terrestres  
para longas distâncias com estrondosos jatos ...  
para fora, distante, cada vez mais longe ! ...

Enquanto o Tempo e o Espaço se arqueiam para edificar esta cena estrelada,  
As tranqüilas lágrimas do júbilo trágico  
continuam vertendo seu esplendor de prata.  
Através do Grande Canal ainda se erguem as frágeis Torres da verdade.  
E sua graça alada defende este lugar de Beleza serena e suave !  
Quebrados os ossos da raça que elevou as Torres,  
esquecida esta sua sabedoria.

Faz muito tempo que se foram os deuses que choraram  
as lágrimas formadoras destas pedras de cristal.  
Lentamente pulsa o coração de Marte,  
esgotado pelo tempo, sob estes céus gelados.  
O ar ténue sussurra a meia voz que tudo o que vive deve morrer ...  
Ainda, porém, as agulhas das Espirais da Verdade  
entoam madrigais de Beleza.  
Mas ela, para sempre, mora ao longo do Grande Canal !

Apodrecemos nos pântanos de Vênus,  
vomitamos ao sentir suas pútridas exalações,  
traíçoeriras são as suas selvas imundas,  
serpenteante a morte obscura ...

Exploramos cada ponto giratório do espaço  
e reconhecemos o seu verdadeiro valor;  
nos levem agora de volta para os lares dos homens  
nas frescas e verdes colinas da Terra !

Oremos por uma última aterrissagem  
sobre o Globo que nos viu nascer;  
deixem que repousemos os olhos nos céus de lá  
e nas frescas e verdes colinas da Terra" ...

O HOMEM : AS VIAGENS  
Carlos Drummond de Andrade

"O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
    lugar de muita miséria e pouca diversão,  
    faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
    toca para a Lua  
    planta bandeirolas na Lua  
    experimenta a Lua  
    coloniza a Lua  
    civiliza a Lua  
    humaniza a Lua.

Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte,  
    pisa em Marte,  
    experimenta,  
    coloniza,  
    civiliza,  
    humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.

Vamos a outra parte ?

Claro - diz o engenho  
sofisticado e dócil.

Vamos a Vênus.

O homem põe o pé em Vênus,

vê o visto - é isto ?

idem,

idem,

idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com a injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.

O espaço todo vira Terra-a-terra.

O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tiver ?

Não vê que ele inventa  
roupa insidiosa de viver no Sol.

Põe o pé e :

mas que chato que é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora

do solar a col-  
onizar.

Ao acabarem todos

só resta ao homem

(estará equipado ?)

a difícilíssima e perigosíssima viagem

de si a si mesmo

por o pé no chão

do seu coração

experimentar

colonizar

civilizar

humanizar

o homem

descobrendo em suas próprias inexploradas entranhas

a perene, insuspeita alegria

de con-viver !"



Mão sei se existe no sistema de classificação de Rotary Internacional uma como esta : Literatura, Ficção Científica.

Acho que deve existir porque o homem rotário tem todos os requisitos para ser apreciador do gênero, principalmente o de acreditar ( de credere, cor dare = dar o coração) no próprio homem e o de perseguir, sem descanso, a paz mundial através de homens de boa-vontade, profissionais competentes que têm fé que isso é possível quando se convive em torno de ideais comuns.

---

Palestra-programa feito no Rotary Club de Ponta Grossa (PR), nos anos 70.

---



O FANTÁSTICO EM MACHADO DE ASSIS  
Bráulio Tavares

A interface possível entre a FC e a literatura de Machado de Assis (1839-1908) é sem dúvida a sátira. Sua literatura não tem pontos de contato com a FC-hard, mas compartilha do sarcasmo e do absurdo de muitas histórias de Robert Sheckley, Frederic Brown, John Collier e Kurt Vonnegut. Machado não demonstra familiaridade com a literatura de Julio Verne ou H. G. Wells; o modo como ele usa a sátira indica que suas fontes são aquelas mais previsíveis num autor de sua época : Swift, Voltaire.

A influência de Laurence Sterne, evidente em Memórias Póstumas de Brás Cubas, colabora também para o tom "absurdista" de alguns contos curtos.

Embora não se possa encontrar "ficção científica" na literatura de Machado, a ciência é uma presença constante dentro dela. O realismo de Machado não foi apenas o "realismo psicológico" no delineamento dos personagens, mas um realismo que denota informação mais geral. Machado não vê, ao contrário dos autores do "realismo psicológico", o Homem como o centro dinâmico de um universo estático que serve apenas como pano-de-fundo : ele vê o universo como um entrechoque de processos aleatórios e às vezes mutuamente exclusivos, numa espécie de "darwinismo cósmico" onde a vida humana não passa de um fenômeno de segunda ordem que só tem sentido para o próprio homem.

Esse tipo de visão foi um dos elementos que mais destacaram Machado de entre os escritores da sua época. Os naturalistas brasileiros daquele período levaram seu "realismo" até um nível meramente fisiológico (Júlio Ribeiro, "A carne") ou sociológico (Aluísio Azevedo, "O mulato" e "O cortiço") : o ser humano era vítima das glândulas ou do determinismo racial. Machado dá uma dimensão mais ampla a esse realismo, e é provavelmente o único autor daquela época a empregar "metáforas astronômicas", onde o Sol, a Lua e outros corpos celestes são usados como termos corriqueiros de comparação, num contexto totalmente diverso do "firmamento poético" do lirismo da época ("Ouvir estrelas" de Bilac, etc.). Existe nele uma noção permanente e pervasiva de que o homem habita um grão de poeira à solta no Universo; seu firmamento não é o firmamento "onde os astros são abelhas / do éter na larga flor" (Castro Alves) : é o firmamento moderno de Pascal, o vazio estelar, a solidão cósmica.

Um dos principais traços do espírito de Machado é aquele que cada crítico denomina de forma diferente : amargura; cinismo; ceticismo; sarcasmo, ironia; e assim por diante. Muitas vezes esse espírito se volta contra questões imediatas : a política do Segundo Império ou da Primeira República, questões de administração federal ou municipal, etc.; isso aparece mais freqüentemente nas crônicas e contos. Outras vezes, vai fundo nas questões sociais : relação de classes numa sociedade escravocrata e moralmente corrupta, o empreguismo, a obsessão pelo dinheiro (um tema constante em sua obra). Outras vezes, não é mais o Rio de Janeiro ou o Brasil que estão em questão, e sim a própria condição humana; nesses casos, Machado usa a fábula, a alegoria e outros artifícios literários que o aproximam de Sheckley ou Vonnegut -- escritores que usam de artifícios semelhantes para tratar a condição humana com ... amargura, cinismo, ceticismo, sarcasmo, ironia, etc. Por fim, caberia também a sugestão de uma leitura conjunta destes contos de Machado com os de John Collier em Fancies and Goodnights (1951). Entre os dois há muita semelhança de espírito e principalmente de estilo : são autores que, independentemente da história que estejam narrando, lê-se com o prazer permanente de curtir a frase bem torneada, a comparação surpreendente, a descrição arrasadora de um personagem em duas ou três pinceladas, os aforismos sentenciosos e irônicos, o diálogo aparentemente banal onde os personagens se revelam por inteiro.

Nas notas que se seguem, cito o livro onde o conto foi reunido pela primeira vez (a maioria deles teve a primeira publicação em jornal ou revista). A indicação "Obras" refere-se à coleção das obras completas de Machado, da Editora Aguilar, em três volumes, sendo o segundo deles dedi-

cado ao conto e ao teatro; a indicação de página, portanto, corresponde ao volume II dessa coleção.

Lembro também a existência da coletânea Contos fantásticos de Machado de Assis (Rio : Editora Bloch, 1973), organizada por R. Magalhães Jr., que inclui os seguintes contos : "A chinela turca", "Sem olhos", "O imortal", "A segunda vida", "A mulher pálida", "Os óculos de Pedro Antão", "A vida eterna", "O anjo Rafael", "Decadência de dois grandes homens", "Um esqueleto" e "O capitão Mendonça". É interessante ressaltar que destes doze contos apenas quatro aparecem na edição das "Obras" da Aguilar ("A chinela turca", "A segunda vida", "O imortal" e "Um esqueleto"). A edição da Aguilar registra apenas os contos reunidos em livro pelo próprio Machado; grande parte de sua produção como contista ficou dispersa em revistas e jornais da época, de modo que uma pesquisa completa deverá levar em conta as numerosas coletâneas organizadas por Magalhães Jr. : Contos Recolhidos, Contos Esquecidos, Contos Avulsos, Contos Esparsos, Contos sem Data e Contos e Crônicas.

### Histórias sobre ciência

1. O ALIENISTA (1881-1882; incluído em "Papéis Avulsos", 1882). Um dos melhores textos da literatura brasileira sobre a ciência e o método científico.

2. CONTO ALEXANDRINO ("Histórias sem Data", 1884; "Obras", pag. 406) - Dois cientistas de Alexandria fazem vivisseção em homens e animais para descobrir o lugar onde se alojavam os traços do caráter e do comportamento. É um dos textos onde Machado explora mais eficientemente o tema da crueldade; há uma excelente descrição da volúpia científica com que os personagens vivisseccionam ratos (uma obsessão de Machado; vide o modo como o Fortunato de "A causa secreta" tortura ratos por prazer).

3. O LAPSO ("Histórias sem Data", 1884; "Obras", pag. 372). Tentativa satírica de explicar cientificamente por que motivo certos homens são caloteiros, enquanto que outros são crédulos. O personagem principal é um tal "Dr. Jeremias", que guarda traços de semelhança com o Simão Bacamarte de "O Alienista".

4. O SEGREDO DO BONZO ("Papéis Avulsos", 1882; "Obras", pag. 320). Apresentado como um "Capítulo Inédito de Fernão Mendes Pinto" ("A Peregrinação"). No reino imaginário de Bungo, bonzos na praça pública expõem para a multidão teorias sobre a origem dos grilos ou sobre o princípio da vida futura. Um terceiro bonzo explica ao narrador que as idéias são mais importantes do que as coisas reais; e passam a fazer experiências de convencer a opinião pública de fatos descabidos. Sátira às ciências, e à imprensa (meios de comunicação obrigando a população a pensar assim ou assado).

5. O DICIONÁRIO ("Páginas Recolhidas", 1899; "Obras", pag. 563). Um tanceiro toma o poder num reino qualquer e começa a tomar medidas ditatoriais e excêntricas. Encomenda a criação de um dicionário intitulado "Dicionário de Babel", que espalha a confusão no reino, pois todo mundo tem que falar de acordo com as cacofonias ali codificadas.

6. IDÉIAS DE CANÁRIO ("Páginas Recolhidas", 1899; "Obras", pag. 589). Descrição das sucessivas "visões do universo" defendidas por um canário, à medida que muda de moradia. Escrito provavelmente com o intuito de satirizar os políticos da época, mas se aplica perfeitamente aos cientistas.

### Fantasia

1. AS ACADEMIAS DE SIÃO ("Histórias sem Data", 1884; "Obras", pag. 459). O rei de Sião, que é efeminado, troca de corpos com sua concubina, que é máscula, através de um sortilégio mágico. O tema básico do conto é

justamente a questão : as almas têm sexo, assim como os corpos ? O resultado do conto é uma sátira às academias científicas (e academias em geral), descritas com ironia.

2. UMA EXCURSÃO MILAGROSA ("Outros Contos"; "Obras", pag. 732). Um poeta desempregado tem uma visão noturna durante a qual uma sílfide o leva pelos espaços, onde ele visita o reino das Utopias e das Quimeras. (Primeira publicação no "Jornal das Famílias", Rio, abril e maio de 1866).

3. A SEGUNDA VIDA ("Histórias sem Data", 1884; "Obras", pag. 432). Um louco descreve o que lhe aconteceu depois de ter morrido, quando teve a chance de renascer como bebê, para evitar na segunda vida os erros da primeira.

4. A CHINELA TURCA ("Papéis Avulsos", 1862; "Obras", pag. 294). Um homem lê para um amigo o folhetim teatral que acaba de escrever; o amigo "viaja" mentalmente para um universo de folhetim, onde se mete numa espécie de aventura policial. O conto não é propriamente fantástico, mas nota-se uma certa tentativa de Machado em reproduzir o clima das novelas de folhetins populares, com raptos, crimes misteriosos, figuras embaçadas, testamentos, etc.; uma espécie de Rocambole. Outro aspecto interessante do conto é sua utilização do devaneio mental como forma de evasão, neste caso evasão à presença importuna de um sujeito chato que insiste em ler para o Autor algo em que ele não está nem um pouco interessado. Dá uma comparação interessante com o texto "Antes a rocha Tarpéia", incluído no volume de crônicas, no qual Machado conta estar tendo um pesadelo (equilibrando-se à beira de um telhado, a enorme altura); quando acorda e vê que não passava de um sonho, obriga-se a dormir de novo, para gozar o prazer de um medo inofensivo; mas desta vez sonha com um sujeito chato que lê sem parar os autos de um processo.

5. O IMORTAL ("Outros Contos"; "Obras", pag. 855). Um homem torna-se imortal após provar da beberagem feita por um pajé; vive alguns séculos, desencanta-se da vida e morre quando prova pela segunda vez da mesma beberagem. Tradicionalmente avaliado pelos críticos como uma sátira de Machado à homeopatia, muito em voga na sua época. (Publicado pela primeira vez em "A Estação", Rio, de 15 de julho a 15 de setembro de 1882).

6. UMA VISITA DE ALCIBÍADES ("Papéis Avulsos", 1882; "Obras", pag. 347). O narrador recebe a visita de Alcibiades, ao ler um livro de biografias gregas. O grego se admira com os costumes modernos, e principalmente com a moda masculina. Ao ver o narrador vestir-se para ir a um baile, fica tão chocado que morre de um enfarte fulminante.

7. A IDÉIA DO EZEQUIEL MAIA ("Outros Contos"; "Obras", pag. 892). Um homem garante ser capaz de se "abstrair" mentalmente e ler o pensamento de outras pessoas; passa a conceber teorias sobre a moral humana. (Publicado na "Gazeta de Notícias", Rio, 30 de março de 1883).

Ainda a respeito da comparação da literatura de Machado com a de Shekley, Vonnegut, Brown, etc. : o ensaio introdutório de José Guilherme Merquior na edição de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" da Ed. Atica define "Brás Cubas" como "literatura menipéica", ou gênero "cômico-fantástico", cujos elementos são : 1) ausência de enobrecimento dos personagens; 2) mistura do sério e do cômico; 3) desprezo à verossimilhança, admitindo "as fantasmagorias mais desvairadas" (Merquior cita Apuleio, autor de "O asno de ouro", e Rabelais); 4) a representação frequente de "estados psicológicos aberrantes"; 5) o uso intercalado de outros gêneros (cartas, novelas encapsuladas) no interior da história propriamente dita.

Esses elementos, concentrados em "Brás Cubas", aparecem dispersos nos contos de Machado. É bom lembrar que em geral esses contos eram escritos de modo apressado, para publicação nos jornais e revistas da época; tinham um caráter desprezível, e é possível ver grande parte deles como



uma espécie de caderneta-de-anotações onde Machado ia registrando idéias para reaproveitamento futuro. No texto introdutório ao volume de contos da Aguilar, Mario Matos Observa :

"Parece que o ato de contar, para o prosador de Brás Cubas, teve duas causas : a obrigação de colaborar em jornais e revistas, com o fito de ganhar dinheiro e satisfazer a pedidos; a tendência íntima de seu espírito. O que tudo leva a dizer que são contos, na quase totalidade, escritos de ocasião, feitos sob o compromisso da hora marcada."

E o próprio Machado definia assim o conto :

"São umas vinte páginas para encher o tempo. Em falta de coisa melhor, lê-se isso, e dorme-se."

Minhas sugestões, para os que quiserem fazer um estudo mais aprofundado comparando a literatura de Machado à FC e ao fantástico :

1. Uma análise da influência do pensamento científico sobre a obra de Machado. A leitura conjunta de romances como "Brás Cubas" e a noveleta "O alienista" pode fornecer excelente material para analisar a visão-do-mundo machadiana que era nitidamente agnóstica, materialista, cética; muito próxima da visão-do-mundo de autores como Carlos Drummond de Andrade e, no caso da FC, de autores ingleses contemporâneos (quem sabe -- Aldiss, Ballard, etc.).

Um sub-tema para estudo seria a "Filosofia de Humanitas", que o vagabundo-filósofo Quincas Borba defende diante de Brás Cubas (veja-se capítulos 109 e 117), e que é retomada depois, fragmentadamente, no próprio livro "Quincas Borba")

2. Uma análise das imagens fantásticas na obra de Machado. O trecho mais famoso talvez seja o delírio em que Brás Cubas se imagina cavalcando um hipopótamo que o arrebatava a galope até a origem dos séculos, enquanto toda a história da Humanidade desfila diante de seus olhos (capítulo 7 de "Brás Cubas"). Existem outros trechos, quase sempre associados ao tema da loucura : Machado, um racionalista empedernido, só deixava a imaginação correr solta sob o pretexto da demência. Veja-se "A chinela turca", "A segunda vida", e os delírios dos doidos, descritos resumidamente em "O alienista".





TRUPIZUPE DIANTE DA MONA LISA  
 (visita espiritual ao Museu do Louvre)  
 Bráulio Tavares

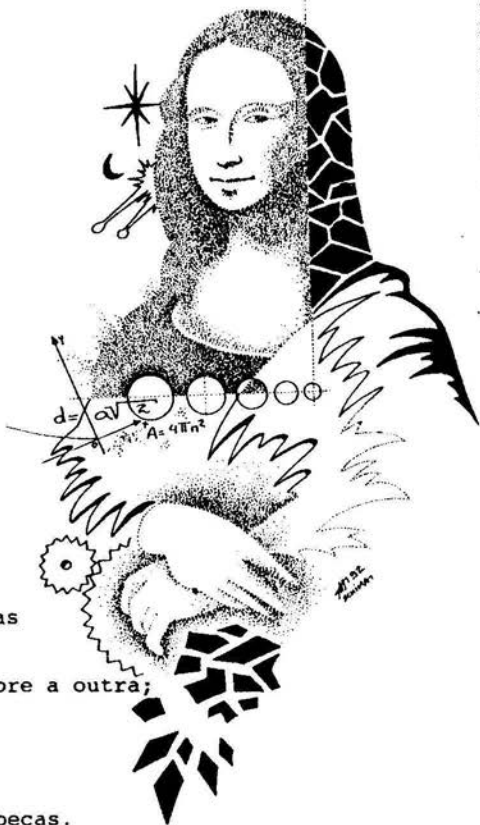
Veio o astrônomo  
 (careca e de barbas brancas)  
 e com um carvão leve  
 delineou na tela os rastros dos cometas  
 as órbitas dos satélites  
 a precessão dos equinócios  
 a coreografia das nebulosas;  
 e saiu.

Veio o geômetra  
 (enrugado e de barbas longas)  
 e mediu a regra-áurea  
 o segmento-áureo  
 a razão áurea;  
 e saiu.

Veio o engenheiro  
 (idoso e de barbas mansas)  
 e construiu o intrincado sistema  
 de roldanas & polias & carretilhas  
 & canaletas & rodas-dentadas  
 & pêndulos & alavancas & contrapesos  
 para fixar o quadro  
 e dar estabilidade ao pincel;  
 e saiu.

Aí veio o pintor  
 (homem e vestido de mulher)  
 e fez uma mulher com uma paisagem às costas  
 uma mulher perseguida por um rio serpente  
 dois anzóis repuxando o sorriso de peixe  
 e a mão que encobre a tatuagem obscena sobre a outra;  
 e saiu.

Aí veio o tempo  
 o vento  
 o ressecamento  
 e a obra-prima estilhaçou-se em quebra-cabeças.

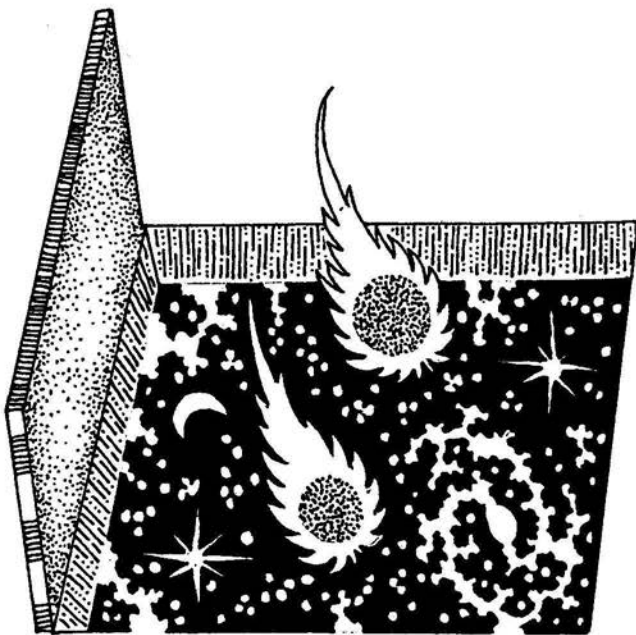


JORNADA SILENCIOSA  
Maria Helena C. S. Bandeira

No alpha-ômega do espaço puro  
corpos navegam no silencio - enfim  
No espaço pleno, vago do crepúsculo  
No espaço- planos, vagas e corpúsculos  
Vagam no espaço na noturna sorte  
Vagam silentes no destino norte  
Corpos gelados, superfícies rígidas  
carnes mortijas, olhos encantados  
passam na estrela louca, rumo forte  
vagarosos e densos  
como a Morte

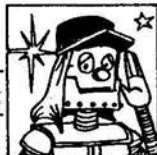
JORNADA SILENCIOSA 2  
Maria Helena C. S. Bandeira

No alpha-ômega o meu espanto  
bóia soturno por sobre as águas  
bóia, volteia, remanso para  
e recomeça sua jornada  
No alpha-ômega o meu espanto  
bóia absurdamente sobre as águas



157

SCHIMA



BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO À FICÇÃO CIENTÍFICA VENEZUELANA  
Prof.<sup>a</sup> Ingrid H. Kreksch W.

A Venezuela se caracterizou até o momento pela falta de atenção para com a Ficção Científica, como já comentou Luis Britto Garcia que escreve FC, por considerá-la um subgênero, talvez por outros fatores próprios do contexto sócio-histórico do país (falta de editoras, falta de interesse pela leitura, etc.). Entretanto, alguns poucos têm estado interessados e iniciaram um movimento nesse sentido.

Em primeiro lugar deve-se mencionar o curso de FC criado no âmbito da cadeira de Estudos Gerais da Universidade Simón Bolívar. Este curso, em inglês, foi dado pelo Prof. John Meehan desde 1980. A partir daí surge um grupo de estudantes que se reúnem em um clube, conhecido por UBIK. Além de reuniões e da publicação de seu boletim, UBIK (criado em 1985) organiza anualmente um concurso de contos. Este ano celebra-se sua oitava edição. Quando o Prof. Meehan retornou à Inglaterra, a autora deste artigo assumiu o curso (desde setembro de 1989).

Atualmente, são objetivos do curso: (1) a prática do idioma inglês; (2) a familiarização dos estudantes com a literatura de FC através da discussão de contos; (3) que o estudante conheça a história deste gênero literário; (4) que o estudante possa reconhecer os mecanismos de criação e estilística em literatura; (5) que o estudante possa reconhecer os contextos sociológicos apresentados nos textos; (6) que o estudante avalie de maneira crítica a tecnologia como agente de bem-estar social; (7) que o estudante crie obras curtas de ficção no gênero. A matéria é apresentada com o apoio de uma compilação de contos.

No início de 1991, o Conselho Nacional de Cultura (organismo estatal encarregado da organização de eventos culturais) ofereceu um Seminário de Cinema de FC. Dentre os participantes deste seminário surgiu a iniciativa de formar a Associação Livre de Ficção Antecipatória (ALFA). A ALFA já está registrada (desde agosto de 1991), com uma junta diretiva, e está organizando uma série de atividades que vão de seminários a mostras de cinema. Também se estuda para breve a edição de uma revista.

É este o panorama com respeito aos cursos e associações. Quanto a autores e livros de FC, a história é da mesma forma breve. Encontramos na Venezuela uma série de autores que têm algumas obras que podem ser classificadas como FC, mas não se pode dizer que haja algum autor exclusivamente dedicado ao gênero.

Pedro Berroeta, com sua obra "Salamandra" (Monteavila, 1973), é mencionado na Antologia de Ficção Científica Latinoamericana de Bernard Goorden.

Luis Britto García (09/10/40), a quem cabe mencionar com os livros "Abrapalabra" (1979), que ganhou o prêmio Casa das Américas, e "La Orgía Imaginária. Libro de Utopías" (Monteavila, 1984). Britto García produz muitos contos curtos, usando premissas científicas ou tecnológicas em seus textos. Ele próprio confessa sem rodeios que a FC tem sido um de seus interesses mais solitários, ou menos compartilhados.

O terceiro autor de FC é José Armando Sequera (1953), que também se dedica ao conto curto. Seu livro de contos de FC se intitula "Me pareció que saltaba por el espacio como una hoja muerta".

Recentemente Carlos Sabino publicou a novela de FC "La Religión de los Hanksis". Exceto pelos dados constantes no próprio livro, nada mais se sabe a respeito do autor.

Existe ainda uma antologia de contos de FC relacionados com computadores, por escritores de outros gêneros. O livro intitula-se "Fantasmas Computarizados" (1986) e inclui contos de Juan Nuño, Saúl Godoy, Axel Capriles, Carina Esté e M. S. Pérez Shael. "O Diário de Caracas" publicou uma antologia de FC venezuelana compilada por Julio Miranda. Além de alguns dos autores já mencionados, aparecem ali relatos



de outros autores, os quais, sem dúvida, poderiam ser melhor classificados como fantásticos, como são Julio Garmendia, David Alizo, Francisco de Venanzi, José Balza, Humberto Mata, Pascual Estrada, Ednodio Quintero, José Gregorio Bello Porras.

É provável que no futuro o gênero de FC obtenha maior relevância em nosso país, especialmente como um meio de reflexão sobre o futuro da sociedade venezuelana, e rompa assim com o preconceito que existe contra ela por considerá-la como subliteratura.

---

A autora deste trabalho é professora no Departamento de Idiomas da Universidade Simón Bolívar, de Caracas; estudiosa da FC latinoamericana, está desenvolvendo um trabalho de compilação que deverá resultar na publicação de um livro de referência sobre o assunto. Este artigo foi escrito especialmente para o *Somnium* e sua tradução confiada a R. C. Nascimento. Os estudiosos do gênero que desejarem entrar em contato com a autora para aprofundar as discussões sobre os temas abordados, escrevam para Prof<sup>a</sup> Ingrid Kreksch, Departamento de Idiomas, Universidad Simón Bolívar, Apartado 89 000, Caracac 1080, Venezuela.

---



VER O FUTURO A PASSAR  
João Manuel Barreiros

Falar da FC portuguesa, é quase a mesma coisa do que escrever um conto de FC. Para que isso aconteça, ou seja, para que haja em Portugal uma verdadeira tradição literária de antecipação especulativa, seria necessário que o nosso país fosse um outro, num universo bem diferente. O Neo-realismo, o surrealismo, o intimismo psicológico, durante anos considerados como as únicas formas correctas de escrita, destruíram por completo qualquer tentativa de seguirmos por uma via diferente. Em Portugal, os humanistas, apaixonados pelas raízes provincianas, torcem o nariz perante os eflúvios das tecnologias que teimam em desconhecer. Os indivíduos com formação científica, nem se atrevem a confiar aos colegas que estão a pensar escrever um artigo de divulgação científica, quanto mais uma obra de antecipação. A literatura de FC, persiste, ainda hoje, num ghetto feito de indiferença e ignorância, onde os livros publicados terão de ser pequenos, baratos, medíocres, mal traduzidos, destinados a serem vendidos aos alfarabistas mal sejam lidos (pois quem se atreve a tê-los, à vista das visitas, nas prateleiras das estantes?). Ficção Científica em Portugal, para o leigo literato, identifica-se, no mais vulgar raciocínio do senso comum, com o cinema, cinema esse que conceptualmente está atrasado quase sessenta anos em relação ao género que pretende imitar. Pior do que isso, quando se admite, num murmúrio culpado, que a FC é uma literatura lúdica, a reacção é de escândalo, pois como podem as pessoas pensar bem dela, quando vivem num país onde a cultura é dolorosa, onde ler cansa, onde um bom romance é aquele que mete o dedo na agonia "real" da vida quotidiana, e lá o deixa ficar durante uma eternidade de páginas? Ler um livro em Portugal, não é coisa que se faça numa paragem de autocarro, na banheira, ou antes de adormecer. Ralado com a vida, o leitor só admite que lhe falem doutras "ralações" durante as férias. Assim, ao ouvir falar de um género literário que criou uma nova materialidade, ou de um mundo inteiro completamente "reconstruído", o leitor e o crítico português consideram-no logo como um exercício da mais incompreensível vacuidade. O futuro não existe, na literatura portuguesa. Nem sequer o presente. Em Portugal, só o passado tem presença.

Quando a Editora Caminho, que, de dois em dois anos, anuncia um novo prémio, dedicado aos novos autores, recebemo-lo sempre com um misto de angústia perplexa. Quem foi que se atreveu desta vez? Como vai sendo costume, só os novos se atrevem.

Luiz Felipe Silva, autor da antologia, O FUTURO À JANELA, tem 23 anos. À parte alguns contos publicados em jornais, esta é a sua primeira experiência. Os contos, porque são os primeiros, possuem certas ingenuidades, certas tentativas de pregar uma moral humanista, que uma película de perversidade não consegue esconder. Algumas personagens puxam amiúde do proverbial cachimbo e explicam umas às outras factos que nós desconhecemos, mas que elas deveriam saber perfeitamente. Alguns contos ficariam melhorados por um "editing" mais exigente. No seu prefácio, Luís Silva fala da síntese e da ambiguidade que é característica de um conto moderno. Mas um esforço de construção de uma micro-narrativa, completa em si mesma, também é necessário. É que alguns dos contos, mais parecem projectos de futuros romances (ou os seus primeiros capítulos) do que narrativas estanques. São apenas fragmentos, (note-se o caso de OS POETAS DA RUA) sem que seja afirmado, como nas novelas extraordinárias de Cordwainer Smith, que é precisamente essa a intenção.

As influências, porque ainda demasiado próximas do autor, (ou deste vosso cronista) são por vezes demasiado claras. DOIS ESTRANHOS, UM ENCONTRO e O FERNANDO PESSOA ELECTRÓNICO, lembram a antologia de Silverberg dedicada à construção em computador de personalidades sintéticas, a partir de fontes históricas. EMBAIXADORES... (extra-terrestre confundido pela mulher do bêbado como companheiro de estroina) recorda o que se costumava escrever, nos anos cinquenta, na revista GALAXY.

Bem mais sucedidos e complexos, são os contos PEQUENOS PRAZERES INCONFESSÁVEIS (um complexo de Electra que prossegue mesmo depois da morte do pai), SÉRIE CONVERGENTE (um paradoxo temporal de crime e castigo, talvez o melhor conto da antologia) e CRIANÇA ENTRE AS RUÍNAS (exercício pessimista, à la Stephen Wull, da sobrevivência condenada ao fracasso, de uma menina numa Terra devastada por Extra-terrestres).

O FUTURO À JANELA é o primeiro livro de Luís Silva. Salvo algumas reticências, não envergonha ninguém. Notam-se aqui em embrião todas as potencialidades que irão produzir, na próxima década, um grande escritor.

Pena é que, mesmo durante o almoço da entrega de Prémios, só tenha havido olhos, entrevistas e televisão, para o autor policial.

Mas a FC já está habituada.

---

O FUTURO À JANELA, Prémio Caminho da Ficção Científica 1991, Luís Francisco da Silva, Editorial Caminho, Coleção FC Nº 137, 199 pag.

---

### A GUERRA DA MUDANÇA João Manuel Barreiros

Para começar com um velho lugar comum, tenho boas notícias e más notícias. As boas, são agradáveis, mas o peso das más (que querem, já vai sendo sina) suplanta em muito qualquer surpresa minimamente agradável.

As boas notícias devem-se à publicação em língua portuguesa do grande clássico de Fritz Leiber, THE BIG TIME (1958), sublimemente (?) traduzido com o título de O TEMPO, O ESPAÇO E O CÉREBRO. O romance é muito curto, pouco mais de cem páginas, como convinha aos orçamentos limitados das revistas americanas dos finais dos anos cinquenta. Porém, o BIG TIME está para os paradoxos temporais e universos paralelos, assim como o original ciclo da FUNDAÇÃO de Asimov está para a psichistória e os LORDS OF INSTRUMENTALITY de Cordwainer Smith estão para a engenharia genética. Foi um marco tão revolucionário no estilo e estrutura narrativa, que quase por si só despoletou todo o posterior movimento da New Wave. Ainda hoje, quando lido na língua original, possui o mesmo fascínio e impacto que certamente teve quando da primeira publicação.

Suponham os leitores a existência de duas raças, as Aranhas e as Serpentes, demiúrgicas e distantes da nossa humanidade, envolvidas numa luta incompreensível, mas que se estende através de milénios e anos-luz... Os combates realizam-se em pleno paradoxo. Permanentemente, os soldados humanos recrutados entre os mortos, jogam, através da história do nosso planeta, uma Guerra de Mudança. Introduzem a bomba atômica nas mãos do Império Romano. Dão feixes laser aos gregos para que assim possam massacrar os Cretenses. Assassnam, raptam, salvam e voltam a matar, por uma razão ou por outra, a Rainha Isabel I de Inglaterra. A História deixa de existir, porque também deixou de haver qualquer seqüência cronológica. É impossível fiarmo-nos nas memórias dos combatentes. Não passam de meras alucinações, hoje umas, amanhã outras, porque entretanto desapareceram os fundamentos em que elas se baseavam. Assim, as Aranhas as Serpentes, (cuja moral e designios são inomináveis), manipulam e alteram a "realidade" de acordo com os objetivos tácitos de uma infinita Guerra de Mudança. Tornar tudo isso compreensível, como faz Fritz Leiber em apenas umas quantas páginas é, digo-vos eu, um verdadeiro tour de force.

Como manter um semblante em ordem, no caos deste universo que se fragmenta? Leiber concebeu a existência de Lugares, uma espécie de casa de repouso que flutua no Vazio, separada dos furacões (literais) dos ventos da história, onde se reúnem os combatentes no intervalo entre duas missões, tratados por médicos, entretidos por prostitutas/gueixas e alguns "fantasmas" que só ganham realidade quando se fala com eles. Os soldados são "doppelgangers" porque atuam dentro e fora do Cosmos. O resto da humanidade, que vive sem o saber, sujeita a uma única vida e à ilusão do tempo único, Leiber chama-lhes os Zombies (afinal todos nós).

Como se isso não bastasse, eis outro golpe de génio. A narrativa, contada na primeira pessoa, não está situada em nenhum ponto apocalíptico do cenário de guerra, mas no espaço limitado das quatro salas de um Lugar de Repouso. A voz pertence a uma das enfermeiras/prostitutas/gueixas, forçada a lidar com os choques traumáticos, depressões e psicoses de um leque de soldados cujas vidas abarcam "milhões" de anos de história (ou histórias). Filho de actores, Leiber faz uso dos seus antecedentes teatrais, para que o BIG TIME resulte (e resulta mesmo) como uma tragi/comédia em forma de prosa, escrita ao estilo Isabelino. As unidades de tempo/espaço/acção estão lá todas, para quem queira ter o trabalho de as procurar. É uma novela "cerebral", difícil e sobretudo inteligente, a anos-luz dos clichés a que os filmes habituaram o leitor vulgar.

Agora as más notícias : o ciclo da Guerra da Mudança não acaba apenas com o BIG TIME. Outros pequenos contos, ausentes da presente edição (e, quem sabe, para sempre perdidos do leitor português) ficaram, sem que se perceba por que, de fora. Ei-los : TRY AND CHANGE THE PAST (1958), DAMNATION MORNING (1959), THE OLDEST SOLDIER (1960), NO GREAT MAGIC (1963), WHEN THE CHANGE WINDS BLOWS (1964) e KNIGHT TO MOVE (1965).

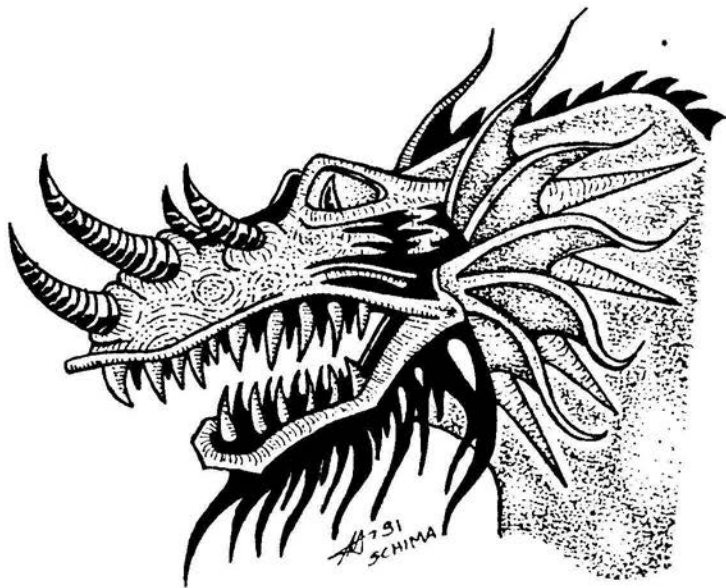
Quanto à tradução em nenhum momento consegue reproduzir o espírito da obra. Um texto penoso, carregado de pequenas e múltiplas incorreções, advérbios de modo e terminações idênticas, deixa-nos na boca um gosto amargo e a impressão de que Fritz Leiber não sabia escrever coisa com coisa. Mas a verdade é que sabia.

Ler ou não ler, eis a questão. Resta ao leitor a resolução do seguinte dilema : se valerá a pena ficar-se com as pálidas sombras de uma realidade sublime, ou escolher a treva do grande Nada, já que o vazio absoluto talvez seja preferível ao gosto requentado da mediocridade.

---

O TEMPO, O ESPAÇO E O CÉREBRO, Fritz Leiber, Trad.: António Porto, Livros do Brasil, Coleção Argonauta Nº 415, 182 pag.)

---



**SALDOS**  
João Barreiros

SALDO POSITIVO : 4.000 CRÉDITOS

Enquanto conduz a carrinha pela rampa do parque de estacionamento do Hipermercado para mais uma visita semestral, Sousa sente outro inevitável ataque de náusea resultante do condicionamento hipnótico em processo desde a noite anterior. Por momentos dobra-se sobre o volante, engulindo em seco, respirando fundo, procurando controlar-se, não vá vomitar sobre as garridas cintilações dos controles holográficos, recordando com terror sombrio quanto lhe custou a última limpeza dos estofos. Tem medo. É esta a sua terceira visita desde a Lei do Consumo Compulsivo, desde a liberalização do Mercado e sempre se deu mal, sempre, sem conseguir perceber como, excedeu em muitos créditos a totalidade da sua conta bancária. Por causa disso, para conseguir tapar os "buracos" o mais depressa possível teve de aceitar uma comissão de serviço no Afeganistão libertado, um ano para esquecer.

Agora, enquanto a carrinha desce rumo ao labirinto das garagens de segurança, computador de bordo a seguir o trilho magnético cravado no pavimento, rádio da emissora local do Hipermercado a murmurar-lhe magníficas opções de compras, Sousa pensa com pavor nas horas que o esperam, em todas as tentações que inevitavelmente irá ter de superar.

"E eu que só quero comprar a porcaria de uns congelados, duas camisas descartáveis, detergentes e comida para o gato ! Por que tenho de vir aqui ? Gastar créditos com o estacionamento ? Com os elevadores ? Com o sistema de orientação electrónica das viaturas ? Por que ? Não podiam deixar-me ir a outro lado ?"

- Bom dia, bom dia caro utente ! -- Murmura-lhe aos ouvidos o vocalizador de bordo, enquanto lá fora as sinistras cavernas do parque continuam a passar num deslizar monótono e cariado -- Os HIPERMERCADOS JÚPITER desejam-lhe uma visita profícua. Permite-me recomendar-lhe o nosso sector de máxima segurança. Se guardar aqui a sua viatura nada terá a recear das depredações de marginais extraviados. Mais vale gastar alguns créditos suplementares e fazer as suas compras em plena segurança, do que na angústia de que algo horrível possa ter acontecido ao seu meio de transporte, não acha ? Que tal ? Se decidir positivamente no prazo de dez segundos terá direito a um bónus gratuito de mais um quarto de hora.

"Céus ! Começamos bem" -- Pensa Sousa, mãos suadas a comprimir os joelhos -- "Não, não quero protecção nenhuma. Não quero pagar excessos pela porcaria do Parque !"

- Quero um parcamento standard, muito obrigado !

- Utente, caro utente, que decisão mais irresponsável a sua ! Permite-me insistir. Não faz idéia do tipo de marginais que se acoitam nos nossos parques de Estacionamento. Piores do que ratos. Deixe-me dizer-lhe por que é que ainda não foram erradicados. Devido a cidadãos pouco escrupulosos como o senhor, caro utente !

- Eu não quero nada de nada, ouviu ? -- Grita o Sousa, mãos a baterem no volante imóvel. - Nem um só crédito, entende ? Não estou aqui para ouvir as suas tretas ! Só quero um lugar junto aos elevadores e nada mais ! Que raio, será pedir muito ?

- De modo algum, de modo algum ... Aliás estamos a chegar. Vê aquela coluna com a luz de aviso, ali, à sua direita ? Sim ? Pois é o pilar do elevador para o primeiro piso.

A carrinha imobilizou-se, abandonada pelo trilho. Sousa apeia-se, pernas a tremer com o stress. "E nem sequer entrei no Hipermercado ! O que não será depois ..."

Desconfiado apalpa o bolso do casaco para verificar se os óculos electrónicos ainda se encontram na bolsa protectora aos efeitos IEM. Recomendaram-lhe que só os colocasse no interior das lojas propriamente ditas nunca antes. Os elevadores estão programados para detectar qualquer tipo



de fuga às directivas do Consumo Compulsivo. Bastava uma pequena variação do campo electromagnético e adeus óculos, adeus estratégia de defesa !

Faz escuro. Lá ao fundo, na soturnidade das cavernas de betão, ouvem-se risinhos e correrias. "Céus ! Não me digas que o computador da garagem sempre tinha razão. Há gente por aqui ! Gente que ataca os infelizes utentes. Não admira que este sector esteja deserto. E agora, que faço ?"

Sousa nunca foi propriamente um homem capaz de resolver este tipo de problemas. O escuro intimida-o. Ainda por cima um escuro povoado de coisas inomináveis. Indeciso, deixa-se ficar junto à carrinha, a saltitar de um pé para o outro, sem saber o que fazer.

- Permita-me uma sugestão atempada, caro utente ! -- Murmura-lhe o auricular alugado à entrada da garagem pela módica soma de quarenta créditos. "Caso haja necessidade de comunicar com a nossa IA de segurança durante o percurso entre o seu carro e o conforto dos elevadores", dissera-lhe o guarda dos portões. Sousa nem queria aceitar. Achava um abuso pagar tanto por uma protecção ilusória apenas por cem ou duzentos metros. Afinal ...

- Sim, sim, diga ... -- Suspira Sousa aterrado, enquanto lá ao longe, invisíveis, troam vozes, cham correntes, trocam-se comentários jocosos : "Olhem-me o consuma ! Vamos a ele, pequeninos ! Chupe-lhe a medula ! Grelhem-lhe os neurónios !"

- Nesse caso, aviso-o que deduzirei a soma de cem créditos do seu cartão de consumidor por nós retido durante a sua visita ao HIPERMERCADO JÚPITER ...

- O quê ? Seus cabrões de merda ...

- Agradeço-lhe que seja um pouco mais delicado para comigo. Não fui programada para resistir aos insultos. Posso uma sensibilidade deveras melindrosa. Levo a mal tais tratamentos, percebe ? Se julga que eu preciso da porcaria dos seus créditos para alguma coisa ...

- Pronto, pronto ... -- Responde o Sousa a morder os lábios, a torcer as mãos, já humilde. - Aceito a transferência ...

- Transferência executada. A minha sugestão é a seguinte : estás a ver aquela luzinha verde junto à coluna do elevador ? Pois bem, trata-se do sinal de presença. As portas estão prestes a abrir-se. CORRA !

- Como ? -- Pergunta Sousa sem querer acreditar. - Cem créditos por isso ?

- Por cem créditos que mais posso eu dar-lhe do que bons conselhos ? Não quis guardar o carro na zona protegida, pois não ? Corra, de que é que está à espera ?

Sousa corre. Chap, chap, pés a enfiarem-se nas poças de múltiplas infiltrações, fazendo uma vez mais uso dos músculos adquiridos durante a campanha no Afeganistão, enquanto atrás de si, os novos cavernícolas falidos desta era de consumo obrigatório, perseguem-no com o entusiasmo de quem não tem mais nada a perder.

- Não tenho dinheiro nenhum comigo, companheiros ! -- Resfolega o Sousa, ligeiro, recordando-se do que faziam os bandos de criancinhas esfaimadas aos técnicos estrangeiros. - O Hipermercado comeu-me o cartão de crédito logo à entrada ...

- Queremos lá saber da porcaria dos teus cartões ! -- Rosna-lhe uma voz mesmo nas costas.

Sousa mergulha de cabeça na caixa do elevador, espalmado-se, com o impulso, de encontro à parede do fundo. As comportas cerram-se com um silvo de guilhotina. Um berro abafado por dez centímetros de titânio soa do outro lado. Uma barra seccionada de canalização, ponta aguçada como uma lâmina tomba no fundo atetado da caixa do elevador. Parte de um braço tatuado fica a fazer-lhe companhia. Gotículas de sangue pálido esparrinham as paredes e o casaco de mil créditos em couro verdadeiro do utente Sousa. Indiferente, o elevador começa a subir, numa aceleração próxima de uma gravidade e meia.

- Andar ? -- Pergunta-lhe a voz sintética e sensual de uma holopornostar na moda.

- Géneros alimentícios ...

- O estimado utente não estará no gozo ? Unh ? Géneros alimentícios não são géneros de primeira necessidade. Impossível. Vou ter de o deixar no Piso cinquenta e nove. Existem, como sabe, escadas rolantes por toda a estrutura que o conduzirão por todas as secções requeridas por lei. Os artigos que deseja encontram-se no Piso 1.

- Mas se eu só quero ...

- Basta dirigir-se ao local desejado. Qual é o problema ?

- O problema é que eu não quero comprar mais nada !

- As minhas capacidades logísticas podem ser limitadas, mas sinceramente não computo onde possa estar o problema. Se não quiser usufruir dos seus direitos de utente, não usufrua, pronto !

"Céus !" -- Pensa o Sousa, encostado à parede mais distante do segmento de braço espalhado no chão atapetado. "Lá começa o pesadelo !"

- Pronto, chegámos ... -- Sussurra-lhe o elevador num suspiro sedutor.

- Grato pela sua companhia, feliz consumo !

Sousa encolhe os ombros. Espera que as portas se abram.

- Acabo de descontar do seu saldo a quantia de mil créditos ... -- Termina o elevador, jovial.

- Como ? É demais ! Mil créditos ? A que propósito ?

- Se quer que lhe diga, magoa-me profundamente a sua atitude. Não fui programado para aldrabar utentes. Quinhentos créditos pelo serviço de urgência a utentes em crise. Considere os gastos energéticos ... Lembra-se que fui obrigado a exceder num factor de três a minha velocidade média de descida. Cento e cinquenta créditos pelo serviço de limpeza e desparasitação. Veja a alcatifa enopada de sangue. As paredes salpicadas. Essa coisa aí caída ... Quem paga ? Eu ? Duzentos e cinquenta créditos pelo programa "Converse Enquanto Viaja".

- Mas eu não disse nada ! -- Insurge-se o Sousa. - Foi você quem falou comigo !

- Não me tivesse respondido, é muito simples ... Estamos num país livre.

As comportas abrem-se. Sousa abandona o elevador, aterrado. Ainda nem sequer iniciou as compras e já lá vão mais de mil créditos. Por este andar não tarda muito que fique como a sua mulher, que anda presentemente a perfurar a fossa do Mindanau para conseguir saldar a dívida adquirida na última visita. "Três Snowcats ! Três ! Para que servem três Snowcats numa terra como a nossa ? Vem aí uma Era Glacial," respondera-lhe ela, "temos de ser previdentes".

Sousa morde os lábios. "Eles que tentem. Desta vez vim preparado".

Leva à boca a cápsula do supressor pituitário, CONSUMEFREE. Morde. Engole. Fosfenos explodem-lhe perante os olhos. Sente-se tonto, com vertigens, como se parte da realidade, uma parte que sempre o acompanhou toda a vida, tivesse de súbito desaparecido. O mundo fica mais cinzento. A moinha de uma fome fantasma foi-se. Foi-se também todo e qualquer tipo de apetite sexual. "Ótimo ! Experimentem agora atrair-me !"

Com cuidado, ainda escondido na antecâmara do elevador, Sousa retira do bolso os óculos, enfia o microauricular, liga a bateria incorporada. à sua volta a sala digitaliza-se, escurece. A lente esquerda indica-lhe através de um vector holográfico o segmento de parede onde se encontra escondido o primeiro dispersor de feromonas. "Ah ! Ah ! Bendito Mercado Negro dos Direitos ao Não Consumo. Nem mais um crédito, percebem ?"

No corredor as paredes pulsam, disparando hologramas a velocidades só captáveis subliminarmente. Sobre os olhos, as lentes piscam, zumbem, decompondo as mensagens ocultas em flashes desprovidos de informação. Sousa pode dar-se ao luxo de sorrir.

- Guia, senhor utente ?

Um andróide vestido com uma djelaba branca, caraça do rosto a descobrir toda uma serra de dentes aguçados, indicando que estamos no ano dedicado ao fim do Terceiro Mundo, estende-lhe a prótese manual : - Chamo-me Ahmed ! Bem-vindo ao nosso estabelecimento. Que compras deseja fazer ?

- Não quero guias ! -- Responde Sousa sacudindo os braços. O micro-processador dos óculos indica-lhe que os olhos do angariador ainda não deixaram de emitir impulsos hipnóticos. - Não quero sequer conversar.

Não estou a dizer uma única palavra, percebes ? Sei muito bem o que fazer sozinho !

- Tch, tch ... utente ... Hipermercado perigoso. Muitos malfeteiros. Ahmed conhece atalhos ... Bons caminhos para chegar rapidamente onde deseja. Sem compras pelo meio. -- Em seguida num tom confidencial, quase em surdina, cuspiendo baforadas de feromonas pelos cantos da boca : - É que eu pertenço à Guilda da Defesa dos Consumidores ...

- Como é isso possível ? -- Insurge-se Sousa. - Não passas de um Extensor Comunicativo da IA deste Cibermercado. Que aldrabice !

- Utente, utente ... -- Prossegue ele sem o largar, acompanhando-o ao longo do corredor. - Ahmed é um vírus dentro do sistema. Ahmed é autónomo ... Só quero o seu bem. Por apenas duzentos créditos ...

- NÃO ! NÃO !

Sousa desvia o olhar. Mesmo à saída do corredor, a obturar a passagem para o primeiro grande salão, sorridentes, lâminas dos incisivos a descoberto, braços levantados, bigodinhos marotos a ornamentarem-lhes os lábios, esperam-no mais dez cópias do Ahmed.

- Guia, senhor ? -- Insistem em conjunto. - Hipermercado armadilhado, labiríntico. Ahmed ajuda. Ahmed amigo dos consumidores ...

- Com que então autónomo ? -- Rosna Sousa virando-se para o primeiro Ahmed. - E aqueles seus parceiros ali ao fundo, também são dissidentes ?

- Somos todos irmãos. -- Insiste o andróide. - Todos guias ...

Sousa suspira, sabendo-se cercado. - Pois que seja ! Aceito a tua proposta.

- Obrigado, caro utente. Dedução creditada a partir deste instante e por um período de uma hora.

- De uma hora ? Mas eu pensei ...

- Tempo é dinheiro. -- Responde a caraça estática de Ahmed. - e os meus serviços são preciosos. Vamos ?

Sousa acena que sim, fatalista. Os restantes andróides, pois que desnecessários, fazem-se escassos, voltam aos nichos de origem, desaparecem.

E o utente mergulha enfim na vertigem consumidora do HIPERMERCADO JÚPITER.

SALDO POSITIVO : 2.660 CRÉDITOS .

A sala tem a profundidade de um poço de setenta andares, ladeada por um corredor em espiral. O holograma de um rosto imenso, vigilante, visível de todos os ângulos, acompanha os eventuais compradores à medida que estes vão descendo. As pupilas dos olhos rodopiam, a boca abre-se e fecha-se num murmúrio imperativo : comprem comprem comprem.

Graças aos óculos Sousa consegue ignorar este tipo de ordens. Pode desviar a cara sempre que queira. Mas então deve olhar para onde ? Para as cavidades das lojas ? Para os andróides que assomam às portas procurando arrastá-lo para o interior ? E o que dizer dos seus companheiros de infortúnio, dos outros utentes que, mais pobres, ignorantes ou ingénuos, resolveram enfrentar todo este horror consumista de cara ao léu, sem terem ingerido um só supressor feromonal.

Sousa encontra-se no Hall das Inutilidades. Aqui vendem-se aparalápis cantores, aquecedores odoríficos, móveis caça-insectos, aquários ecohomeostáticos, bijuteria falante, relógios conversadores, sintetizadores de perfumes, num não mais acabar de frivolidades preciosas. Sousa já tem a casa cheia de porcarias como estas, instrumentos tão frágeis que deixam quase sempre de funcionar ao fim do terceiro mês. foi por causa delas, que a sua mulher, frenética colecionadora do desnecessário, anda a escavar no lodo oceânico sob uma pressão de várias toneladas por centímetro quadrado.

Por todo o lado, utentes capturados deixam-se absorver pelas bocas dos diversos estabelecimentos, olhar perdido num pesadelo de posse ininterrupta, dedo levantado a concordar com a transferência dos saldos, ombros abraçados pela mão amiga de um Ahmed de serviço. Indiferente e triun-

fante, Sousa vai descendo a rampa de acesso rumo ao piso inferior, andróide logo atrás, a segurar-lhe o cotovelo, tentando travá-lo.

- E o que deseja o meu amigo, unh ? Ahmed indica. Ahmed aconselha.

- Não quero absolutamente nada. -- Responde-lhe Sousa. - Só comida para mim e para o gato. Vamos !

- Ah ! -- Exclama o andróide, triunfante. - O caro utente gosta de animais ?

- O raio do gato não é meu. Pertence à minha mulher. Mas vocês lixaram-lhe a vida. Obrigaram-na a trabalhar. Agora quem tem de tomar conta dele sou eu.

- Mesmo assim não quer dar uma alegria ao bichinho da sua senhora ? Insiste Ahmed. - Comida em biscoitos ? Acha que ele gosta ? O caro utente gostaria, se estivesse no lugar dele ? Claro que não. Um gato é um predador. Estaríamos a negar sua natureza se não o deixássemos caçar !

- Quero lá saber se ele caça ou não. -- Responde Sousa, enxotando.

Ahmed, sacudindo o cotovelo que ele insiste em agarrar, olhos fixos nas setas holográficas que indicam o corredor de saída do Hall das Inutilidades.

- E se lhe oferecesse um rato sintético. Um ratinho feito de proteína pura criado nas cubas da Sociedade dos Amigos dos Predadores ? Protecção garantida, caro utente. Tempo de vitalização de dois dias após o desempacotamento. Programado para fugir e evadir-se com três níveis de dificuldade. Que tal ?

- Não !

- E uma coleira conselheira ? Coleira que fala com o seu gato e o avisa dos perigos iminentes quando os donos estão longe ?

- Não, raios, não ! Só quero biscoitos, estupor de cibersistema !

- Está a insulta-me ? -- Espanta-se Ahmed.

- O que é que, achas ?

- Nesse caso terei de lhe cobrar a quantia de vinte créditos por tentativa de perturbação e desestabelecimento dos meus neurosistemas ! BIB ! Desconto feito.

Sousa perde a cabeça. Agarra Ahmed pela túnica e sacode-o. - Estou farto, percebez ? Farto ! Farto ! se não me levares imediatamente embora daqui estoiro-lhe com todos os neurocircuitos.

- Violência sobre propriedade alheia ? Cinquenta créditos. BIP. Intimidações e ameaças. Cem créditos. BIP.

Agressões a Ahmed são coisas comuns em Hipermercados. Mesmo assim sempre são capazes de distrair utentes menos alucinados. Grupos de cidadãos com saldos já próximos do negativo juntam-se à volta de Sousa. A comentar. A aplaudir. A tentar vender palpites.

- Vejam ! -- Comenta outro Ahmed, servindo-se do seu amplificador de voz para que todos o ouçam. - Está a tentar lançá-lo pelo poço central

- Não estou nada ! -- Responde Sousa ao descobrir no que se meteu, procurando libertar-se do andróide esbracejante que, aos poucos, em discretos estertores, o vai arrastando até junto do corrimão.

O gigantesco holograma vira-se para o Sousa, parece olhá-lo olhos nos olhos, sacode a cabeça, chocado.

- Parte o gajo ! Quebra o cabrão ! -- Incitam-no alguns utentes entusiastas.

- Ajudem-me ! -- Pede o Sousa. - Ele está a fazer de propósito !

- Socorro ! Socorro ! -- Grita Ahmed. - Ai que eu caio !

Arrastado pela força bruta do andróide, Sousa não tem outro remédio senão deixar-se levar. Por momentos pensa que o vão atirar ao poço. Que a IA do Hipermercado enlouqueceu. Que se diverte a eliminar um utente de vez em quando. Mas não. As intensões são outras. Claro. Ao fim e ao cabo é Ahmed quem cai, a esbracejar como se fosse gente, por cima do corrimão, arrancando com uma das mãos os óculos disruptores do Sousa. PAF, BANG, nível após nível, fundindo holoprojectores, altifalantes direccionais, numa sinfonia de cristais estilhaçados, chapas amolgadas, cabos bissectados.

Sousa grita, "Não !", como se gritar servisse para alguma coisa. Há quem o aplauda. Há quem lhe dê palmadinhas no ombro. "É assim mesmo !

Abaixo o consumo compulsivo ! Vai-te a eles, utente !"

- Mas eu não fiz nada ... -- Procura desculpar-se o Sousa. - É tudo encação. O Guia lançou-se de propósito ! Estou inocente !

Falta-lhe a voz. De súbito descobre que o seu apartamento se encontra totalmente desprovido das últimas comodidades. "Que vão dizer os meus colegas ? Que vai dizer a minha mulher quando voltar da Fossa ? Como é possível viver numa casa sem um adormecedor Toshiba ? Oferecer comida não cromatizada ? Onde tenho andado com a cabeça ? Como é que eu vou conseguir expulsar os vendedores de Enciclopédias, se ainda não implantei na porta de entrada um sonodisruptor ? Céus, tanta coisa a comprar ? E os créditos que são tão poucos ..."

- Guia, amigo utente ? -- Pergunta-lhe um Ahmed.

- Guia ?

- Tenho o penoso dever de informá-lo que a IA do nosso Hipermercado o considera responsável pela destruição com o máximo de prejuízo de um dos seus extensores comunicativos. Cinco mil créditos, taxas e juros excluídos. BIP. Infelizmente o irmão Ahmed arrastou na sua queda mil créditos de material electrónico. BIP. Dedução feita.

- Estou inocente ... -- Responde o Sousa completamente desinteressado, a pensar se deverá ou não comprar um quadro ciclorama para encher a parede do fundo do apartamento. Modelo quatro ou cinco ? E quantas horas entre cada ciclo ?

- Não é essa a posição dos nossos peritos. Aliás a comunidade Islâmica exige igualmente uma multa de onze mil créditos por atentados à integridade dos países do Terceiro Mundo. BIP. Dedução feita.

"Os óculos !" lembra-se de súbito o Sousa tomado de terror. "O estu- por do andróide arrancou-mos quando caiu. Os hipnoglifos ! Estou comple- tamente indefeso !"

Sousa perde o norte. Tem fome, tem sede, encontra-se num estado da mais profunda angústia. Sente-se destituído. Sente-se menos do que os outros. Tem de comprar um carro novo, já que a sua carrinha deve ter sido destruída pelos garajícolas. Tem de comprar acessórios para o carro. Pelo menos uns dez pneus de reserva. Tem ...

- Guia, senhor ? -- Insiste um novo Ahmed.

Sousa acena que sim, olhos vítreos, feliz por ainda não conseguir cheirar nada. Do mal o menos.

- Onde é que deseja ir ?

Sousa faz um esforço para se lembrar. A lista possível de compras é tão extensa ...

- Comida de gato ?

- Oh, o caro utente já conhece os últimos acessórios EncantaFelinos ? Permita-me que ...

E o universo inteiro desagrega-se aos poucos numa agónica explosão de desejo.

SALDO NEGATIVO : 400.000 CRÉDITOS

Aos poucos Sousa volta a si. Encontra-se recostado num sofá de couro genuíno frente a uma secretária. Sente-se como se estivesse a recuperar de uma ressaca violenta. Tremem-lhe as mãos. Tem a camisa empapada num suor ácido. A garganta doi-lhe como se tivesse passado horas a gritar. Efeitos secundários dos choques feromômicos ? Vá-se lá saber ...

- Então como está o caro utente ? -- Pergunta-lhe o Director das ven- das a crédito.

Só então Sousa descobre que estão a falar com ele, que a pergunta já deve ter sido repetida uma boa dezena de vezes, numa paciência fria e monótona. Pisca os olhos. Sacode a cabeça. Tossica para aclarar a garganta.

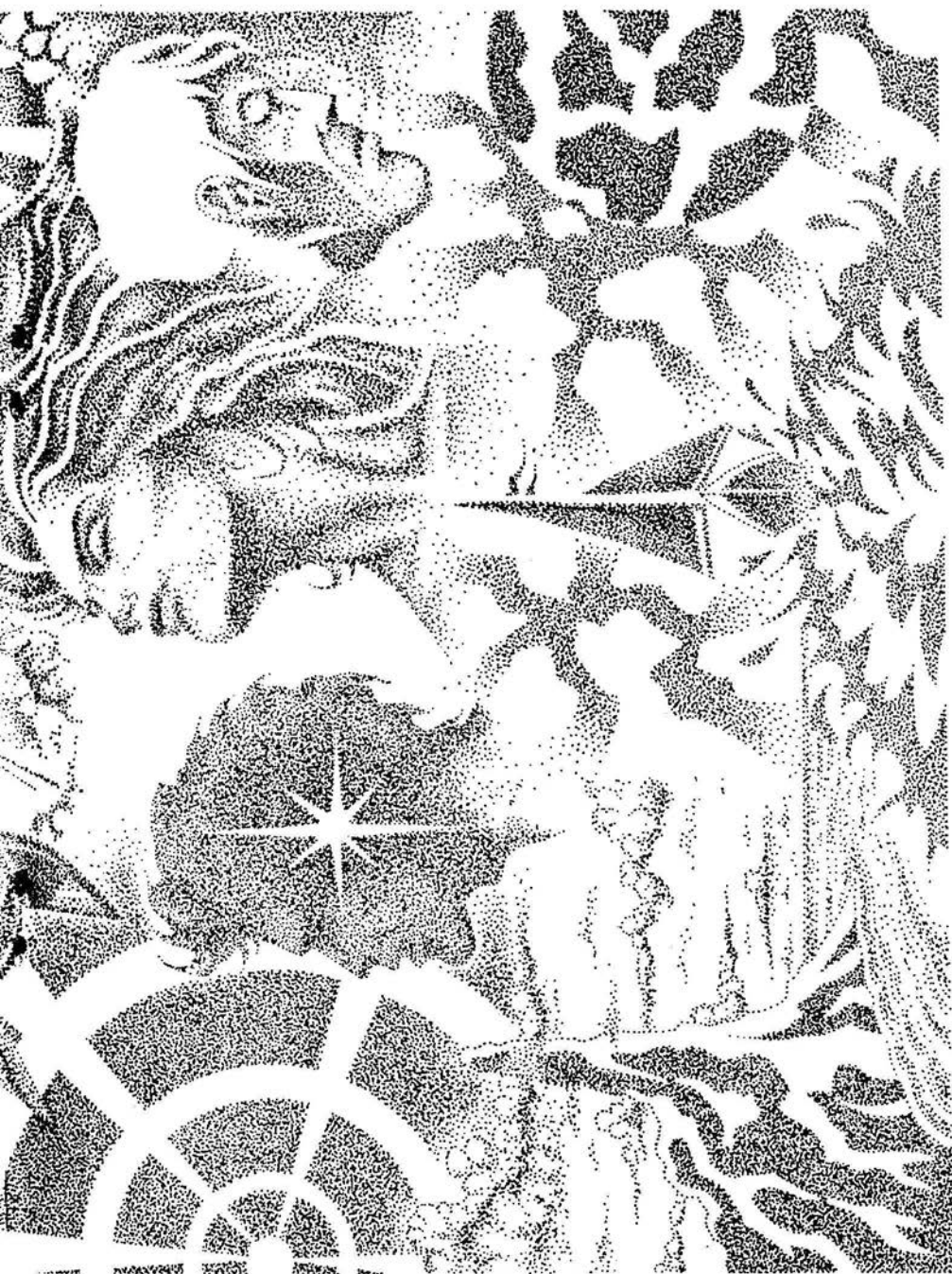
- Uma pastilha de mentol ? -- Pergunta o Director, solícito, esten- dendo-lhe uma terrina cheia de HALIVITS.

- Obrigado ... -- responde o Sousa estendendo um braço trémulo e in-









ROBERTO SCHIMA 4-1 0.1/93





seguro. A pastilha desfaz-se-lhe na boca numa confusão de impulsos gustativos.

- Ora bem ... -- Sorri o Director. - Meio crédito a acrescentar ao seu saldo !

- Como ?

- Já se deu conta, caro utente, que excedeu apenas em duas horas o crédito que lhe foi atribuído em mais do que quatrocentas mil unidades ?

- NÃO ! -- Grita o Sousa soerguendo-se do sofá que se lhe cola ao corpo num amplexo vital. - Impossível. Não pode ser ...

- Pode, pode ... -- O Director consulta arquivos, aponta o écran do terminal sobre a secretária imaculada. - Veja. Dois automóveis novos. As despesas da garagem. A destruição viciosa de um dos nossos extensores comunicativos ...

- É falso ! -- Insurge-se o Sousa. - Fui tramado !

- Prove-o ! -- Prossegue o Director. - Cinco coleiras conselheiras. Vinte biosimulacros de ratos criogenizados. Duas sexidróides para perversões orais. Duzentas cápsulas de supressores pituitários tendo em vista eventuais futuras visitas ao nosso estabelecimento. Etc, etc, etc. Taxas, impostos, deduções, enfim, contas feitas, um saldo negativo de quatrocentos mil créditos como já referi ... Como pensa pagar tudo isto, unh ?

- Não quero nada. Nada, ouviu ? Devolvo tudo !

- Utente, caro utente ... -- Ralha-le o Director, compassivo. - Então, sabe perfeitamente que, no segundo onde a transacção for efectuada, todo e qualquer bem de consumo se desvaloriza. Sinto muito, mas não podemos aceitar de volta os seus artigos ...

- Nem sequer com desconto ? -- Implora o Sousa.

- Por ser para si, aceitamos tudo de volta com um desconto de noventa

...

- NOVENTA ?

- ... por cento. Regras da Companhia. Quer ? Ótimo. Desconto feito, ainda nos é devedor de trezentos mil e novecentos créditos, aplicadas as taxas regulamentares aos productos em segunda mão. Como pensa pagar-nos ?

- Estou bem servido, não é verdade ? -- Pergunta um Sousa vencido, a afundar-se no amplexo do sofá.

- Não é nada que não se resolva com alguns anos de trabalho ... Concorde o Director na figura de um amigo e confidente. - Que tal uma comissão nas minas de Ceres ? Unh ? Ou a captura de voláteis na Nuvem Oort ? Interessa-lhe ? Tem um gato, não tem ? Nós congelamos-lhe o bichano até voltar ou a sua mulher terminar o contracto conosco. Os preços deste tipo de serviço são módicos e acessíveis. Ou prefere zonas mais quentes ? Já ouviu falar do projecto de terraformação de Vénus ?

À medida que assume a sua derrota Sousa começa a chorar. Desta vez não é nada que se resolva com uma estadia no Afeganistão. É algo de muito pior. Vai ter de trabalhar, muito, muito longe de casa, junto à fornalha do Sol ou na periferia gelada dos mundos exteriores ... Os dados estavam viciados à partida, mas mesmo assim custa a perder. Deixou de ser um Utente Consumidor.

Agora é, oh horror, oh humilhação, um PRODUTOR.

• • •



TERÁ SIDO UM ERRO ?  
Sergey Strel'chenko

- Malditos dentes ! Será que me verei livre dessa dor, nem que seja daqui a uns dez anos ? Claro que não. Primeiro eles irão descobrir a cura do câncer, a cura da lepra ... -- Howell engoliu uma pílula e deu alguns passos na direção da parede, onde estava pendurado um calendário feito por ele mesmo. - Hoje é o 1.095º dia . três anos, exatamente. É ... é simbólico.

Depois de lavar-se às pressas, resolveu cancelar o café-da-manhã, e desceu as escadas que conduziam ao laboratório em cuja construção vinha empregando todo o seu tempo útil.

Pela aparência do equipamento que ocupava todo o vasto espaço subterrâneo da Green Villa, nenhum leigo seria capaz de fazer idéia do objetivo e da natureza do trabalho que vinha sendo desenvolvido ali. Havia frascos cilíndricos de vidro fixados em suportes redondos de cortiça, um vaso transparente em forma de ânfora, e um emaranhado de fios de várias cores e espessuras.

Tudo isso recobria três das paredes do aposento, rodeando uma pequena plataforma em cujo centro havia um círculo com cerca de um metro e meio de diâmetro.

Sentado numa poltrona colocada de frente para a plataforma, na extremidade oposta do recinto, Howell acendeu as luzes e ligou o botão que fornecia energia ao aparelho. Dentro de poucos segundos um ponto vermelho começou a brilhar no centro da ânfora transparente. Movendo-se na direção do círculo, ele cresceu até se transformar numa bola com um metro e meio de diâmetro. A bola, que parecia flutuar num espaço vazio e sem luz, começou a mudar de cor, passando de vermelho para um branco-azulado de luminosidade ofuscante. Depois de atingir o ponto máximo de luminosidade, o brilho começou a diminuir, e aos poucos a bola foi se tornando transparente.

Por fim, uma ondulação se propagou ao longo de sua superfície, expandindo-se até ocupar por inteiro o espaço delimitado pela plataforma. Na névoa fosforescente que flutuava nessa região, começaram a surgir as silhuetas de alguns objetos, e os movimentos de seres humanos cujas feições pareciam estar fora de foco. Em seguida, a névoa desapareceu por completo e Howell viu-se diante da imagem de uma parte do seu escritório no andar de cima da Green Villa, e viu a si mesmo em companhia de uma jovem loura e de um homem alto e corpulento. A julgar pelos movimentos labiais e pela gesticulação agitada do homem, estavam em meio a uma discussão acalorada. Aquela imagem silenciosa sustentou-se durante cerca de meio minuto, e desapareceu de súbito.

De volta ao escritório no andar superior, Howell abriu seu diário e concluiu as anotações que tinha deixado incompletas :

"A experiência foi concluída com êxito. Consegui atingir um período situado daqui a dez anos, e vi uma parte desse mundo futuro. Qualquer cartomante pagaria uma fortuna por uma possibilidade como esta.

"Podemos supor, após esta primeira experiência com a cronocâmera, que, a despeito da opinião de inúmeros céticos, o mundo de daqui a dez anos não estará transformado num deserto nuclear. Esta é uma conclusão geral. Se não for assim, como explicar a cena que presenciei ?

"Agora, uma conclusão mais específica : a Green Villa não será destruída pelo fogo, nem pela queda de um meteorito. Quanto a mim, estarei com cabelos longos e barba, e ainda estarei recebendo visitantes no meu escritório do primeiro andar, como faço habitualmente.

"Não sei quem poderá ser o tal homem corpulento, com cabelos encaracolados, cortados bem curtos. Não conheço ninguém parecido, nem em meus negócios pessoais nem no mundo científico. E não conheço ninguém que possa estar com aquela aparência daqui a dez anos. É possível, e até mesmo provável, que ele seja um representante de alguma empresa interessada em meu trabalho, e, a julgar pelo modo excitado como ele falava, parece que meus negócios não estarão indo tão mal no futuro.

"Quanto à moça loura, parece um pouco com Idris Lee. Atualmente, ela é considerada por todos como uma estrela de cinema de primeira grandeza, embora ainda no início da carreira.

"Não vejo sentido em ficar esmiuçando hipóteses para saber quem são eles ou o que vieram fazer aqui. O mais importante é que o Howell do presente viu a si próprio no futuro. Isso significa que eu estarei vivo daqui a dez anos; estou firmemente convencido disso.

"Porque um homem que viu a si próprio, vivo, no tempo futuro, pode se sentir totalmente protegido contra acidentes e contra atos premeditados que ameçam sua vida no presente.

"Ele pode até mesmo se ver a ponto de ser esmagado pelas rodas de um trem: mas esse trem acabará descarrilhando, ou será bombardeado por terroristas durante o trajeto, talvez até no derradeiro instante; ou terá havido uma greve dos ferroviários, ou o percurso do trem será simplesmente modificado. E não está excluída sequer a possibilidade de que esse homem possa afastar sua cabeça dos trilhos no último minuto. Esse homem poderá beber veneno -- mas talvez ele confunda o frasco de veneno com o de outra substância, ou talvez o veneno não tenha efeito algum sobre ele.

"É difícil dizer com precisão o que aconteceria se esse homem, com a intenção de quebrar a conexão causa/efeito, se jogasse do alto de um arranha-céu ou mergulhasse num cadinho cheio de aço em fusão; mas ainda assim ele permaneceria vivo, uma vez que aquela variante futura não poderia ser modificada por nenhum ato ocorrido no presente.

Quando terminou de escrever, Howell pegou uma pistola de dentro de uma gaveta e encostou o cano na testa. Ouviu-se um estalido seco. "Tem que ser assim," disse o experimentador, e puxou o gatilho novamente. Um tiro ressoou no aposento.

\* \* \*

O homem de cabelos longos e barba negra colocou a pistola sobre a mesa e ergueu as mãos num gesto fatigado.

- Não adianta, Dave, francamente -- disse o homem corpulento, em tom impaciente. - Procure lembrar que esse Howell está parado na fronteira que separa a vida e a morte, e está prestes a atravessá-la com um único passo ...

- Chega; Henry -- disse a moça loura, uma estrela de cinema no auge da fama, interrompendo o que ameaçava se tornar um longo e exaltado monólogo. - Descreva melhor como a cena deve ser. Howell, quer dizer, David entra, pega a carta ... e o que é que eu devo estar fazendo nesse instante ?

O diretor, embora ansioso, não respondeu de imediato: ele considerava aquela cena como o clímax do filme, e ainda não tinha uma idéia clara de como ela deveria ser.

\* \* \*

A morte daquele cientista jovem e promissor tinha dado origem a uma infinidade de boatos. Inúmeras versões surgiram: desde a morte em resultado de uma experiência mal sucedida até o suicídio em virtude de uma desilusão amorosa. A verdadeira causa permaneceu desconhecida, porque, enquanto ele escrevia as derradeiras palavras em seu diário, um incêndio causado por um curto-circuito no laboratório começava a se alastrar por toda a casa.

Alguns dias depois, um jornalista que tinha sido seu amigo publicou um artigo onde, de modo minucioso e bem documentado, avaliava o grau de probabilidade de cada uma das diferentes hipóteses, dando ênfase à versão menos romântica de todas.

Quatro anos depois, o jornalista publicou um livro baseado nesse artigo que escrevera. O livro tornou-se um grande sucesso. Sua popularidade se devia ao fato de não se basear numa história inventada, e sim na vida de um homem real e falecido há pouco tempo; um homem que o autor do livro tinha conhecido pessoalmente. Dentro de mais seis anos,

Henry Styron, o famoso diretor de cinema, decidiu fazer um filme baseado nesse "best-seller". A locação onde foram rodadas as cenas mais importantes do filme foi a Green Villa, que foi reconstruída de modo a readquirir, na medida do possível, sua aparência original. O diretor orgulhava-se do fato de que o ator encarregado do papel principal tinha uma espantosa semelhança com o homem cuja vida estava sendo contada.

Sergey Strel'chenko foi eleito em 1989 como um dos dez primeiros autores jovens de literatura de FC na então URSS. Este conto, com tradução de Bráulio Tavares, foi publicado nada menos que sete vezes com uma tiragem agregada de 588.310 cópias! Se você estiver interessado(a) em entrar em contato com o autor deste trabalho, escreva para Sergey Strel'chenko, Tsiolkovsky 21 K 85, Volgograd, Russia 400074.



**CLUBE DE FICÇÃO CIENTÍFICA ANTARES**  
Fundado em 15 de Fevereiro de 1982

Desde o início deste ano o nosso Clube está em processo de integração com o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), através da realização de reuniões únicas, do estímulo à promoção de atividades em comum e da adoção de uma publicação -- o Antares -- por ambos os clubes, no Rio Grande do Sul.

Entendemos que é hora de tornar definitivo este processo. Deste modo, solicitamos que os sócios e colaboradores do Clube de Ficção Científica Antares passem a se comunicar e fazerem suas assinaturas de publicações diretamente com o CLFC-RS, ao qual estamos totalmente integrados a partir da presente data, sob a denominação única de CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA - NÚCLEO RS, ao qual passamos os direitos de publicação, reprodução e uso do fanzine Antares e das publicações denominadas Antologia Antares, Memória Antares e Catálogos de Ficção Científica Antares.

Também são transferidos ao CLFC-RS os direitos de promoção, uso e divulgação do Prêmio de Ficção Científica Fausto Cunha, promovido bianualmente pelo CFCA desde sua fundação.

Porto Alegre, 12 de dezembro de 1992

Jane Terezinha Mondelo de Souza  
Fundadora - CFCA

-----oooooooo000000oooooooo-----

**CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA**  
Fundado em 15 de Dezembro de 1985

**RESOLUÇÃO DE DIRETORIA**

De acordo com Resolução Interna de dezembro de 1992, a Diretoria do Clube de Leitores de Ficção Científica resolve :

1. Conhecer oficialmente e acatar formalmente a decisão do Clube de Ficção Científica Antares (CFCA) de se integrar ao Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), transferindo para este os direitos sobre os Fanzine Antares, Antologia Antares, Memória Antares, Catálogos de Ficção Científica Antares e Prêmio de Ficção Científica Fausto Cunha;

2. Delegar ao CLFC-RS, na pessoa de seu Representante Oficial, a responsabilidade pela fiel administração dos direitos de publicação dos Fanzine Antares, Antologia Antares, Memória Antares, Catálogos de Ficção Científica Antares e Prêmio de Ficção Científica Fausto Cunha.

São Paulo, 21 de dezembro de 1992

Luiz Marcos da Fonseca  
Presidente - CLFC



SURYA

José Carlos Neves

Gelson ajeitava a gravata de seda em frente à paredespelho visivelmente nervoso com a demora de sua mulher para se arrumar. Nem com outros dez anos de convívio se acostumaria mesmo ... Também detestava dar nó em gravata.

Mas aquele jantar de negócios com a extraterrestre Surya era muito importante, talvez um dos mais importantes de sua longa carreira, e ele precisava fazer boa figura. Afinal, aquele seria um contato final para a assinatura de um contrato de milhões de dólares. e sua comissão seria bastante polpuda.

A tensão brotava em gotículas de suor sobre as rugas de sua testa, como a desafiar a monitorizada temperatura da casa-inteligente. E para completar o quadro rotineiro, sua aparência era posta à prova pela enésima vez por seu casal de filhos. Estavam sentados com as pernas cruzadas no centro da imensa cama poliédrica. O menino de quatro, a menina de seis anos.

- Pôxa, papai ! Deixa a gente ir com vocês. -- Choramingou o garoto.  
- Por favor, dão um tempo, ok ? Nós já estamos atrasadíssimos. --

Respondeu Gelson.

- Mas responde pelo menos -- Intercalou a garotinha. - Por que a gente não pode ir com vocês ?

- Já falei para vocês mil vezes que é um jantar de negócios, que só vão adultos.

- Mas por que só vão adultos ? -- Insistiu o garoto, como sempre fazia.

- Porque já é muito tarde e lá não vai ter papo para crianças.

- Mas por que não vai ter papo para crianças ? -- Estava na insuperável fase dos porquês.

- Não tem mais porquês. Já expliquei tudo e não suporto vocês me enchendo o saco. -- Finalizou Gelson. E emendou - Vou contar até três para vocês irem para a cama dormir ou ver algum programa na holotevê. E eles saíram do quarto, também como sempre, chorando, em côro, à procura da mãe, que estava no closet.

Gelson terminou de pentear os cabelos prateados, pôs algumas gotas do seu perfume na nuca e nos pulsos, antes de fechar as abotoadeiras de ouro do terno de casimira e, com um suspiro de alívio, deu a ordem sonora para a parede se desespelhar.

- Vamos, amor. Já estamos em cima da hora. -- Chamou, disfarçando o melhor que pôde a sua impaciência.

Helga entrou no quarto esbaforida -- "Com os meninos atrás, claro !" - se apertando toda dentro de um vestido longo todo negro, modelo exclusivo, com generosos decotes na frente e nas costas, coberto de forma assimétrica por strás iridescentes. Na mão, um copo de uísque, sem gelo.

- Pôxa ! Até agora não sei se estou bem nesta merda de roupa. -- Resmungou contrafeita entre um gole da bebida e a ordem para a parede voltar a se espelhar. Sua luz mostrou uma mulher loura, olhos cinzas, um pouco mais alta do que o marido, nariz arrebitado e que, mesmo aproximando-se dos quarenta, conservava uma aparência juvenil. Era monitora de ginástica.

Viu no espelho Gelson se aproximando por trás e sentiu que ele tentava acalmá-la, quando enlaçou-a com os braços e disse :

- Que nada ! Você está lindíssima . A ET vai ficar com inveja. -- Exagerou um pouco, pois aquilo sempre funcionava. Ou, pelo menos, ela o deixava pensar que sim. Me engana, que eu gosto.

- Mamãe, por que a gente não podemos ir com vocês ? -- Voltou a inquirir seu filho, inconsciente de como falara errado e mais preocupado com



o que tirara do nariz com os dedinhos. Gelson coçou a cabeça e não deixou Helga responder, esbravejando ameaçadoramente :

- Mas que meninos impossíveis. Assim não dá. -- E saiu do quarto.

- Olha, se vocês ficarem bonzinhos, amanhã a mamãe leva vocês para a academia com ela, ok ? -- Mas a esta tentativa de Helga em apaziguar as coisas, eles responderam quase em uníssono : - Toda vez você promete isto. E voltaram a chorar. Um choro sem muita convicção.

O aerocar, modelo "state-of-the-art" Isuzu, singrava o céu noturno do Rio a caminho do restaurante flutuante, na Baía de Guanabara. Helga voltou às suas lamúrias.

- Não suporto mais esses ETs. -- Sempre fazia questão de usar a denominação preconceituosa. - Eles são prepotentes, cheios de segredinhos, e estão cobrando caro para compartilhá-los conosco.

Gelson ligou o ar-condicionado para aliviar a verdadeira poluição causada pelo cigarro da esposa, e respondeu :

- Que é isso, amor. São só negócios, como outro qualquer. Temos de seguir as regras se quisermos nos destacar no mapa econômico de pelo menos este lado do Braço de Orion. Para a minha companhia, esse contrato para transferência de "know-how" em engenharia genética será fundamental na conquista de uma posição relevante. Pelo menos a nível do sistema solar. Vendo o desinteresse da mulher, acrescentou : - Sem falar que é importante também para o meu, o nosso bolso, hem ? -- E deu uma palmada de leve na coxa de Helga, mostrada pelo decote que o longo possuía também em sua lateral inferior.

O aerocar voava suave, quase inteiramente guiado pelo computador de bordo. Gelson pensou em como a genotecnologia estava evoluindo neste final do século XXI, sendo uma ciência para a qual todas as outras se voltavam com excitantes perspectivas. crescentes ofertas de alimentos a preços ridículos e vacinas para todos os tipos de doença, já eram conquistas do passado. Agora era almejado muito mais. "E a corporação tripartite Brasil-Argentina-Uruguaí, Ciências Genéticas Avançadas, ou CGA, não poderia ficar de fora, é claro. Afinal, a população aguardava os prometidos benefícios". Cogitou, quase em voz alta, para encobrir a própria demagogia.

O digital no painel marcava dezoito minutos a mais quando avistaram o colossal neon no meio da baía, anunciando o "L'APOGÉE ATLANTIC". O Isuzu deslizou macio pela imensa plataforma e ocupou uma vaga no abarrotado estacionamento. As portas se abriram tal qual asas de gaivota, o casal desceu e, ajeitando as vestes e os penteados, se dirigiram para a entrada principal. O nervosismo era patente.

Helga reclamava do vestido, mas no fundo mesmo tentava mascarar sua irritação frente ao iminente encontro. Surya se enquadrava perfeitamente no rol das fêmeas que lhe acendiam um insuportável complexo de inferioridade. Podia contá-las nos dedos de uma mão. Mas aquela era uma delas, com certeza. "Droga".

Gelson também tinha lá seus nervosismos. Afinal, não é todo dia que se fecha um negócio de tal vulto e com colegas galácticos. Pessoalmente. É verdade que os alienígenas já contactados e que negociavam com a Terra, não eram belicosos, desejosos de invadir e conquistar, mais espertos do que Deus. Não. Nem os filmes de ficção científica da holotevê exploravam mais esse lugar-comum. Não existiam supercriaturas vindas de supersistemas. A implacável entropia era mesmo uma constante em todo o universo. Para existir, temos de consumir. E para consumir, claro !, temos de pagar um preço.

Foi com esta melancólica certeza filosófica martelando-o, que Gelson, com o braço passado por sobre o ombro de Helga -- mais para forçá-la a andar mais rápido do que por afeto -- a guiou por comprido corredor, ladeado por movimentado playground, onde muitas crianças se divertiam em brinquedos eletrônicos.

A alienígena já os aguardava, sentada na cabeceira de uma grande mesa de cristal, difusamente iluminada por baixo. E levantou-se quando o casal se aproximou, escoltado pelo solícito maitre.

Tinha o corpo esguio, aproximando os um metro e noventa de altura e poderia se passar facilmente por uma humana, não fosse a pele lisa-escorregadia e quase transparente -- como a de um peixe, pensou Helga -- branca como leite, que deixava entrever as miríadas de veias e vasos azulados e esverdeados que corriam capilarmente. Helga sabia que aquela raça e especial era totalmente desprovida de pelos, mas pelo menos a cabeça aquela ali soubera disfarçar, com um turbante cravejado de estrelas, notou.

- Surya, apresento-lhe minha esposa Helga. -- Anunciou Gelson, quebrando um certo gelo. Helga estendeu a mão e não conseguiu evitar em seu íntimo um sentimento de repulsa, mesclado, talvez, com admiração.

- É um prazer, Helga. -- Murmurou pausadamente e meio com sotaque a alienígena, cuja mão Helga sentiu ser mais fria do que havia antecipado. E os dentes, então? Eram serrilhados e lustrosamente azulados, no mesmo tom das pupilas losangulares e dos lábios carnudos. Não tinha nem vestígios de seios. Mesmo assim, Gelson novamente pensou em como seria fazer sexo com aquela fêmea ... com um transitório arrepor de excitação.

Sentaram-se. Conversaram trivialidades. beberam bastante. Comeram pouco, e passaram aos negócios. Fecharam o contrato pelo qual os alienígenas passariam aos biotecnólogos da CGA "know-how" para produzirem, via manipulação do DNA, o que se poderia chamar de astromineradores perfeitos. Seres altos, esguios, com tentáculos pendulares e pés dotados de ventosas -- deixando os braços com as mãos livres para o trabalho -- que seriam operários nos asteróides e satélites de baixa gravidade, nos quais a Terra explorasse a mineração.

Foi o que esclareceu Gelson à esposa, bem sucintamente, alegando ainda que o melhor mesmo ficara com os americanos. Estavam negociando contratos cujas cifras envolvidas só não eram mais fantásticas do que seus próprios objetos. - Em breve, não precisaremos nem mesmo nos resignar com o nosso "destino genético" -- frisou ele, entusiasticamente. - Poderemos, isto sim, selecioná-lo. Poderemos escolher as qualidades físicas e emocionais exatas para nossos filhos. E para nossas outras criações. Isto não será maravilhoso?

Discorreu ainda sobre como esta nova biologia desbancaria de vez com o jogo de cara-ou-coroa da genética. E só arrefeceu seu entusiasmo álcool-comercialização dos produtos dessa verdadeira caixa de Pandora.

- Mas você não reparou mesmo, não é? -- Perguntou Helga ao marido, durante o voo de volta, enquanto tirava os incômodos brincos que lhe arriavam as orelhas.

- Reparou no que? -- Inquiriu Gelson, sem muito interesse. A cabeça a mil, pensando no contrato firmado e pesada pelas generosas doses do "on the rocks".

- Aquele bando de garotos que foi à nossa mesa, pedir alguma coisa àquela boneca de porcelana. -- Continuou Helga.

- O que tem? Acho que não vi mesmo, não ...

- Ela me disse que três daqueles meninos são os filhos de um vizinho ao apartamento funcional no qual o Governo a hospeda. E tanto insistiram para vir com ela ao nosso jantar, que ela os trouxera. Helga não conseguiu falar mais nada, engasgada pelas lágrimas. "Droga!". Suas emoções sempre afluíam, independentes, depois de algumas doses à mais ...

Gelson, sem compreender, na verdade sem querer compreender, abraçou-a sem disfarçar o desesperado desejo, tanto que deixou a mão escorregar dentro do decote. Nele, o álcool também tinha esse efeito, notadamente em relação à esposa. Mas Helga desatou a chorar. E ele, constrangido, numa tentativa vã de solidarizar-se com ela, tentou garimpar no seu interior uma longínqua lembrança emotiva qualquer. Mas tudo que conseguiu foi murmurar, melancolicamente;

- É, querida, a gente precisa mesmo dar um pouco mais de atenção aos nossos garotos ...

## O CLARÃO AZULADO

Roberto Schima

- Como no filme, Edgar, é como no filme !

O baixo cientista negro, de espessa barba grisalha não se aguentava de contentamento. A emoção era muito forte e, se por acaso ele morresse naquele exato instante, morreria feliz com certeza.

Seu auxiliar nada disse, mudo que estava de espanto, olhos fixos no espaço vazio do piso do laboratório, onde um milésimo de segundo antes o boneco em tamanho natural deixara de existir. Fiapos do clarão azulado ainda vibravam no ar ao redor do piso e sob o estranho painel do teto. Luzes piscavam por entre os fios e fibras óticas estabilizando até atingirem uma luminosidade pálida e uniforme.

- Meu Deus ... -- gemeu o auxiliar por entre os dentes. Sua face sa-xônica relaxou a tensão, ainda mirando com incredulidade, procurando pelo boneco que, como um espírito, retornara ao limbo. - O senhor conseguiu, Dr. Elvio ... Conseguiu !

O Dr. Elvio sorria enquanto apertava botões e dedilhava no teclado do terminal do computador.

- Sim ... conseguimos. Foi exatamente como naquele filme do 15º ano da Era Atômica ... "A Máquina do Tempo". Só que H. G. Wells e Rod Taylor estavam errados. Não se pode voltar no tempo. Não podemos viajar para o passado. Não ... Não se pode fazer o leite retornar à garrafa que quebrou. Contudo ... o futuro está à nossa espera ! O futuro já não será um enigma para a humanidade. Você viu, Edgar, você viu ! O boneco estava bem ali ... Depois surgiu o clarão azulado tal qual um nevoeiro matutino. E o boneco pareceu vibrar como imagens sob o sol forte .. ZUPT ! Não estava mais lá.

- E onde está, doutor ?

- Meus cálculos não são tão precisos como no filme de George Pal, mas se tudo correu conforme o previsto, bem ... Sente-se aí, Edgar, para não cair duro, pois o mandei para mais ou menos daqui a um milhão de anos no futuro !

Os olhos arregalados pareciam estar prestes a pular das órbitas. Embora Edgar tivesse acompanhado o velho cientista desde o tempo da faculdade, jamais concebera na sua mente que ele pudesse ter êxito em seu empreendimento. Estava satisfeito de trabalhar ao lado do mais importante cientista do Laboratório Euzébio Dias de Desenvolvimento Tecnológico S/A e procurava sorver cada miligrama de conhecimento. Um dia ele próprio inventaria coisas que o tornariam muito rico e famoso. Ele tinha certeza disso.

- Um milhão de anos no futuro ... -- repetiu o jovem auxiliar como um eco longínquo. De modo exitante, passou sua mão por cima de onde estava o boneco. Sentiu o calor que emanava do chão, uma sensação agradável que contrastava com o vento gélido que soprava lá fora. O inverno já terminara, porém, o frio parecia ter se esquecido disso. E Edgar detestava o frio.

- Sim, Edgar ... um milhão de anos. Já pensou, filho ? O que eu não daria para ver a cara de quem estará plantado aqui onde nós estamos daqui a um milhão de anos ... Que susto danado não irá levar, hein ? Uma luz azulada brilhando diante dos seus olhos, vindo do nada e então aparece a escultura de um ser que, se muito, ele conhece apenas através dos fósseis.

- Fósseis ?

- É. Não espera que a espécie humana esteja viva até lá, não é mesmo ? Somos cabeças duras demais para isso. Não ... Símios inteligentes talvez, como vi em outro filme. Ou escorpiões racionais, sei lá. Talvez alguma "coisa" diferente de tudo que conhecemos. Mas essa "coisa" vai levar um tremendo de susto, ah isso vai !

A tensão daquele momento histórico ainda não havia passado e Edgar, pensativo, voltou-se para questões mais práticas.

- Hã, doutor ... Faz tempo que gostaria de lhe fazer uma pergunta. Não sabia se o invento iria dar certo, mas agora que deu ...

O Dr. Elvio havia acabado de reajustar o controle temporal da máquina do tempo e estava descansando sobre uma confortável cadeira.

- Perguntas ... perguntas ... Sim, eu gostaria de ouvi-las. Escolhe bem o momento, pode fazer.

- Que proveito podemos tirar do invento se ele não devolve o passageiro para o seu tempo de origem ?

- Rapaz, surpreende-me que você, após todo esse tempo trabalhando comigo faça esse tipo de pergunta. Francamente, Edgar, estou desapontado. Você acaba de testemunhar um dos maiores milagres do século e nem sabe para que serve ? Para que diabos está aqui ?

"Pra que a gente tem que trabalhar, velho idiota ?", pensou o auxiliar consigo. "Dependendo do que o alto escalão decidir sobre a máquina, prevejo no mínimo uma boa promoção. Quem sabe, um posto na Diretoria ..."

A tarde corria lá fora, indiferente às pessoas que se preparavam para voltar às suas casas. A temperatura diminuía ainda mais à medida que o Sol se ocultava no horizonte por trás da extensa cortina de nuvens cinzentas.

O velho expirou fundo, alisando a barba. O brilho de seus olhos diminuiu um pouco.

- Bem ... Ouça, filho, se todos os cientistas fizessem indagações como a que você fez, ainda estaríamos pendurados nas árvores. Você não pode ver além do que os seus olhos enxergam ? Não pode apreciar a beleza que é o desvendar de mais um mistério da Mãe Natureza ? É pena ... Você quer uma utilidade, não é ? Pois bem, deixe-me ver ... Ah ! Imagine que algum terrorista instale uma poderosa bomba num edifício ou automóvel em alguma área densamente habitada. A bomba é sensível e mesmo um perito desarmador pode fracassar ... Imaginou ? Bom, neste caso, por exemplo, a máquina do tempo pode resolver o problema. Simplesmente mandamos a bomba para o futuro, num tempo tão estupidamente longínquo que não prejudicaria ninguém.

- Há ?

- É claro, rapaz ! Não quer explodir algum habitante que esteja sossegado em seu cantinho daqui a um século, um milênio ou mesmo a um milhão de anos. Não seria ético ! Não .... Nós mandaríamos a bomba para daqui a dez bilhões de anos, quando não haveria mais vida no planeta, já que o Sol estaria moribundo numa fase de gigante vermelha. É um exemplo ... Podemos também enviar cápsulas do tempo para o futuro. Terão valor inestimável para os cientistas de então ... Pode ser que alguma pessoa totalmente desprezada sinta o desejo de viajar pelo tempo sem se preocupar em voltar ... Talvez uma equipe de voluntários, não sei. Pode ser ainda que eu esteja errado e que outros consigam aperfeiçoar o invento de tal maneira que o regresso ao tempo de origem seja viável. Essa máquina -- apontou -- é apenas a semente, um protótipo ... Quem poderia imaginar que os fogos-de-artifício dos chineses seriam os ancestrais dos foguetes nucleares ?

"A viagem para o futuro já havia sido concebida desde os tempos de Einstein, só que na prática eles não possuíam veículos cuja velocidade permitisse experiências relativísticas significativas, além de insípidas diferenças de relógios ou efeitos em partículas subatômicas. Nosso acelerador de partículas é uma boa variante. Molécula a molécula do corpo a ser transportado é acelerada em seus movimentos naturais de um modo que o corpo, como um todo, vibre próximo à velocidade da luz ... e pimpa ! Lá se vai o sujeito para uma nova dimensão ..."

Enquanto o velho cientista falava, o jovem saxão passou a ver imagens de algumas possíveis aplicações para a máquina do tempo, percebendo que, nas mãos certas, o invento seria de valor inestimável e não apenas um brinquedo para cientistas caducos. "O governo pagaria uma fortuna !", imaginou. "Se houvesse uma guerra, era só despachar o inimigo para o vácuo temporal. Se além do tempo, o espaço pudesse ser controlado, um território inimigo, obter as informações que precisa e voltar à base no dia seguinte ... Ei ! Eu poderia até entrar num banco, sumir com todos os ocupantes e ficar sozinho com o dinheiro ... E eu sei manejar o aparelho e sei onde ele guarda as plantas ..."



Edgar dirigiu-se calmamente à sua escrivaninha, fazendo a mão direita sumir dentro de uma das gavetas.

O Dr. Elvio consultou seu relógio. Estava cansado e faminto. Não comia desde o café da manhã, quando a conclusão dos trabalhos parecia iminente e ele se recusou a sair do laboratório. Agora, sentia o esforço exigir o seu tributo. Pensou na esposa e na viagem que há anos estava prometendo. "Desta vez eu juro, querida ..." - Vamos lá, Edgar. Chega por hoje ...

O revólver refletiu as luzes da máquina, um brilho tímido e frio saiu do cano e por suas vez foi refletido pelos olhos castanhos do rapaz.

- O que significa isso? -- assustou-se o velho cientista negro.

- Quieto! Para lá, doutor -- disse, apontando o local onde o boneco estivera. - O senhor vai fazer uma pequena viagem.

- Mas o que ...

- Calado, eu já disse! Mexa-se!

Aproximou-se do doutor, empurrando-o. Ameaçou com uma coronhada para provar que não estava brincando.

- Estou começando a entender ... -- falou o velho, não completando o pensamento por causa da pancada que fez surgir brilhos ofuscantes e uma súbita escuridão.

- Eu avisei.

Com a outra mão, Edgar pegou no braço do cientista; guiando-o para baixo do painel luminoso. Moveu então alguns botões e passou a digitar instruções para o computador. Apesar de estar com os reflexos de prontidão, percebeu com atraso a reação do ancião que, pela idade, mostrou um vigor fora do comum. Lembrou-se então que este lhe dissera que havia sido um judoca na juventude. O pensamento veio acompanhado de um sorriso, pois evidentemente o velho que tinha engalfinhado consigo não era nenhum Bruce Lee.

A explosão da arma paralisou os corpos no chão. A bala atingiu de raspão o braço esquerdo do Dr. Elvio que, reunindo todas as forças numa cotovelada, conseguiu tirar o fôlego do rapaz e afrouxar-lhe os dedos que segurava o revólver. Mordeu sua mão e, sentindo o gosto de sangue, arrancou-lhe a arma.

- Desgraçado! -- berrou Edgar, empurrando o velho com os pés. Este, desequilibrado, caiu. Estava se preparando para mirar a arma em seu agressor quando sentiu um calor estranho tomar conta de todo seu corpo. Viu a imagem trêmula do rapaz que, no console da máquina do tempo, sorria-lhe e gritava alguma coisa que ele não conseguiu entender. Ainda chegou a fazer pontaria, mas o calor aumentou e surgiu um clarão azulado que fez tudo ao redor desaparecer.

Um grito de vitória partiu da garganta do auxiliar.

- Deu certo, miserável! Te mandei pra um milhão de anos no futuro! A máquina do tempo é minha, somente minha!

As luzes piscaram durante algum tempo até retornarem ao pálido brilho de antes.

O doutor havia desaparecido.

Edgar tratou de limpar algumas gotas de sangue que haviam pingado no chão.

- Pronto! O crime perfeito ... nenhum traço.

Na manhã seguinte, o Sr. Daniel Zamora Feliciano, um dos diretores do Laboratório Euzébio Dias de Desenvolvimento tecnológico, sentiu-se completamente desorientado.

- Não posso compreender, Dr. Edgar. Aonde terá se metido seu chefe? E logo agora na fase crucial do projeto.

O jovem cientista fitou o sujeito magro, loiro e de meia idade atrás da mesa lustrosa.

- Não sei, senhor diretor. Talvez ...

- Talvez o que?

- Bom, é que eu peguei certa vez o doutor resmungando sobre as más condições do laboratório e dos equipamentos. Ele disse qualquer coisa de que em outro país seria tratado bem melhor.

O diretor franziu a testa.



- Está sugerindo que ele nos traiu ?  
- Não, senhor, eu gosto do doutor. Só estou comentando aquilo que vi, para ajudar, só isso.

Daniel Zamora Feliciano acendeu um charuto cubano sugando fundo a fumaça branca. Soltou-a vagarosamente, em círculos.

- Você pode manejar a máquina sozinho ? -- perguntou.  
- Sim, senhor, eu posso.  
- E você entende os mecanismos dela ? Saberá montar outra idêntica ou explicar cada parte dela como funciona ?

- Levaria algum tempo, senhor. Porém, estou certo de que conseguiria. Estou trabalhando com o doutor desde o início do projeto.

- Sei disso ... Humm ... Muito bem, prossiga sozinho com o trabalho. Quero ver algum resultado o mais depressa possível. Se você conseguir dar um bom espetáculo, estou confiante de que sua carreira na firma dará um salto.

Edgar sentiu os pêlos de seus braços se arrepiarem.

- Sim, senhor. Darei o melhor de mim, esteja certo disso. Logo, logo a máquina do tempo estará pronta para demonstração. Tenho mesmo algumas sugestões interessantes para sua aplicação.

- Quais ?

- Imagine o senhor que um perigoso terrorista instale uma bomba ...

Não demorou para que Edgar descobrisse que algo estava errado com a máquina do tempo. Embora ele tivesse decorado direitinho todas as etapas para o seu funcionamento, o melhor que conseguiu foi reproduzir o clarão azulado. Contudo, o objeto de teste que ele havia colocado sob o painel continuava lá, no mesmo lugar, como se nada tivesse acontecido. Repetiu várias vezes a experiência, ora trocando os objetos, ora alternando a ordem dos botões que apertava. Nada. Era como se o Dr. Elvio estivesse se vingando de lá do futuro, no meio dos escorpiões filósofos.

Os dias passaram. Precisou prestar depoimento à polícia sobre o desaparecimento do cientista. A velha esposa chorou muito, mas Edgar respondeu todas as perguntas do delegado tranqüilamente, com ar de pesar pela pobre senhora. Não era o inquérito policial que o preocupava. O Sr. Daniel estava ficando cada vez mais impaciente com a demora.

- Como é, Edgar, cadê a máquina ?

- Logo, senhor, logo. Está precisando de alguns reajustes que eu não estava prevendo. Estou acompanhando os circuitos esquema por esquema até encontrar a fonte do problema. Não tardarei a encontrá-lo. Peço-lhe mais tempo, senhor. Estou sozinho e os circuitos são bastante complexos.

- Muito bem, Edgar Isidoro Neto, terá seu tempo. Aliás, "tempo" tem sido a palavra-chave por aqui nos últimos ... tempos. O Projeto Máquina do Tempo consumiu uma verba considerável da empresa e não pretendemos desistir dele estando, como o senhor diz, tão perto do objetivo. Todavia, trabalhe com afinco. Não se esqueça que nossa paciência tem limites e que sua carreira está em jogo. É tudo ou nada para você. Entendeu ?

Edgar engoliu em seco.

- Sim, senhor.

- Está precisando de gente para trabalhar com você ?

- Há ... não, senhor. Obrigado.

- Como quiser. -- disse o homem loiro, acendendo um charuto. - Não temos mais nada a discutir. Volte ao trabalho.

Os dias se converteram em meses. Toda semana, Edgar apresentava seu relatório ao diretor, comunicando seu progresso. Planta por planta ele ia acompanhando cada fibra da máquina, cada fio, cada mostrador luminoso, cada campo de energia.

Finalmente, numa tarde quente que ele mal notou, anunciou haver encontrado o defeito e que estava providenciando seu reparo. O diretor não ficou tão alegre quanto ele esperava, mas cumprimentou-o na esperança de que o sucesso estava bem perto.

A falha foi justamente ocasionada pelo tiro que ele disparara contra o doutor. A bala perdida atingira o mostrador temporal e rompera com um duto de energia. Desse modo, a reserva de energia foi o bastante para transportar o cientista, mas não o suficiente para repetir a experiência.

Feito o reparo, o jovem saxão preparou-se para uma demonstração. Cruzou os dedos e fixou seus olhos no pequeno vaso de hortênsias que colocara no chão. As luzes piscaram enlouquecidas no pequeno laboratório. O clarão azulado envolveu as delicadas flores que tremeram como miragem ...

- Funcionou ! -- gritou exultante. - Funcionou !

Uma nova demonstração, com toda a diretoria reunida foi igualmente bem sucedida para alívio de Edgar que estivera mais tenso do que jamais podia se lembrar.

- Parabéns, rapaz -- cumprimentou-o o Sr. Daniel com um largo sorriso a lhe bailar nos lábios. - Você conseguiu mesmo, não foi ? Não duvidei nem por um instante ... Pois bem, prepare todo o seu material : plantas, instruções de manejo, tudo. Um contrato que você deverá achar por demais interessante o aguarda para assinatura ... Você tem futuro, Sr. Edgar, tem um bom futuro.

Após receber os cumprimentos de todos os diretores e vários tapinhas nas costas, estes saíram do laboratório deixando-o em paz com seu sucesso e embriagado pela alegria. Ele conseguiu, realmente conseguiu, sem qualquer ajuda. Era o único homem do mundo que sabia como construir e como manejar uma máquina do tempo. Não seria aquele loiro cretino que iria lhe ditar as normas de agora em diante. Ele redigiria seu próprio contrato e suas próprias condições. A empresa precisava dele, mas a recíproca não era verdadeira.

Saboreando estes pensamentos, Edgar desligou a máquina do tempo e se dirigiu a um quadro pregado na parede atrás do qual estava toda documentação que o Dr. Elvio e ele cuidadosamente haviam preparado.

Por um vão da janela ele percebeu que o dia estava lindo, do jeito que ele gostava : ensolarado, porém, fresco.

Os momentos seguintes aconteceram muito rápidos para qualquer reação. Edgar nada pôde fazer além de perceber o clarão azulado que se formou sob o painel desligado e a figura que se definiu à medida que a luz se dissolveu.

O estampido perfurou seus tímpanos como o ribombar de centenas de trovões.

Foi numa fração infinitesimal de segundo que ele compreendeu, ao mesmo tempo que seu corpo caía pesadamente ao solo : ao atingir o mostrador temporal, a bala rompera o circuito de tempo e alterara os dados. Não era mais um milhão de anos ... Era somente um ano.



**ALIENÍGENAS**  
Rubens de Azevedo

São Paulo, América, Ano 2712 DC

Ilmo. Sr.  
JOSIAS CANTAREL DA ROCHA  
Comissário Geral da Interpólicia  
ULTRA-SECRETO

1º ENVELOPE

Senhor Comissário

Dentro desta há um outro envelope volumoso, como vê. Este só deverá ser aberto por V.Sa. quando se encontrar absolutamente sozinho, em sala fechada, pois contém informações da mais alta relevância e que não podem cair no domínio público. Peça-lhe, portanto, isolar-se de todo e qualquer contato humano a fim de poder inteirar-se do teor desta Carta/Relatório que lhe envia um pesquisador da Universidade de Tocantins -- talvez a única pessoa em todo o mundo que dispõe do conhecimento de um fato gravíssimo.

2º ENVELOPE

Senhor Comissário :

Permita-me apresentar-me. Sou o Pesquisador 42/A, de Sociologia Planetária, lotado na Universidade de Tocantins, professor de Técnicas de Grupo e Psicologia Dinâmica Coletiva.

Tenho razões para acreditar que disponho de uma informação de máxima importância para a segurança do nosso país e talvez de todo o planeta. É possível que V.Sa. ponha de lado esta carta, imaginando tratar-se de mensagem de um desequilibrado disposto a alarmá-lo com algum perigo iminente, que afinal não passa de produto de sua mente enfebreçada. Nada disso. Sou um homem sereno, objetivo, pacato, racional. Fui assim durante toda a minha vida e continuo assim. Sou infenso a quaisquer problemas de ordem emocional que possam perturbar o meu raciocínio frio de psicólogo com todos os títulos dessa técnica, além de outros no campo da psicanálise e outras ciências específicas no estudo da mente humana.

Acredite, portanto, no que lhe vou revelar. Tenho absoluta certeza de que a Terra está sendo invadida por seres alienígenas, os quais pretendem escavar todo o gênero humano e radicar-se na Terra, da qual farão sua moradia.

Moro num casarão perto do rio do Sono, próximo ao local em que ele se encontra com o rio do Caracol; dali, os dois seguem numa só torrente que é tributária do rio Tocantins. Nesta região, a Universidade de Tocantins ergueu o seu "campus", onde se realizam estudos avançados de ciências sociais. Como se trata de um centro de pesquisas de alto nível, recebemos aqui cientistas de todo o mundo, que vêm colaborar conosco. Realizamos, vez por outra, seminários e cursos.

Há pouco mais de dois meses recebemos no "campus" um indiano, Mestre em Psicologia e Psicanálise, formado por Harvard, do qual me aproximei por serem nossos estudos semelhantes no que toca ao campo de ação e métodos de pesquisa. Tornamo-nos amigos e, vez por outra, ele pernoita em minha casa, onde trocamos idéias até alta madrugada. Ele tem uma mente brilhante e um raciocínio invejável pela lógica e pela rapidez.

Começaram, há uma semana, as minhas dificuldades. Verifiquei no Dr. Insemah Minoin (este é o seu nome) algumas coisas que me pareceram estranhas. Em primeiro lugar, a cor de seus olhos. Sabemos que hoje toda humanidade tem olhos da mesma cor : fenômeno até agora não explicado, ligado à distribuição da melanina, fez com que todos os olhos se tornassem verdes. Talvez isso se deva ao nosso atual tipo de alimentação : esgotadas

as reservas naturais da Terra, pela superpopulação -- isso sem contar a última guerra nuclear que envenenou a maioria dos produtos vegetais -- dispomos agora de uma alimentação standardizada, fabricada em imensas dornas nas estações hidropônicas do Canadá e América do Sul. Pois bem, Insemah Minoïn possui belos olhos de cor rósea, tombado para o vermelho, como os olhos dos antigos gázeos. Outra coisa foi a sua fobia exagerada ao álcool. Tenho encontrado abstêmios que não tomam nem xarope. Mas nenhuma dessas pessoas arregala os olhos e mostra verdadeiro pavor à vista de uma simples dose de whisky. Fiquei assombrado mas depois esqueci o assunto. Afinal, os estudiosos da mente têm, em sua grande maioria, personalidade psicótica ...

Um dia, quando estávamos consultando um Atlas Histórico, nossas cabeças quase se encontraram e eu percebi um odor estranho que se evolava dele. Era um perfume adocicado, com laivos de almíscar mas também um tanto azedo.

De qualquer forma, fiquei desconfiado quando descobri, certa ocasião, que ele era absolutamente atérmico. Quer fizesse calor ou frio, sua temperatura era a mesma -- eu sentia quando me apertava a mão no cumprimento.

Um dia segui-o até o Laboratório. Tive muito cuidado para que ele não me percebesse. Escondi-me detrás de um armário de drogas e observei-o junto a uma bancada. Notei que ele arfava convulsivamente e continuei observando. Neste momento, entrou no Laboratório uma pesquisadora. Era a Dra. Miriam Bartok, uma linda mulher admirada por este dom natural mas também pela habilidade na vivissecação de pequenos animais que utilizávamos nas nossas pesquisas. Ao entrar, ela viu Minoïn e franziu o cenho ao vê-lo arquejante. Aproximou-se e perguntou-lhe se estava bem. Minoïn ficou sobre os belos olhos verdes de Miriam suas pupilas róseas e ela empalideceu. Ficou em transe. Da boca semiaberta de Minoïn começou a escorrer um líquido viscoso que, ao invés de empapar-lhe a camisa, desafiando a lei da gravidade seguiu na direção horizontal e começou, aos poucos, a penetrar na boca de Miriam. Fechei os olhos momentaneamente apavorado e, ao abri-los, vi os dois de mãos dadas saindo do Laboratório. Conversavam, mas não pude perceber o que diziam. Voltei para casa desorientado e muito mais preocupado. Mas prometia a mim mesmo prosseguir nas minhas investigações.

Na mesma noite encontrei Miriam no Bar e trocamos algumas palavras. Perguntei-lhe por Minoïn e ela respondeu que não o via há dias. À saída do Bar verifiquei que os olhos de Miriam haviam perdido a cor esmeralda profunda e se apresentavam, agora, com um rosa avermelhado -- que não lhe prejudicava a beleza. Ao nos despedirmos, senti que sua mão estava fria, apesar do calor senegalesco que fazia.

Ao chegar em casa raciocinei com mais calma e procurei uma explicação razoável para tanta coisa estranha que me rodeava. Aquela gosma que, sem cair, insinuara-se entre os belos lábios de Miriam, os olhos cor-de-rosa, tudo isso girava em minha cabeça. Depois, percebi: Minoïn era um alienígena, um ser de outro planeta, que entrava nos terrestres e os dominava, apossando-se dos seus corpos e certamente de suas consciências.

Os extraterrestres podem ser identificados, de imediato, pela cor dos olhos. Eram róseo-avermelhados porque os alienígenas deviam ser daltônicos, não percebendo a diferença entre o vermelho e o verde.

Senhor Comissário :

Rogo-lhe não demorar um minuto sequer para começar a agir. Os alienígenas devem ser destruídos o mais depressa possível e a pista mais visível já está dada. Eu viajarei hoje à noite para local não revelado, pois percebi que Minoïn e Miriam estão me olhando de maneira suspeitosa.

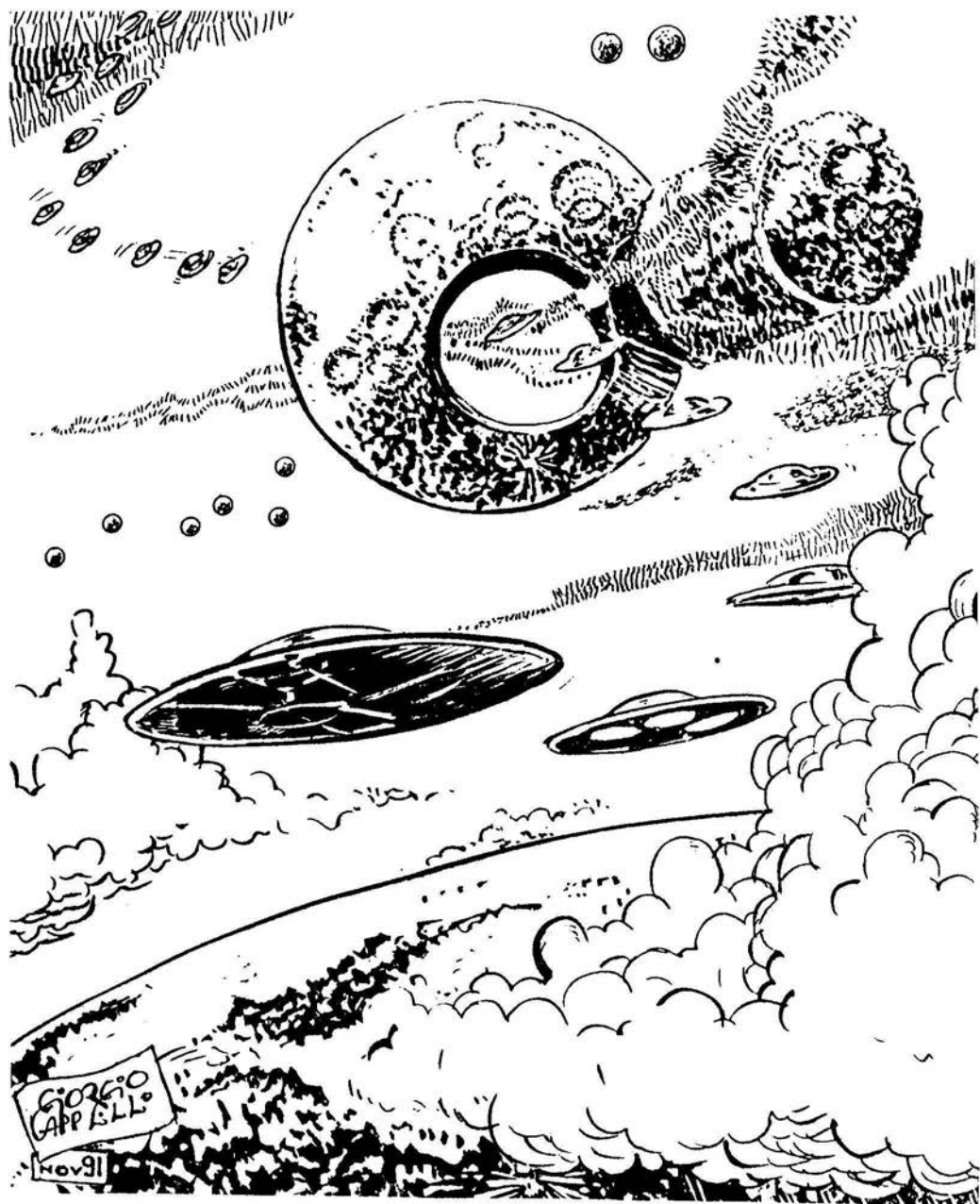
Certo de que encontrará uma solução para o problema, termino aqui, acreditando no sucesso de sua missão -- a mais importante já confiada a um Comissário Geral Planetário.

Um Professor.

\*\*\*\*\*

O Comissário Josias Cantarel tomou um isqueiro e queimou, cuidadosamente, a missiva. Em seguida, aproximou-se de um grande espelho. De um pequeno estojo sacou lentes de contato, que aplicou nos olhos vermelhos.

O espelho refletiu uma fisionomia serena, onde brilhavam dois olhos profundamente verdes -- cor da Esperança perdida dos terrenos ...





**AQUILES E A TARTARUGA**

Fábio Fernandes (Somnium 53)

Antes de começar a análise propriamente dita, o Fábio pediu que se fizesse um reparo no título da história que era, originalmente, AQUILES E A TARTARUGA - PARTE II e que foi modificado pelo editor sem autorização do autor. Isto feito, passemos à análise.

Bem, eu não gosto de continuações, mesmo sendo uma continuação de uma de minhas histórias. Acho que o enredo perde muito do impacto inicial, o que prejudica o desenrolar da narrativa. Além disso, na maioria das vezes, quebra o clima do original, como no exemplo recente do filme Highlander II. Isso aconteceu no conto do Fábio quando ele dá um desfecho na viagem da nave estelar e modifica a atmosfera do final do primeiro conto, que eu sempre considereei como ponto principal da história: a viagem que "nunca" acaba.

Com relação ao modo como o conto está escrito, não há muito o que reparar. Acho que a falha fundamental da narrativa foi o fato do Fábio ter esquecido a loucura do personagem na hora em que ele termina a viagem, dando a impressão de que o mesmo fica miraculosamente curado.

**GÊNESE, NATUREZA VIVA E COSMOGONIA I**

Aran (Somnium 53)

A história tem um enredo excelente, repleto de tiradas humorísticas, e seu final é muito bem bolado. O ritmo da narrativa também é ótimo e só é quebrado nas primeiras páginas quando o autor exagerou no uso de capítulos curtos demais. Nota-se ainda uma dificuldade de Aran quanto ao emprego da crase. Existem três usos equivocados da letra "A" craseada na pag. 39. E no final da pag. 39 existe um erro que não sei se foi do autor ou do editor/digitador: o correto é Krishna e não Khrisna. Outro erro destes e teremos mais um autor jurado de morte por um movimento religioso.

**BALADA PARA UM KATÁSTROFOPOETA**

João Barreiros (Somnium 53)

Gostei da história por várias razões. A idéia é bastante original: a compra de uma cidade pelos japoneses para criar uma obra de arte baseada na catástrofe. Muito boa a descrição da cidade; estive em Lisboa em 1990 e pude revisita-la através da narrativa do João. Como se isto não bastasse, todos sabem que eu adoro uma história "dark" e de catástrofe.

Existem, porém, alguns reparos a fazer. Na pag. 46, no quarto e no sexto parágrafos, temos dois trechos longos pontuados apenas por vírgulas, o que torna a leitura pesada e confusa. Sugiro a quebra com alguns pontos. A forma dos diálogos, que muda ao final da história, também causa confusão. Na pag. 52, encontramos três exemplos desnecessários de inversão de adjetivo que torna o texto carregado: "telúrica raiva", "falsas árvores", "alva túnica". Há um erro na pag. 53: a aceleração devida à força de gravidade é de 9,8 metros por segundo ao quadrado; a velocidade de impacto dependerá da altura do objeto em relação ao solo.

Para terminar, pode ter sido apenas uma coincidência, mas a descrição da onda arrasando Lisboa é extremamente semelhante à descrição de uma onda gigante arrasando Los Angeles no romance "LUCIFER'S HAMMER", de Larry Niven e Jerry Pournelle.

## **TOCAR OS ANJOS**

R.S. Causo (Somnium 53)

Gostei deste conto quando o li no concurso da Isaac Asimov e continuo gostando. A idéia básica e a descrição das crises do empata são excelentes. Além disso a história tem imagens muito bonitas como, por exemplo : pag. 60, quarto parágrafo; pag. 62, quinto parágrafo; pag. 64, nono parágrafo e pag. 66, primeiro e segundo parágrafos.

Porém, o conto pode ficar ainda melhor se o Causo fizer algumas mudanças. Na pag. 54, existe um emprego excessivo das palavras "um/uma/umas", que perturba a narrativa, e uma repetição que salta aos olhos : "grandes janelas de vidro" e "grande tela". Figuras como "um peso físico" (pag. 55), "castelos no ar" (pag. 55), "planeta natal" (pag. 58), "olhos intensos" e "flamejar dos olhos" (pag. 62), já foram gastos pelo seu uso exagerado. Algumas construções devem ser modificadas : "e acorreu-o" (pag. 54), "pela fé deles" (pag. 55), "quase quando" (pag. 61), "diria-lhes que" (pag. 64). O uso do termo "uma jovem mulher" para descrever Cris Aline na pag. 57 é redundante, bastaria dizer "uma jovem". Na pag. 62, encontramos uma aula de espiritismo básico no tipo de descrição que o Fábio costuma definir como "As you know, Bob,...", quando um personagem explica algo ao leitor através de uma longa explanação a um outro personagem no meio do texto. Torna a narrativa enfadonha. E, para não me tornar por demais enfadonho, vou ficando por aqui mesmo.

## **SE ESTA CARNE TÃO SÓLIDA ...**

Lúcio Manfredi (Somnium 53)

No meu entender, um conto relâmpago deve trazer uma idéia nova ou, pelo menos, um enfoque novo de uma idéia antiga para que ele tenha algum impacto. O espaço é pequeno para desenvolver personagens ou ambientes e a idéia básica torna-se fundamental. O Lúcio tentou um conto relâmpago mas não conseguiu se encaixar nesta premissa.

A idéia de um imortal que foi Shakespeare e outros escritores antigos já foi muito utilizada, inclusive num episódio da antiga série Jornada nas Estrelas, onde um personagem assim é encontrado vivendo num planeta visitado pela Enterprise. Falta o enfoque novo da velha idéia e a narrativa tem trechos extremamente confusos como o sétimo parágrafo da pag. 69.

## **UM DIA COM JULIA NA NECROSFERA**

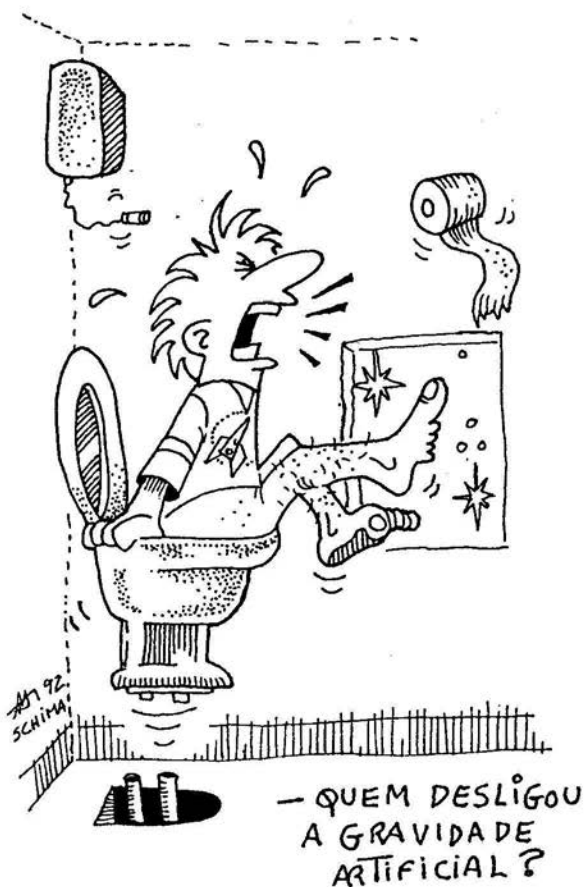
João Manuel Barreiros (Somnium 55)

A idéia do conto é muito boa e prende o leitor. Entretanto, o uso das narrativas em primeira e terceira pessoa me pareceu desnecessária, confundindo um pouco a leitura, o mesmo acontecendo com o uso de duas formas de diálogo. O João parece mesmo não gostar de pontos. A exemplo do que ocorre em seu outro trabalho publicado no Somnium 53, existem vários trechos longos pontuados apenas por vírgulas. A imagem das refinarias ao longe também se torna um tanto repetitiva no início da história. Com relação ao uso das palavras, ocorrem alguns cacófatos e redundâncias que não sei se seriam permitidos em Portugal mas que, certamente, causam arrepios no Brasil: "O que estás tu a dizer?" (pag. 26), "mas contudo cheio de sombras" (pag. 28), "num eco oco" (pag. 29). Não toquei no emprego de verbos rebuscados e construções estranhas porque isso fica por conta das diferenças entre as duas línguas.

## VAMOS DANÇAR

Alexandre Nicoletti Camargo (Somnium 55)

A história é uma aventura movimentada e bem humorada com um herói que é uma mistura de Han Solo e Indiana Jones. O enredo funciona e prende o leitor. Entretanto, há muitos deslizes na narrativa que devem ser consertados. As repetições de palavras no texto são numerosas: todos os diálogos são repletos de "disse", "disse", "disse"; na pag. 41, a nave é interrompida por três vezes em um diálogo quase que da mesma maneira ("Não me diga que...", "nunca pensei que...", "pensei que tinha dito que..."); na pag. 45, todo mundo "mastiga ruidosamente". Algumas construções também estão ruins, por exemplo: "de um traficante de armas que devia-lhe um grande favor" e "O dia dos dois..." (pag. 40); "...havia algo acontecendo" (pag. 41); "Você vê," (pag. 44), soa como "dublajês": "You see,". Há ainda alguns erros de concordância no texto que merecem uma revisão mais cuidadosa, além do uso de expressões esdrúxulas e inversões de adjetivos mal empregadas.





Retornando à ativa -- felizmente -- espero que no ano de 93 o Somnium não deixe a peteca cair

Bom, passou tanto tempo desde a última matéria que vou fazer uma retrospectiva :

### Internacional

Com lançamento previsto para janeiro de 93, Star Trek : Deep Space Nine. O ator Richard Dan Anderson (McGyver) realmente estava muito cotado mas o protagonista principal será outro -- vocês se lembram da série "Um Homem Chamado Falcão" ? ...

E mais dois tripulantes da Enterprise são realocados : O'Brien (o operador do teletransporte) e a Alferes Ro Laren (quem viu os episódios mais recentes já a conhece)

Outros personagens : um Transmorfo, uma Humana como hospedeira de outro ser, um médico que (segundo boatos) vai lembrar muito McCoy, e Quark, um Ferengi que aluga cabines holográficas pornô.

A Next Generation continua de vento em pópa; um episódio recente intitulado "Relics" traz de volta o Engenheiro-Chefe Montgomery Scott -- uma cena que emocionou muitos trekkers é quando ele programa o Holodeck para reproduzir a ponte de comando da velha Enterprise (a do seriado).

### Brasil

Ouvi falar de um grupo chamado Kobayashi Maru; tentarei manter contato para saber se é realmente um grupo ou só mais uma pessoa se auto-intitulando clube e/ou organização (vide a Unidade Star Trek e a SAST).

O JetCom anda sumido, não tenho recebido resposta deles; outros assinantes confirmam a falta de contato Será que acabou ?

E, só me resta falar da Frota Estelar Brasileira E dar os parabéns ao único grupo atuante de FC que conheço, trabalhando para cativar sócios potenciais e apresentando, na medida do possível, reuniões interessantes.

Gostaria de fazer um parênteses : não sou, e nem quero ser, advogado e/ou defensor da FEB, que inclusive possui falhas e imperfeições; mas acho que muitos sócios do CLFC deveriam comparecer a estas "convenções" e compará-las com as nossas reuniões.

Conversando a poucos dias com o Nascimento, ele falou-me de sua teoria de que "o CLFC não está fazendo nada porque ninguém está fazendo algo pelo clube". Eu vou além : o que você, como sócio, quer do clube ?

Para mim, se o CLFC voltasse ao "pique" de um ou dois anos atrás, já estaria ótimo, com o Somnium em dia e com debates e palestras mais participativas. Eu participei de vários almoços no Ponto Chic com meia dúzia de pessoas, melhores (para mim) do que muitas convenções da FEB. O que aconteceu ?

Fim do parênteses

Pequeno resumo das últimas convenções estelares da Frota :

61ª (25/07/92), toda orientada para comemorar os 23 anos da conquista da Lua, com palestras relativas ao assunto FC psicologia impacto sócio-econômico, tecnologia da época, etc Interessante amarra: várias palestras diferentes a um tema comum; a receptividade foi boa

62ª (25/08/92), toda realizada na Bial; as palestras foram mais básicas, focadas em Star Trek A meu ver, uma estratégia de marketing

certa, pois palestras mais abrangentes poderiam atrair mais visitantes da Bienal ao espaço da FEB.

63ª (24/10/92), também chamada de 1ª Mega Convenção; não entendi o "mega", pois para todos os efeitos achei uma convenção como as outras. Junto com as comemorações, houve uma festa na danceteria Azul da Meia Noite.

64ª (28/11/92), foi realizada em Curitiba; a primeira reunião fora de São Paulo.

65ª (12/12/92), última reunião do ano; palestras, episódios, etc.

Há alguns meses começou um novo projeto na FEB : a Divisão de Engenharia. com o propósito de unir ciência e ficção para leigos em ambos os assuntos; é um programa que deu certo. São basicamente palestras de aproximadamente duas horas divididas em dois segmentos : a realidade e a ficção. Na reunião inaugural -- as reuniões são feitas sempre em dias diferentes das convenções -- falei da anti-matéria, de como os físicos a obtém (já há algumas décadas), de um pouco de mecânica quântica e dos aceleradores lineares, e o Paulo Pugno continuou explicando o gerador e os motores da Enterprise. Encerramos a reunião indicando alguns livros, tanto de ciências quanto de FC, fáceis de achar em qualquer livraria. O Luiz Ambrósio falou, em outra reunião, sobre engenharia genética e eu resenhei rapidamente, com o auxílio do Cristiano e do Paulo, alguns livros e filmes de FC. Em outras reuniões ainda foram debatidos os temas de mecânica celeste e realidade virtual, com reflexo na FC. Após ver de 40 a 50 pessoas em média por reunião, muitas delas interessadas em conversar comigo sobre os livros indicados -- tanto de ciências quanto de ficção científica, creio que atingimos os objetivos almejados : divulgar Ciência e FC.

Na próxima coluna farei uma resenha de livros e fanzines, encerrando esta retrospectiva. Até lá, ou como um amigo americano me escreve : Warp Speed !





## O INIMIGO INTERNO

Fábio Fernandes

Borges acordou com um grito. O quarto estava escuro, e por um instante ele não se lembrou de onde estava. Encharcado de suor, sentou-se na cama e tentou recordar o sonho. Não conseguiu. O sono não viria mais, ele sabia; levantou-se e abriu a janela do quarto. Embora a faixa de céu sobre o edifício estivesse escura e ameaçando chuva, bastava olhar para os lados e encher os olhos de diferenças: à esquerda do edifício, aparentemente a quilômetros de distância, o sol se punha por trás de grandes colinas verdes; à direita, o mesmo sol -- talvez, nunca se podia ter certeza -- brilhava como se o dia estivesse pela metade. E ao nível do chão, a própria Cidade mudava a cada segundo, como um organismo vivo. Mas Borges não prestava a menor atenção. Só queria poder dormir pelo menos uma noite.

No subterrâneo, a única iluminação naquele instante era a que vinha dos monitores cardíacos. Mas o mendigo sabia de cor o caminho até os tubos.

Centenas de cilindros metálicos de pé, enfileirados; uma verdadeira floresta. O mendigo acendeu um pequeno lampião a óleo ao pé da escada de pedra, e com ele examinou um por um os rostos congelados, através do vidro transparente na frente de cada tubo. Em seguida verificou a fiação correspondente a cada cilindro: nada de errado com os sistemas de hibernação. Ocupou-se ainda dos eletroencefalogramas e da dosagem automática da droga hipnagógica. Tudo correto. Ao sair, como sempre fazia, desejou bons sonhos a todos.

Conhecer o Panverso a fundo é dar adeus a toda lógica aparente. Só quem caminha pelas ruas múltiplas que interpenetram dimensões paralelas e ligam o presente, o passado e o futuro de incontáveis terras alternativas pode ter uma mínima idéia. Naturalmente deve haver uma lógica subjacente, mas uma lógica profundamente impenetrável ao raciocínio crítico humano.

Não se sabe como ou quando surgiu o Panverso. Dizer quando numa encruzilhada de tempos é incorreto. Mais provável é aceitar o fato de que sempre foi assim, e assim sempre será. Também é mais fácil para não se enlouquecer tentando achar uma explicação coerente.

Importa é dizer que a Cidade é o Panverso neoorganizado. A Cidade não tem limites aparentes; engloba todo o planeta Terra, todos os planetas Terras. Ele é seu próprio centro, porque falar de centro num espaço teoricamente infinito é outra impropriedade que em certos lugares se paga com a própria vida.

De qualquer forma, basta dizer isso: a Cidade é a Cidade e todos os caminhos levam a ela. Isso nunca (sempre) foi tão verdadeiro.

Resta ainda falar de seus habitantes. Humanos, quase todos. Pode-se encontrar robôs e algumas espécies de animais hiperevoluídos, mas não existem grandes afinidades entre eles e os humanos. Geralmente, para qualquer lugar que se volte os olhos no turbilhão da megatrópole que é a Cidade, só se vêem humanos. De todos os tipos e todos os tempos. Humanos que costumam dividir a si próprios em duas características básicas: os que se adaptam ao Panverso e os que não se adaptam. Esta segunda categoria é bem numerosa, e a maior prova disso é a quantidade imensurável de loucos que vagam pelas ruas intermináveis à procura de suas próprias épocas. Mas os que se conformam vão levando suas vidas. Como Borges.

Não se pode falar muito a respeito de Borges. Não se pode porque não se sabe. Nem mesmo seu aspecto físico é uma verdade absoluta. Aparenta ser jovem, embora digam que é muito velho. Mas com os tratamentos de rejuvenescimento do mercado, isso não chega a ser incomum.

Seu rosto é frio e impassível, e quanto a isso todas as pessoas que o conhecem concordam. Há quem diga que ele se submeteu a uma cirurgia de supressão do complexo R ou aplicou uma prótese facial subcutânea. Possível.

É bonito, se considerarmos que um corpo de estátua grega com bronzeado indígena vestido com roupas que lembram um Humphrey Bogart a David Bowie seja bonito. Completam o visual os cabelos curtíssimos, arrepiados, e um par de olhos azuis que brilham como se fossem metálicos. Isso também é possível.

Como já deve ter ficado evidente, a única coisa certa sobre Borges é que nada nele é certo.

Ele circula muito. Não tem hábitos de frequência facilmente determináveis. Ninguém sabe onde mora: as únicas pessoas que poderiam fornecer alguma pista são amantes ocasionais, e mesmo assim não são confiáveis.

Quanto ao que ele faz para viver ...

Aconteceu no Ivan, O Terrível, um bar dentro de uma galera viking ancorada no Cais do Porto. O que um barco viking tem a ver com um czar russo é impossível saber, mas o mesmo ocorre em qualquer parte do Pan-verso.

Borges estava lá dentro naquele instante, bebericando um Red Killer e ouvindo um conjunto de gueixas tocando canções pseudofolclóricas enquanto garçonetes havaianas com os seis de fora atendiam os fregueses solícitas.

E então ela entrou.

Um halo luminescente de um azul fraquíssimo envolvia seu corpo todo. Maquiagem holográfica, Borges pensou imediatamente ao notar que a mulher se dirigia para sua mesa. Era alta e magra; tinha um corpo de Claudette Colbert e o rosto de Daryl Hannah. É preciso ainda acrescentar uma informação: a única paixão declarada de Borges é pelo cinema. Volta e meia é visto nos cinematógrafos da Cidade.

- Senhor Borges? -- perguntou ela. Vestia um tailleur vermelho com chapéu de abas largas da mesma cor, e luvas e bolsa pretas para contrastar. Os olhos eram duas piscinas azuis. Borges evitou se afogar nelas.

- Sim -- ele respondeu.

- Preciso muito falar com o senhor. Posso sentar?

Borges encarou a mulher. Não gostava de óculos escuros, preferia o contato visual direto. O que neste caso não importava, uma vez que o holograma de enfeite camuflava até mesmo os olhos da mulher. Boa coisa não devia ser, ele considerou, mas e daí?

- Seja breve -- disse. Ela se sentou.

- Meu nome é Theodora Price. Preciso de seus serviços.

- Para ...? -- e esvaziou o copo.

- Senhor Borges, eu represento os interesses de um grupo muito poderoso recém-estabelecido na Cidade. Como o senhor bem sabe, há muito tempo corre um boato muito desagradável. Segundo alguns elementos agitadores, a Cidade nem sempre foi o que é hoje; há bem pouco tempo todo o universo conhecido teria sido compartimentado, sem interfaceamento entre dimensões e épocas. Como o senhor também sabe, esses boatos são totalmente infundados; é inconcebível e simplesmente ilógico imaginar um universo sem troca. E se ele já tivesse sido outra coisa antes, por que então ninguém se lembra?

Borges pediu mais um copo. Não perguntou se ela queria alguma coisa.

- Onde a senhora quer chegar? -- foi o que perguntou.

- Esse boato foi disseminado por um grupo rival que deseja tomar o controle financeiro da Cidade. Já descobrimos o líder.

- Se sabem quem é, por que me procurou?

- Porque nós queremos, senhor Borges -- ela frisou bem -- que nos poupe desse indivíduo. -- E mostrou um holocubo tirado da bolsa.

Então o eufemismo do momento para a morte é esse, pensou Borges enquanto gravava bem na memória os detalhes do indivíduo. A foto tridimensional, aparentemente tirada na rua, mostrava um homem alto, magro, o rosto coberto por uma enorme barba castanha e cabelos da mesma cor caindo nos ombros. Os olhos pretos pareciam mortos, sem esperança. presa fácil.

- Quem é o sujeito ?  
- Não sabemos seu nome. Ele se esconde muito bem, mas todas as suas aparições detectadas são na Marginal da Transfinita.  
- Muito vago.  
- Não disse que era fácil. Aceita ?  
- Preço ?  
- Participação nos lucros -- ela disse com um sorriso sacana.  
- Claro que não -- ele retrucou impassível. - Se esse homem não fosse perigoso, vocês não estavam me procurando. Quero crédito livre.  
- Caro.  
- Você sabe quem eu sou ?  
- Sei. Por isso me autorizaram a fazer o negócio -- e retirou do bolso da unha um nanochip de crédito. - Cinquenta Mega de adiantamento.  
Ele estendeu o relógio de pulso. Ela inseriu cuidadosamente o crédito numa das arestas. O mostrador confirmou a transferência de fundos.  
- Então está combinado -- disse Theodora Price, levantando-se.  
- Como faço para entrar em contato ? -- perguntou Borges.  
- Não faz -- ela disse, virando as costas. - Nós o achamos.  
E saiu tão rapidamente quanto entrou.

A primeira coisa a fazer era procurar Wallace Sampaio. Mesmo num lugar como a Cidade, onde as coisas mudam a cada instante, ter uma metodologia é fundamental ... Quanto mais não seja para não enlouquecer. Por isso Borges não podia recusar a ajuda de Wallace.

O centro geográfico da Cidade é um imenso deserto de imensos edifícios monstros verticais que abrangem centenas de quilômetros; pode-se andar dias e dias sem ver ninguém. O melhor lugar para os párias. Mas Borges conhecia uma rota segura, longe de favelas ou grupos de caçadores. Bastava meia hora de retas e curvas e pronto; num dos prédios mais improváveis localizava-se a central de fornecimento controlada por Wallace, um sujeito que para Borges lembrava Christopher Lambert vinte quilos mais magro. O vício em tetramesclados o consumia.

Borges entrou no meio da contagem de uma partida : qualquer outro teria sido imediatamente incinerado pelos servo-robôs fuzileiros contrabandeados do Ex-ército, mas Borges conhecia e era conhecido; ao receber a imagem do homem taciturno nas lentes dos óculos sensoriais, Wallace imediatamente desativou as armas das máquinas e desceu da pilha de caixotes e containers.

- E aí, maluco ? -- perguntou. Os lábios incrivelmente brancos formaram um sorriso cadavérico.

- O de sempre -- respondeu Borges, as mãos nos bolsos, olhar acostumado àquela rotina.

- É pra ontem -- e Wallace levantou a mão esquerda, calçada numa luva de dados. Em oito segundos cravados apareceu um robô assistente com dois frascos nas pinças. Borges pegou-os com cuidado e guardou-os no bolso da capa.

- Mais alguma coisa, milorde ? -- perguntou Wallace solícito.

- Info. Conhece este homem ? -- e mostrou o holocubo. O traficante pediu para ver o cubo mais de perto, apanhou-o, virou-o de vários ângulos e a resposta foi negativa. Ainda pensou em perguntar por Theodora Price, mas sabia que era inútil. Aparência falsa, certamente nome falso; se era quem afirmava ser, devia realmente haver um grupo muito poderoso por trás de tudo. Cinquenta Mega era uma grande quantia. Agradeceu com um aceno de cabeça e saiu.

A segunda coisa a fazer era a mais óbvia para quem lida com enigmas : na dúvida, consulte um oráculo. Nem todo mundo sabia como -- ou tinha condições de -- consultar os oráculos que viviam em cada uma das Quatro Colinas, mas Borges podia e sabia. Em primeiro lugar, para chegar lá era necessário utilizar a Rodovia Transfinita.

Não era uma estrada comum. Não aquele prédio circular gigantesco situado no pseudocentro da Cidade. Borges subiu até o centésimo décimo-prim-

meiro andar com várias outras pessoas no mesmo elevador, sem paranóias; o lugar era zona neutra.

Efetou a transferência de créditos na recepção do andar e aguardou chamarem seu número. Quando chegou sua vez, foi conduzido pela enfermeira ao longo de um imenso salão repleto de fileiras de tubos de metal opacos. Cerca de metade tinha a luz vermelha acesa; a enfermeira apontou-lhe um com a luz verde, e ajudou-o a se instalar. Então ela fechou o tubo, e a partir daí era com Borges. Apertou um botão vermelho e imediatamente desceu uma Coroa de Espinhos. A faixa circular de plastimetal adaptou-se ao diâmetro de seu crânio e encaixou-se ali, aguardando instruções. À sua frente, na porta do tubo, acendeu-se uma tela plana com orientações e procedimentos básicos. Borges não precisava ler os hieróglifos para saber o que era: retirou os dois frascos do bolso da capa e encaixou-os um em cada lado da coroa, tomando antes o cuidado de verificar a posição de cada um; o vidro de Farmerdick à esquerda e o de Duplizina à direita. Teclou o código especial, um dos muitos que não constavam ali do catálogo mas que ele sabia de cor, e recebeu o aviso de que a dosagem não dava para muitos minutos, isso pelo calendário solar egípcio. Borges sentia o tempo por instinto, como a maioria dos habitantes da Cidade; não ligou.

Sentiu um alívio profundo quando as incontáveis agulhas microscópicas da Coroa injetaram as substâncias na sua cabeça. O corpo relaxou, e a eterna sensação de alerta que o perseguia finalmente passou. Nessas horas Borges se sentia tentado a usar a Rede mais vezes, mas não queria se viciar mais do que o necessário.

A transição foi quase imperceptível. Escuro nos olhos, um zumbido incômodo nos ouvidos e pronto: a Primeira Colina está ali, viva e verde à sua frente.

Coisas do Sistema Schrödinger: você está e não está no mesmo lugar. E assim está em dois lugares ao mesmo tempo. O que é ótimo para quem precisa de rapidez de locomoção num universo interfaceado. E ele não podia perder tempo.

À sua frente, a Casa do Primeiro Oráculo. Esperou uns instantes do lado de fora por precaução; a casa era ocupada por Greg e o Urso, duas entidades que ocupavam o mesmo lugar no espaço, alternando-se a horários completamente irregulares. Falar com Greg, claro, era infinitamente melhor. O Urso era uma enorme criatura polar pré-histórica.

Depois de algum tempo sem ouvir nada, decidiu entrar. O lado de dentro era um único salão, grande e escuro. No seu centro geométrico, uma imensa coluna de luz ia do chão ao teto. E no centro dessa coluna, uma figura dançava sem gravidade, num balé de profundo tédio: era Greg.

O homem moreno e bigodudo estava vestido com uma grande capa de pele. Segundo ouvira dizer, Greg dera o azar de estar no lugar errado na hora errada: foi apanhado no fluxo espaço-temporal no instante de criação do Panverso, e simplesmente não há como sair do feixe de luz que o contém. Parece um inferno para o homem, que geme e se contorce; para o urso, não se sabe.

Mas nem mesmo o homem fala. Aparentemente, o esforço despendido para isso é imenso, e reduz as palavras ao mínimo essencial. Pois Greg é um dos oráculos das Quatro Colinas.

Borges aproximou-se e esperou. Acima, Greg tremia incontavelmente. De alguma forma inexplicável, o clima predominante no ambiente é o do urso, e foi preciso algum tempo até que um visitante levasse a Greg um casaco de presente; todo oráculo tem um preço. Mas Borges sabia que Greg se contentava com pouco.

Greg sentiu a presença do visitante e baixou o olhar. Girando lentamente o corpo, ficou de frente e aguardou. Mais lhe seria doloroso: parecia carregar todo o peso do Panverso nas costas. O que de certa forma era verdade.

- Onde está este homem? -- e ergueu a holofoto.

Greg sequer olhou para a mão estendida de Borges; era como se sentisse a foto. Fechou os olhos. Borges sabia que levaria algum tempo para que o oráculo pudesse entrar em contato com a estrutura do Panverso e oferecer

alguma informação; só torcia para que isso acontecesse antes que o efeito do Farmerdick acabasse.

Não demorou muito. O oráculo abriu os olhos cansados e disse, como se estivesse em transe :

- Onde você quiser que ele esteja -- e soltou um prolongado suspiro de alívio.

Por que todo oráculo ter que ser tão retórico ? -- pensou Borges. Ficou ali parado, olhando, tentando assimilar a informação. Estava começando a sentir a dormência familiar; mais alguns segundos e voltaria à Rodovia.

Olhou bem para o holograma em mãos. Não precisaria mais dele. Empurrou-o delicadamente para dentro do feixe de luz e ele subiu devagar como um balão, até parar nas mãos agradecidas de Greg. A coisa que ele mais apreciava era companhia.

Borges sentiu o formigamento e soube que estava na hora. Correu para fora da casa, e foi bem a tempo; imediatamente antes de seu corpo ser transferido, a última coisa que ouviu foi um urro ensurdecedor que vinha de onde antes estivera Greg.

Ao sair da Rodovia, Borges não estava em melhor situação do que quando entrara. Decidiu ficar nas cercanias por algum tempo para vigiar e meditar. O sol estava bom e isso ajudava a recuperação; as doses de Farmerdick e outros compostos alucinógenos utilizados para as viagens eram tão fortes que era sempre recomendável utilizar no mínimo uma droga de apoio, para rebater o mal-estar posterior. O que não ajudava muito, pois a Duplizina, só para dar um exemplo, provoca dores nas juntas imediatamente após uma viagem. E ela é uma das mais fracas do mercado. O consumidor é levado então a ingerir metamescal, que alivia as dores físicas mas causa supressão dos hormônios sexuais por tempo indeterminado; e assim por diante. Borges sabia a sensação de ser uma farmácia ambulante, por isso evitava. Preferia as dores.

Concentrar o pensamento na questão era a melhor forma de esquecer a dor. Mas Borges não conseguia chegar a uma conclusão sobre a frase de Greg. A não ser que isso significasse que o homem queria ser encontrado. Pouco provável. Mas por outro lado, os oráculos jamais lhe falharam.

Só que não era comum que uma investigação se estendesse além da Primeira Colina. Continuava sem pistas, e duvidava que o segundo oráculo tivesse muito a acrescentar.

Foi então que ela apareceu novamente. O andar provocante ao atravessar a calçada na direção da Rodovia Transfinita identificou-a, apesar do visual totalmente diferente. Desta vez, Theodora Price era Valentina.

- Ainda bem que encontrei você aqui -- disse ela, tapando o sol com a mão. - Detestaria ter que tomar a Rodovia.

- Alguma informação adicional ? -- perguntou Borges.

- Está um calor ... -- comentou ela, a alça da blusa de viscose caindo e deixando entrever o bico de um dos seios pequenos. - Você nunca tira essa capa ?

- Não.

- De qualquer forma, a mensagem é simples : o Causador colocou sua cabeça a prêmio.

- Então ele sabe.

Ela fez que sim. Os cabelos negros curtos reluziam estranhamente ao sol.

- Todo cuidado é pouco -- disse ela. - Eu recomendaria que você escolhesse bem as amizades. Nunca se sabe ...

- Isso -- retrucou Borges -- é problema meu.

- Não. Se você não conseguir cumprir o combinado, o problema será nosso. E você vai responder por ele. Vivo ou morto.

E saiu sorrindo, a bunda perfeita balançando sob a minissaia colante. Borges ficara se perguntando se ela era mesmo real.

Mas logo saiu do transe. Ela falava sério. Agora estava correndo um risco sério de vida. E de morte : se seus contratantes o pegassem depois



de morto, os órgãos iam para o banco de algum milionário. E se tivesse azar o bastante para ser apanhado antes da morte cerebral, ia fazer parte de algum biocomputador Panverso afora. O que não era o melhor dos paraísos.

Era melhor consultar a Segunda Colina de uma vez. Gastou apenas alguns minutos comprando um presente especial para o oráculo e voltou à Rodovia.

A Segunda Colina era uma imitação razoável da Acrópole. O interior da casa do oráculo era um átrio de proporções desconhecidas. Ao centro, a mesma coluna de luz. Ele mal se lembrava dos detalhes : só fora obrigado a recorrer ao local uma vez.

Recostada sobre um divã em estilo romano, a soma de todas as mulheres do Panverso. A Sibila era uma loura de cabelos que cobriam quase por inteiro suas formas voluptuosas; dependendo do lado de que se visse, lembrava um quadro de Rubens ou Picasso. Da primeira vez, foi difícil para Borges. Mas agora ele tinha como pagar.

- Eu me lembro de você -- ela disse, os olhos entreabertos. Sempre parecia estar no meio de um orgasmo. A história dela era mais complexa e incerta : uns diziam que ela vivera na Roma dos Césares, outros, que era a estrela principal de uma boate de sexo explícito retrô do século XXII. Difícil saber. Ela não contava.

- Já estive aqui -- respondeu ele, taciturno. Com ela era preciso evitar conversas prolongadas.

- E o que você quer ... ? -- ela ficava ridícula quando frisava as palavras com aquela voz lânguida.

- Por que aquele quem eu caço quer me caçar ?

Não precisava perguntar mais nada. Os quatro oráculos são intercomunicantes, e a pergunta feita ao primeiro o segundo já sabia. Mergulhada no feixe de luz incandescente, a Sibila fechou os olhos e entregou-se ao fluxo de informações que varriam seu corpo e sua mente. E respondeu :

- Você já deu a resposta.

Estou sendo enganado, pensou Borges. Mas tinha que pagar o preço mesmo assim. Regras eram regras.

Jogou-lhe o embrulho que comprara na Cidade. Ela abriu ansiosa o papel encerado e maravilhou-se com o pênis de mármore. Olhou para ele com volúpia e gratidão.

- Não quer ficar mais um pouco ? -- perguntou ela.

Ele já começava a sentir o formigamento.

- Felizmente não -- e deixou-se desaparecer.

A cabeça latejava e o resto do corpo tinha passado por um moedor; metáforas desgastadas, mas a dor continuava muito viva. Duas vezes em tão pouco tempo era perigoso. O resto do dia seria dedicado apenas a colher dados em terra.

Voltou ao depósito de Wallace para apanhar uma quantidade maior das drogas, por via das dúvidas. Mas as portas estavam trancadas; deviam estar no período de descanso, coisa muito relativa num Panverso onde cada um faz seu próprio tempo de acordo com as necessidades.

Não podia perder tempo. Tocou a campainha. A gravação no interfone comunicava que dali a sete horas -- o que quer que essa medida de tempo significasse ali -- retornariam às atividades.

Borges conhecia bem o local. Entrou no prédio ao lado, subiu lentamente as escadas, e num instante chegou ao terraço. Os edifícios eram próximos : ele deu impulso e se jogou. Caiu agachado sobre a borda; ficou de pé e desceu os andares que faltavam.

A porta do quarto de Wallace estava aberta. Ele estava sentado em frente a um terminal antigo de computador com uma tiara na testa. Parecia um pouco com a Coroa, só que era bem mais fina, e estava ligada ao terminal. Fusão com o aparelho ? Interessante. Será que o jogo dá para dois ?

Vasculhou rapidamente as caixas que estavam no quarto e encontrou mais duas tiaras. Pegou a que parecia menos usada e examinou a ligação feita por Wallace. Até onde sabia, entrar no meio de um jogo daqueles não ofe-

recia perigo, a não ser que fosse num modelo do século XX, que não tinha configuração necessária para aceitar isso. Mas Borges localizou a entrada para mais um plugue de fusão. E entrou no jogo.

Custou um pouco a se acostumar com a intrarealidade. A dor de cabeça estava aumentando, e começou a sentir frio e entorpecimento muscular. Tudo ao seu redor estava escuro. Correu os olhos virtuais num círculo completo mas não conseguiu achar nada. Então tentou usar a voz :

- Wallace ! -- o som saía sintetizado.

Uma voz metálica assustada :

- O que ? Quem está aí ? Tem alguém aí ?

- Calma, é Borges.

- Borges ?

- Entrei no seu jogo.

- Jogo ? Que jogo ?

- Não foi pra isso que você se fundiu ao computador ?

- Não. Eu estava tentando dormir.

- Os tetramesclados não deixam mais, é ?

- **Naw.** Andei tentando uns supressores sensoriais, mas não fazem mais efeito. Cara, minha última jornada foi de trinta e seis horas supervisionando carga e descarga de materiais ! Deixa eu dormir um pouco, vai ...

- Calma. Há quanto tempo você está dormindo ?

- Peraí, deixa eu consultar o clock. Hummm, porra, cara, sacanagem !

Não tem nem meia hora ! Eu devia estar começando a cochilar ...

- Você agora devia era se desligar. Quero fazer umas perguntas.

- Tá, tudo bem, tudo bem.

A próxima coisa que os olhos de Borges viram foi a tela do Retroshiba 4500. Ao seu lado, sentado numa poltrona caindo aos pedaços, Wallace piscava como um maluco, tentando se acostumar às luzes. Nem fez menção de tirar a faixa da cabeça.

- O que é ? -- perguntou o traficante.

- O sujeito que eu te aponteí hoje ...

- Ontem.

- Ontem no seu padrão de contagem de tempo -- retrucou Borges, irritado.

- Esse sujeito colocou minha pele a prêmio. E aí, onde é que eu encontro a figura ?

Wallace franziu a testa, tentando encaixar as informações. Não parecia fácil.

- O bundão, tipo pós-hippie ?

- Esse.

- Por que é que você não disse logo ? Ele esteve aqui logo depois de você ! Cara, ele pediu uma dose estúpida de Farmerdick. E nem remanheou na hora de pagar : foi ali, ó, na unha.

- Mandou entregar ?

- Nada, levou o pacotão na hora. Mas eu fiquei com a pulga atrás da orelha porque foi logo depois de você. Parecia que quem estava te seguindo era ele. Então mandei um spy-eye atrás.

- Dá pra saber onde ele está agora ?

- Claro ! Sabe manejar o sistema ?

- Sei.

- Então desce mais uns dois andares e fica à vontade. Posso dormir ?

- Calma. Tem mais duas doses aí ?

- Pode pegar no depósito que teu crédito é livre. E agora ?

- Pode -- e saiu apressado.

Um spy-eye, ou olho-espião, é uma microunidade de rastreamento de movimentação independente. Resumindo : um robô antigraavitacional do tamanho da palma da sua mão, com sistema de camuflagem state-of-the-art. Desde que esteja funcionando direito, claro.

Não estava. O monitor registrava apenas imagens térmicas, e nem mesmo assim com código de cores defeituoso : não conseguia nem definir o que era humano e o que não era. Mas pelo menos o som funcionava -- se bem que alto de mais -- e as coordenadas estavam sendo registradas sem problema. Ele estava na Zona Portuária, perto do cais. Consultor o computador para

definição de local e descobriu que sua vítima estava parada, dentro de um prédio na rua dos bares. Mais precisamente no Dejá Vu, uma das mais novas atrações da Cidade.

Isso era bom, porque o lugar estaria cheio demais para tentarem alguma emboscada em cima dele. Mas também era ruim, porque não poderia preparar nenhuma emboscada para o sujeito. Se bem que, na hora do vamos-ver, Borges sabia que a tão propalada neutralidade não existia. Era bom ir muito preparado. Conferiu o arsenal de bolso.

No Dejá Vu evita-se piscar os olhos. O bar é um ambiente em constante mutação, bem parecido com a Cidade que o cerca. As pessoas, portanto, se desorientam inevitavelmente quando entram na Salzburgo do século XVI e no instante seguinte estão no Rick's Café.

Era o melhor lugar para despistes. E também para armadilhas, concluiu Borges quando chegou. Muito discretamente, entrou e foi direto ao bar. Arma entorpecedora no bolso, a mão direita enfiada no gatilho, com a esquerda chamou a garçonete e pediu um pernod. E começou a vasculhar casualmente a multidão que enchia as mesas e a pista da casa.

Subitamente ouviu uma voz grave ao seu lado :

- Display it again, Sam.

E o Serviço Automático de Música repassou o último hojoclip tocado. O homem ao seu lado olhou para ele e sorriu. Vestia roupas muito surradas, encardidas, e os cabelos e a barba eram enormes. Tinha um olhar de cão sem dono capaz de comover qualquer um, menos Borges. Que naturalmente já sabia quem estava encarando.

- Como vai ? -- Borges perguntou, o olhar penetrante nos olhos azuis do sujeito. E a mão direita coçando no bolso.

- Borges ? -- o homem perguntou franzindo a testa. Tinha um copo de cerveja numã das mãos, e a outra estava sobre o balcão. Último, pensou Borges.

- Podemos conversar ?

- Devemos. Mas largue a arma que você tem no bolso, por favor. De-  
testo violência.

- E no entanto manda me caçarem ?

O homem ergueu as sobrancelhas intrigado.

- Eu ? Caçar você ? -- deu uma risada sarcástica. - Olhe bem para mim, Borges. Você acha que eu tenho condições de pagar sequer uma bebida ? Quanto mais alguém para te caçar !

- E esse copo na sua mão ? -- Borges perguntou com um pequeno sorriso ?

- Esmola, o que mais ?

- Importa-se de chegarmos direto ao ponto ? Gostaria de resolver isso o mais depressa possível.

- De jeito nenhum. -- esvaziou o copo. - Antes de mais nada, você veio a um lugar ruim. Acho que estou sendo seguido.

- É mesmo ? E por quem ? -- Borges estava cansado do óbvio.

- Por você é que não é -- respondeu o homem, também visivelmente cansado. - Existem pessoas que não querem que nos encontremos.

- Como por exemplo ...

- Ela -- o homem apontou discretamente para uma figura que acabava de entrar. O indefectível brilho azulado da holomaquiagem.

- A senhorita Price ?

- Não sei qual foi o nome que ela lhe deu. Mas ela quer me ver morto porque eu posso acabar com os interesses dela na Cidade.

- E ... ? -- Evitava tirar os olhos do homem ao seu lado e da mulher que acabara de avistar os dois. E que agora fazia um gesto para os lados do bar. Borges entendeu que ia ficar no meio de um fogo cruzado. Olhou de relance para seu interlocutor.

Que não estava mais lá.

Fragmentos de balcão voaram para todo lado. Sobre a pista de dança, o antigo globo de espelinhos refletia alucinado os comprimentos de onda das pistolas laser que entraram no recinto disparando a toda. Borges parou de pensar : jogou-se no chão e puxou finalmente a pistola entorpecedora.

Abriu o feixe no máximo com o botão do polegar e apertou o gatilho com o dedo médio ; todos num raio de dez metros ficaram imediatamente tontos. Copos caíram, mesas viravam. Dois dos atiradores perderam o equilíbrio e deixaram as armas cair. Borges pulou em cima da mais próxima e disparou no terceiro : na mosca.

A velocidade do esquadrão de assalto foi tão grande que os cinco atiradores restantes já estavam quase fechando um semicírculo que impunha Borges contra o balcão do bar. Ele não pestanejou : fuzilou o que estava à sua frente e em dois pulos alcançou Theodora Price. A maquiagem holográfica era desta vez a cara de Meryl Streep, mas a pose de líder não deixava margem para dúvidas. Apontou a arma para a sua testa.

- Por que ? -- ele perguntou entre dentes. - O contrato não era só para eliminar o homem ? Por que agora de repente é comigo ?

- Você não estava cumprindo sua parte do contrato -- ela respondeu irônica. - Portanto não lhe devo satisfações.

- Deve sim, se quiser que eu continue.

Os olhos dela brilharam.

- E quem disse que nós queremos ?

Borges não sabia como ela estava por baixo da maquiagem, mas o rosto de atriz era de uma frieza insuportável. Dava vontade de matá-la. Mas precisava de uma deixa. Que ela não tardou a dar.

Um simples movimento de olhos. Uma mulher gorda, que tinha acabado de sair do banheiro, viu a cena e sacou uma adaga persa da bolsinha. Mas não acertou.

Com Borges não se deu o mesmo. O tiro pegou na testa da mulher.

Os homens perto do balcão não sabiam o que fazer. Armas em punho, esperavam a reação da figura que agora segurava sua líder pela gola do Spencer e constatava maravilhado que ela era realmente de carne e osso. Borges olhou os olhos azuis de Meryl Streep e viu que eles se fechavam com volúpia, os lábios vermelhos e carnudos levemente entreabertos, convidando. A última cartada.

Chegou à conclusão de que detestava Meryl Streep.

O tiro foi na boca.

O segundo de inércia que o espanto pela morte da líder provocou nos seus subordinados foi tudo o que Borges precisou para escapar. Do lado de fora, começou imediatamente a ouvir os disparos e gritos.

Todas as ruas da região brilhavam vermelho por causa de um eclipse total do sol. Imprevisível como tudo o mais no Panverso. Como toda aquela situação.

Não estaria mais seguro em lugar nenhum. E dificilmente encontraria o sujeito que poderia explicar tudo.

A não ser que tentasse um passo a mais.

A Casa do Terceiro Oráculo era habitada pelo Lamentador. Um homem desproporcionalmente gordo, pendurado no meio do imenso salão por ganchos de carne que pingavam com seu sangue. Ele chorava assustadoramente. Borges sentiu um arrepio involuntário; era a primeira vez que ia à Terceira Colina.

O homem chorava e berrava coisas incompreensíveis, um muro das lamentações vivo. Levou uma eternidade enervante para perceber a presença de Borges, mas isso não fez com que parasse de chiar, pelo contrário : esticava as mãos rechonchudas na direção de Borges, como se esperasse uma salvação que obviamente não viria. E por isso continuava a chorar.

Borges não podia pagar esse preço. E duvidava que ajudasse alguma coisa : o lamentador era inútil. Baixou a cabeça e saiu da casa rápido.

Saiu da Rodovia Transfinita bastante abalado. A dose necessária aumentava a cada colina. Teve de trincar os dentes para que não quebrassem, tamanha a tremedeira.

Caminhou ao sol fraco da manhã que banhava aquela região, procurando encaixar as coisas. Num único dia, o maior contrato de extermínio dos últimos tempos e um prêmio por sua cabeça. E o pior é que estava sendo es-

cravo do mais velho clichê do Panverso depois do Messias : ser perseguido sem saber por que.

Aos poucos o efeito das drogas foi passando, e ele foi se dando conta de uma verdade simples : estava servindo de brinquedo. Primeiro uma mulher totalmente desconhecida o aborda e oferece uma quantia enorme para matar um indivíduo; até aí tudo bem, era seu serviço. E o dinheiro estava na sua conta, não era invenção. Mas sempre existira um código de ética implícito entre ele e seus contratantes; eles não se revelavam e ele cumpria o serviço mediante adiantamento; logo após a execução, o resto do pagamento chegava. Isso nunca deixara de acontecer.

Até o dia em que alguém desejasse usá-lo como bode expiatório de alguma coisa.

E o sujeito, afinal de contas ? Pelo menos o nome e localização da vítima ele sempre recebia da parte interessada. Os porquês quase nunca importavam.

E o mais intrigante : por que de repente as coisas mudaram ? Por que agora o perseguido era ele ? Ou aquela história de terem posto sua cabeça a prêmio era mentira, um boato espalhado pelos empregadores de Theodora Price ?

A cabeça de Borges estava estourando com tantas hipóteses. As mãos enfiadas nos bolsos apalpavam nervosas as armas. Verdadeiro ou não, o boato devia ser levado em consideração. Borges tinha inimigos.

Ficou andando algum tempo entre os labirintos de prédios quando a música que vinha de um dos cortiços lhe chamou a atenção. Na calçada, um bando de garotos tentava ensaiar alguns passos de dança neotribal com um enorme rádio para marcar o ritmo. A melodia pesada, quase hipnótica, não lhe era estranha : Das Pentagram Lied, de M. C. Grieg. Provavelmente uma gravação.

Só quando já estava distante do cortiço foi que se lembrou, melancólico, de que aquela era a música que o homem pedira que o Sam repetisse no bar.

Foi por muito pouco, pensou o mendigo em seu esconderijo subterrâneo, lutando para recuperar o fôlego. Consultou o relógio de pulso caindo aos pedaços, tentando -- em vão, era sempre em vão -- calcular o momento exato.

Perdeu o olhar entre os tubos onde tantas pessoas dormiam congeladas. Tantos anos de espera, reunindo pessoas de todos os tipos e épocas, vagabundos, miseráveis, párias, inconformados. Gente que não acreditava nesse mundo. Gente que acordava gritando todas as manhãs com sonhos que sempre se repetiam. Sonhos que mostravam um mundo diferente. Onde o tempo era um só, e as dimensões não se cruzavam.

Levou muito tempo para que ele encontrasse cientistas dispostos a passar para o seu lado e bancar sua teoria. Não dizem que o universo é o sonho de Deus ? E se o Panverso é o sonho de Deus enlouquecido, um Deus que não era mais que um homem, um paranormal poderosíssimo, então não seria possível que outros homens, paranormais também embora não tão fortes, não seria possível que milhares, milhões deles se juntassem para sonhar com outro universo ?

Faltava tão pouco. Ele estava ficando cansado.

Enfiou a mão no bolso da calça suja e os dedos encontraram a velha foto mais uma vez. Já estava cansado de olhar para ela. Mas era seu dever e sua salvação.

Espero que Borges tenha entendido meu recado, ele pensou desconsolado enquanto tornava a subir as escadas. Se não estiver morto. Não pode estar. Precisamos dele.

Desta vez Wallace estava funcionando bem. Aparentemente sob o efeito de uma dose poderosíssima de tetramesclados, o esqueleto ambulante corria e pulava para todos os lados, dando ordens a capatazes humanos e servorrobôs. Os olhos traíram surpresa quando viram Borges.

- Fala, el general ! -- acenou alegre.



Borges não cumprimentou. Aproximou-se devagar de Wallace, agarrou-o pelo braço e o levou para o escritório.

- O que foi, maluco? -- perguntou o traficante, completamente dopado. Pela força não vai dar, pensou Borges.

- Estou precisando de uma partida especial -- disse.

- Ah, só isso? Quanto?

- 180 cc de Farmerdick e 20 cc de sódio-pentatol. 20 não, 40.

- Porra, malandro, vai barbarizar com os miolos de alguém?

- Vou.

Wallace ficou sério.

- Tudo bem, tudo bem, já vai -- e fez menção de sair. Mas Borges prendeu-o pelo braço.

- Está perigoso lá fora. Manda um dos teus robôs trazer.

Wallace começou a rir sem motivo. Apertou o botão do interfone e chamou uma das máquinas, que apareceu em poucos minutos com um pacote.

- Tem uma seringa aí? -- perguntou Borges.

- Tás brincando? Faça coleção -- e mostrou uma estante cheia delas. De todos os tipos, de todos os séculos. Desde as metálicas do século XIX até as de jato-embolo do século XXII, passando por uma infinidade de outras.

Borges escolheu a mais antiga, com uma agulha rombuda, enferrujada e manchada de sangue seco. Começou a abrir o pacote que continha os frascos, separou o de pentatol e, com gestos lentos e cuidadosos, esvaziou todo o conteúdo na seringa. Wallace ria e assistia a tudo sem entender nada.

Até que Borges pegou o braço de Wallace. Mesmo torporizado, ele percebeu do que se tratava.

- Ô maluco, vê lá, o que é que tu vai fazer comigo?

- Vou te sangrar -- disse Borges. - Como na Idade Média, saca?

Wallace começou a chorar.

- Faz isso comigo não, companheiro -- ele dizia chorando e fungando.

- Nunca furei contigo, tu sabe.

- Sempre tem a primeira vez.

- Cara, isso é overdose. Eu já tô legal, vou empacotar bonitinho.

Faz isso não ...

- Lamento. Não confio mais em você -- e injetou tudo. Wallace tentou gritar, mas estava fraco demais.

Demorou um pouco para a droga fazer efeito. Wallace quase desmaiara; se isso acontecesse, adeus. Entraria em coma e dali para a morte, com aquela dose, era um pulo. Se eu estiver errado, pensou Borges, gasto o resto da grana e compro um corpo novo para ele. Se não, grande falta ele não fará.

Wallace começou a balbuciar coisas desconexas. Estava no ponto.

- Por que querem me matar? -- perguntou Borges.

- Não sei ... -- foi a resposta.

- Por que não me deixaram matar o sujeito?

- Parece ... -- aqui ele engasgou. Borges rapidamente segurou sua cabeça para evitar um possível sufocamento. - Parece que você estava sujo ...

- Por que?

- Sei lá ... Você e o cara ... Não podiam se encontrar ...

- Esse negócio de prêmio pela minha cabeça é sério?

- Claro! Você acha ... que eu ia perder uma dessas?

Borges viu que dali não saía mais resposta. Levantou-se e deixou o traficante agonizar.

Como das vezes anteriores, ele teve de percorrer um caminho doloroso e alucinante. A dose da Coroa foi a mais forte de todas. Sentiu como se estivesse cercado de ondas por todos os lados e elas lentamente lhe rasgassem o corpo em centenas de tiras de carne e sangue flutuando num fluido pesado e viscoso. Nunca o tecido da realidade fora tão irreal.

A casa do quarto oráculo era uma mansão fascinante, um monumento à ló-gica. Uma torre circular de diâmetro reduzido e altura indefinida, acom-

panhando quase o próprio formato do feixe misterioso de luz. Borges sentiu um pouco de esperança; se não pudesse conseguir a resposta na última das colinas, onde mais ?

O interior era bastante sombrio. Os poucos metros que separavam a porta da coluna de luz eram tão escuros que Borges teve de tatear com os pés para evitar tropeçar em alguma coisa. Mas não havia nada.

Não precisou aproximar-se demais. A criatura envolta em sombras manchadas de vermelho já olhava para ele antes mesmo que tivesse entrado. E não deixou que seu visitante fizesse a pergunta :

- Por que perdeu seu tempo ? A resposta que procura não está aqui.

Borges olhou a criatura sem entender.

- Você sempre soube a resposta. Mas não lembra.

Borges ignorou a observação.

- Onde então posso encontrar a resposta ?

- O homem que você procura lhe deu a pista. Quando sair daqui você se lembrará.

- Suponho então -- Borges disse irônico -- que não preciso lhe pagar nada.

- Engano seu -- disse o oráculo, e deixava Borges irritado porque as manchas vermelhas não deixavam que visse a boca da criatura. - Você vai pagar, e bem caro. Mas não aqui.

Borges só não saiu mais indignado por causa do cansaço.

Era um farrapo. Os olhos azuis já não intimidavam ninguém, os cabelos soltos e desgrenhados tinham aspecto de sujeira, e nisso combinavam com a sua roupa; ele queria poder dormir um pouco antes de resolver tudo. Mas onde ?

Ao descer o elevador aberto, viu pela janela uma movimentação incomum nos quarteirões externos ao edifício. Claro, pensou ele, que idiota eu fui. Nunca pensou que saberiam onde estava ?

Ainda pensou em dormir dentro do prédio para ver se recuperava um pouco as energias, mas já não acreditava mais em código de ética nenhum. Desceu no saguão assoviando Meu mundo caiu.

Enfim, pensou, fodido e meio; meteu a mão no bolso e apanhou o último frasco de Duplizina. Ia ser uma longa viagem.

Saiu do prédio outro. Não podia se esquecer de que a dose duraria pouco, ainda mais que já estava criando resistência, e também que os efeitos colaterais provavelmente o poriam na cama. O que equivalia a morte, pois quem iria ajudá-lo ?

Checou o equipamento oculto, e saiu com as mãos nos bolsos, como sempre. Não foi molestado ao atravessar a rua e sair do território neutro. Até chegar ao segundo quarteirão.

A rua estava completamente tomada; não havia frestas por onde um rato conseguisse passar. Parecia que toda a marginália da Cidade queria tirar o seu pedaço de Borges. Desde simples rockabilles desajustados dos anos 50 até patrulheiros estelares mirins, passando por um enorme bando de visigodos com cara de o que é que eu estou fazendo aqui, mas não menos perigosos. Borges anotou mentalmente as armas : desde cacos de vidro e giletes até perfuratrizes sônicas e redes incandescentes com as sempre eternas pistolas laser. Qualquer um tremeria. Menos Borges.

Não. Mesmo ele tremeria. Se não fosse pela Duplizina. Que, como o nome já diz, confere ao usuário o dobro das capacidades físicas e mentais enquanto de seu uso. Junto com a essencial dose de loucura que é preciso para se enfrentar um exército.

Em dois passos traçou toda a estratégia. Os que vão morrer que me saúdem, pensou. E deu um grito de guerra.

Os próximos minutos foram incompreensíveis. Borges mergulhou no meio da turba disparando rajadas laser para todos os lados. Todos retribuíram, claro; mas estavam tão aglomerados que acertavam uns aos outros.

De repente, uma dispersão; a arma entorpecedora funcionou bem novamente. Mas a clareira revelou a localização de Borges. Ele deu um salto e caiu com os pés em cima do peito de um ronin feudal, mas não antes que o

japonês desferisse um rápido golpe com a sua katana na coxa de Borges. Não se preocupou no momento; a dor viria bem depois. Fuzilou um mariner americano que estava no caminho e daí foi simples; em movimentos muito rápidos, abaixou-se, arrancou a granada que o soldado trazia presa ao cinto, soltou o pino e jogou-a no meio da rua.

A explosão foi suficiente para que o exército improvisado se dispersasse de vez. Os remanescentes teimosos não conseguiram alcançar Borges, que em segundos alcançou o fim da rua, e estava salvo.

Por enquanto, isso ele sabia. Agora, sua meta era tentar achar o culpado disso tudo antes que fosse tarde.

Sem se dar conta, passou outra vez pelo cortiço e o mesmo grupo de garotos que praticavam paços de dança. desta vez não pôde parar, mas a letra da canção alemã vibrava na sua cabeça. A canção do pentagrama. Algo sobre um rapaz que conjura o demônio riscando uma estrela de cinco pontas no chão do quarto, e alertando sobre o risco de desenhar um símbolo diferente, pois só as cinco pontas podem prender o demônio.

Só as cinco pontas.

Cinco pontas.

Cinco.

E se na verdade as colinas fossem cinco ?

Era uma hipótese muito arriscada, e nunca fora sequer sugerida. Também, já era raríssimo quem tivesse passado da terceira colina, e mesmo assim ninguém que tivesse chegado lá gostava de falar a respeito. Agora Borges sabia por que.

Em compensação, talvez fosse o único por que que Borges conhecia. Sua cabeça começava a girar; o estômago doía. O efeito da Duplizina estava passando. Não dava dez minutos para começar a primeira crise de dor nas articulações, isso se o tamanho da dose não o deixasse num coma. Meteu a mão no bolso e sentiu os frascos; nenhum quebrado, felizmente.

Achou um beco escuro e recostou-se na parede, tentando ordenar os pensamentos. Como descobrir onde estava o homem ? Não havia como. Wallace era disparado o melhor e mais confiável informante. Se ele se deixara levar pela recompensa, que diria os outros ! Não tinha coragem de procurar ninguém. Percebeu nesse instante que não tinha na verdade nenhum amigo, nenhuma pessoa com quem tivesse um relacionamento sincero. E isso agora era fatal.

Estava ficando sentimental; efeito do bode da Duplizina. Voltou à cadeia de pensamentos. E quanto aos oráculos ?

O terceiro nada valia, era um infeliz. Greg e a Sibila foram muito superficiais; o primeiro lhe dissera que o homem estaria onde ele estivesse. Isso não valia nem em sentido figurado. A segunda fora redundante ao dizer que a pergunta já tinha respondido a si mesma. Isso tudo equivalia a dizer ou que o homem era ele próprio, o que definitivamente não era verdade ou que de alguma forma o causador de toda essa situação era ele. Todos os caminhos apontavam para ele, e o pior é que sem motivo.

A única pista mais concreta ficara por conta do último oráculo. Será que a informação a que ele se referira era justamente a música tocada no bar do Dejá Vu ? Era a única coisa que fazia um pouco de sentido e também a única informação de que dispunha.

Começou a sentir enjões. A perna direita latejava; borges baixou os olhos e viu o tecido da calça empapado de sangue. Não tinha mais tempo para filosofar.

Saiu com cuidado do beco e verificou as redondezas. Não havia ninguém naquelas bandas. Entrou no primeiro prédio em ruínas que pudesse escondê-lo. Sentou-se num canto escuro com cheiro forte de urina podre e retirou o frasco do bolso. Não seria difícil adaptar o cano da arma entorpecedora para servir de pistola de aplicação. Colocou a dose máxima de Farmerdick. Não ia conseguir sair vivo mesmo. Mas não morreria sem saber por que.

Do alto da Quinta Colina estendia-se um manto branco para todos os lados, uma coisa indefinível que lembrava ao mesmo tempo neblina e teias de aranha. Só era possível enxergar com precisão o que estava contido dentro de seus limites. E, tirando Borges, a única coisa que havia na colina era

aquele homem. Os cabelos e a barba muito compridos não conseguiram ocultar toda a tensão do rosto cansado. Ele esperava Borges em pé, as mãos nos bolsos da calça esfarrapada. Borges aproximou-se.

- Muito bem -- disse ele. - Estou esperando.

A expressão do rosto do homem não se alterou.

- Esperando o que ?

- Eu quero saber por que toda essa perseguição.

- O que te contaram ?

Borges enfiou a mão no bolso da capa, mas o homem foi mais rápido : a arma estava apontada bem para a cabeça de Borges.

- Por gentileza -- pediu ele.

- Uma organização que controla financeiramente a Cidade quer ver você eliminado por causa de seus boatos sobre a existência do Panverso. Diz que você é o cabeça de um grupo rival. Isso é verdade ?

- Você devia ter perguntado à mulher que te contratou qual o nome da organização.

- Não me interessa. Sempre garanti sigilo absoluto.

- Por isso é que você é otário -- retrucou o homem, aborrecido.

- Deixou a mulher te pegar direitinho. Não existe organização nenhuma, senhor Borges ! O motivo era bem outro.

- E qual era ?

- Nunca lhe ocorreu que todos os boatos sobre a origem do nosso atual universo poderiam estar certos ? Nunca lhe passou pela cabeça que algo poderia ter existido antes, algum outro mundo, e há bem pouco tempo atrás ? Quer saber como tudo começou ?

- Isso é relevante ? -- Borges perguntou irônico.

- Quer saber por que estou perseguindo você ? Quer saber por que está todo mundo na Cidade atrás do seu escalpo ?

- Quero -- respondeu Borges, muito sério. Começou a sentir um suor frio porejando na testa.

- Então me escute. Tudo começou com um mundo horrível e caótico, um mundo onde poucos eram felizes e muitos sofriam. E outros tantos que tentaram fazer alguma coisa para melhorar a situação mas naturalmente não conseguiam. E, nesta última categoria, havia os que não aguentavam o rojão e piravam.

"Mas havia uma pessoa que podia. Uma pessoa que cedo descobriu que era diferente. Desde pequena ela percebeu que as coisas que ela podia fazer ninguém mais podia. Mas ninguém acreditava nela. Lar dividido, família neurótica, enfim, o que toda pessoa costumava ter naqueles tempos. Isso mexeu muito com o equilíbrio mental dela, que já era bastante delicado.

"Então chegou o dia em que essa pessoa simplesmente resolveu dar um basta nas coisas. Ela passou muito tempo isolada do mundo, pensando, testando possibilidades. Até chegar à conclusão de que poderia mudar tudo, todas as coisas. E mudou.

- Um paranormal psicótico ? Bonito. Essa é a sua história, então ?

O homem olhou para ele com olhos de quem não tinha mais nada.

- Não, Borges. É a sua.

Silêncio.

- O culpado por isso tudo aqui, Borges, é você. E sabe por que quise-ram que você me matasse ? Porque eu era a pessoa que mais oferecia risco a você.

- Mas quem era aquela mulher, afinal de contas ? -- Borges sentia a cabeça latejar; primeiro as coisas urgentes, pensou. Depois essa história louca.

- Ela era do meu grupo. Um grupo muito grande de gente que fui reunindo nos últimos meses, anos, sei lá como se conta o tempo agora ... -- mudou a arma de braço e fez uma pausa para tomar fôlego. - Tem um cigarro ?

- Não.

- Tudo bem. A garota fazia parte desse grupo, pessoas que simplesmente escapara do seu condicionamento, pessoas que se lembravam de sua existência anterior. Nós nos reunimos para tentar entender o que havia

acontecido. Aos poucos fomos juntando as peças soltas e formulamos uma hipótese.

"Acontece que essa garota pesquisou você e concluiu que você se encaixava no padrão de comportamento do nosso homem. Só que a vida atual era mais atraente para ela ... Haja visto a maquiagem holográfica, por exemplo. Ela era feia de doer.

- Então não fez grande falta -- cortou Borges. O homem não achou graça.

- Ela achou que você tinha ainda muito poder, e já que você assumiu uma identidade de exterminador de aluguel poderia muito bem cuidar do meu caso como se eu fosse qualquer um, e não se faziam perguntas. Acho que teria dado certo, se eu não tivesse descoberto antes.

- E então tratou de inverter os papéis.

- Exato. Quando ela nos viu conversando, perdeu o controle da situação e tentou matar os dois. Mas soube que você deu conta do recado.

- É, dei sim.

- Melhor assim. Agora a coisa fica mais fácil.

Borges lutava contra o próprio rosto. Não queria que o homem visse o quanto estava confuso.

- Mas eu não me lembro de nada -- explicou.

- Eu sei -- o homem disse resignado. - Já deu pra perceber. Você não aguentou o processo de alteração. Sua mente entrou em curto. Você se isolou, criou um personagem e pronto : sua cabeça não aceita a idéia de lembranças.

- Eu tinha pesadelos toda noite.

- Claro. Alguma coisa sobrou disso tudo.

- E o que sobrou para vocês ? Se o que você está me dizendo é verdade, a maioria das pessoas não se lembra. Por que vocês não esquecem o que foi antes ?

- Porque houve alguma coisa antes -- retrucou o homem. - O mundo anterior era uma merda, mas pelo menos a gente sabia onde estava pisando. Ninguém quer uma singularidade ambulante ! Você dobra uma esquina e dá de cara com um doge de Veneza seduzindo uma taitiana do século XVIII, para logo depois ser assaltado por um bando de sobreviventes da Quinta Guerra Mundial. Isso quando não dá o supremo azar de ser catapultado para um planeta sem oxigênio ! Isso aqui não é um mundo, é uma roleta russa !

- Não se pode agradar a gregos e troianos.

- Não. Mas não precisamos de um ditador mental com uma visão estreita de mundo. Você não tinha o direito.

- É mesmo ? -- Borges parecia desolado. A perna havia voltado a doer; concentrou-se na dor para não pensar mais nas palavras de seu interlocutor. - E o que você vai fazer agora, me matar ?

- Não se preocupe, não estou nem pensando nisso. Só quero te mostrar uma coisa -- e meteu a mão no bolso da calça suja. Retirou uma foto velha e amarfanhada, e esticou a mão quase na cara de Borges.

- Você está vendo esse cara gordo e escroto aqui ? -- alterou a voz. - Esse cara com óculos fundo de garrafa e que não conseguia sorrir sem fazer uma careta que assustava meio mundo ? Está vendo este merda aqui ? Este aqui é você, seu filho da puta ! Você sempre foi um merda, balofo, míope, paranóico ! A única coisa que você jamais teve de bom foi esse seu poder, e você estragou tudo ...

O homem não conseguiu evitar as lágrimas. A mão esticada na cara de Borges suave e frio, esperando uma reação, qualquer coisa que pudesse servir como sinal.

- Só não entendi uma coisa -- estranhou Borges. - Quem é você ? Como foi que você descobriu tanta coisa a meu respeito ? E a foto ?

- Você não alterou só o tempo e o espaço. Ninguém tem mais o mesmo rosto de antes. Você redefiniu todos os habitantes da Terra. Não dava mesmo para saber quem eu era, não é ? -- e, cansado : - Eu sou seu irmão.

Pela primeira vez em muitos anos -- mas agora não tinha mais certeza -

- Borges chorou. Lágrimas difíceis, incertas.

- Isso ... Isso é verdade mesmo ? Eu não sabia ...



Um lampejo percorreu a mente do irmão de Borges. Se quisesse cumprir o plano à risca, tinha de ser agora. Se todos os cálculos estivessem certos, o melhor momento era o de maior vulnerabilidade.

Atirou.

Nervoso, o homem viu a fumaça do disparo e o coice da arma anuviarem o ambiente por alguns segundos. Mas logo notou que Borges não havia caído. A bala estava pairando na frente dos olhos transtornados de um homem que acabava de se lembrar.

E foi a última coisa que aconteceu.

Um nanossegundo antes, no subterrâneo : os EEGs ligados a cada cápsula de hibernação acusavam um período de sono profundo. Os ocupantes estavam todos tendo muito bons sonhos.

O sol nascia verde por entre o teto denso da floresta. Borges abriu os olhos e descobriu que estava vivo. Os olhos meio enevoados, talvez tivesse que lavar o rosto. E o corpo também, pois estivera deitado horas completamente nu sobre o chão de folhas secas. Então resolveu explorar.

A margem da floresta dava num campo relvado, a promessa de um rio bem ao longe. Ia ter que andar bastante para chegar até lá, mas não estava cansado. Era como se tivesse acabado de dormir uma longa noite, assolada em alguns instantes por um pesadelo difícil de lembrar, e que ia sendo esquecido à medida que Borges tentava recordá-lo. Mas não devia ser nada importante.

Só importava o momento presente.

Como o baobá.

Logo depois do rio, descendo um pouco a correnteza na direção do sol nascente. O troco da árvore milenar era tão grande que vários homens não conseguiriam abraçá-lo todo; a copa era tão vasta que poucos raios de sol conseguiam atravessar suas folhas, criando um efeito beatífico. Ele estava maravilhado.

Não tinha pressa. Sentou-se e ficou admirando a árvore. Não parou nem quando a porta em seu tronco se abriu.

Os residentes entraram no quartinho acolchoado quase na ponta dos pés, como por instinto.

- Podem andar direito -- disse o médico. - Ele não vai se incomodar.

- Mas por que é que ele está olhando tão fixo para a porta ? -- perguntou um sextanista.

- Será que essa teoria de que os esquizofrênicos enxergam outras realidades tem alguma coisa séria, doutor ? -- perguntou outra aluna.

- Quem sabe ? -- replicou o professor, enquanto verificava o estado geral do homem que tinha seu sobrenome. - Tem tanta coisa neste mundo que não sabemos ... Provavelmente existem mais coisas na cabeça de um louco do que imaginamos.

Mas ninguém reparou no sorriso aliviado do professor.

---

## Ilustrações:

Capa: R. S. Causo, baseada no conto O Inimigo Interno

4ª Capa: Michael Marrak, capa do fanzine alemão Andromeda

Endereço para correspondência (inglês): Thomas Recktenwald; Lindenstr. 11,  
W-6630 Saarlouis 2 - Germany

Roberto Schima: logotipos, 5, 11, 23, 27, 28, 29, 34, 44, 53, 59, 61 e pág. central (baseada em sua noveleta Os Fantasmas de Vênus, coletânea Tríplice Universo), Coleção de Ficção Científica GRD

Bob E. Hobbs: 18 e páginas centrais

Steven Fox: 31

Giorgio: 56

RUBY FELISBINO MEDEIROS

*En este mundo enganador  
Nada es verdad, nada es mentira  
Todo tiene el color  
Del cristal con que se mira*

CAMPOAMOR

"EU ERA FELIZ E NÃO SABIA..." - foi mensagem nas faixas que surgiram após a última mudança de governo. Parodiando posso dizer que "EU ERA RICO E NÃO LEM-BRAVA". Sim eu era rico, muito rico e ainda o sou, por possuir uma coleção completa de SELEÇÕES DO READER'S DIGEST, encadernada, desde 1942: cinquenta anos de colecionador.

Muita paciência e horas sem conta para rever páginas e páginas, algumas bem amarelcidas, mas valeu a pena revisar esse acervo. É um tesouro de informações. Existe um pouco de tudo: da história que vivemos, fatos sobre a segunda guerra mundial, anedotas, palavras difíceis e seus significados, resumos sobre ciências, relações entre patrões e empregados, livros condensados, artigos sobre ciências variadas e entre tudo isso um grande tesouro para os apreciadores de ficção científica abordando assuntos diversos sobre CIÊNCIAS como a IDADE GLACIAL, VINDOURA, DESAPARECIMENTO DOS DINOSSAUROS, ASTRONÁUTICA e as VIAGENS ESPACIAIS, STONEHENGE, VIDA NO ESPAÇO SIDERAL, ASTRONOMIA, etc., verdadeiras sínteses que dão uma idéia sobre a matéria, não necessitando o leitor pesquisar obras de grande porte para conhecer o essencial, mas que definem limites entre o real e o ficcional.

Além dos textos científicos propriamente ditos de "orientação" para os aficionados da ficção científica encontramos referências sobre cinema, tais como Guerra nas Estrelas e quase uma dezena sobre mistérios que são ou foram temas do gênero.

Artigos de futurologia, com previsões, desde 1942, até os dias atuais, e que muitas se realizaram, sempre abordando temas do tipo "o que será" ou "como será" no futuro.

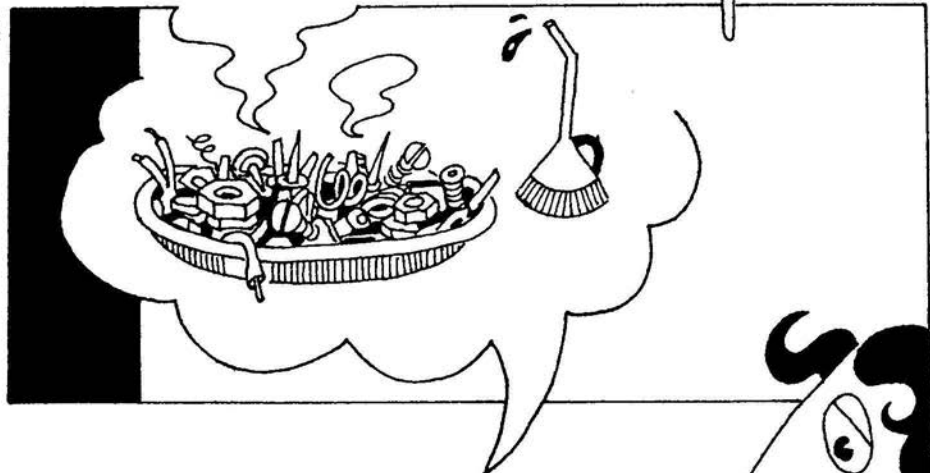
Encontramos resumos sobre vários autores como Asimov, Wernher Von Braun, Júlio Verne, Hitchcock, Arthur Clarke, Conan Doyle, Johannes Kepler, Ron Hubbard, Da Vinci, Ray Bradbury, Orson Welles.

E, para o prazer dos amantes da ficção científica encontramos também contos de Isaac Asimov, Arthur Clarke, Ray Bradbury, Constance L. Melaro, Ralph Repert, David MacCauley, H.G. Wells, Fredrick Brown, Gordon R. Dickson.

Dos seiscentos números de SELEÇÕES relacionamos mais de duzentos textos de interesse imediato e útil que comprovam que a revista em seus cinquenta anos sempre deixou "pérolas e jóias" para todos os gostos e culturas.

Obs: os interessados na relação podem entrar em contato com nosso Bom Doutor.

# ROBOZI: Cardápio

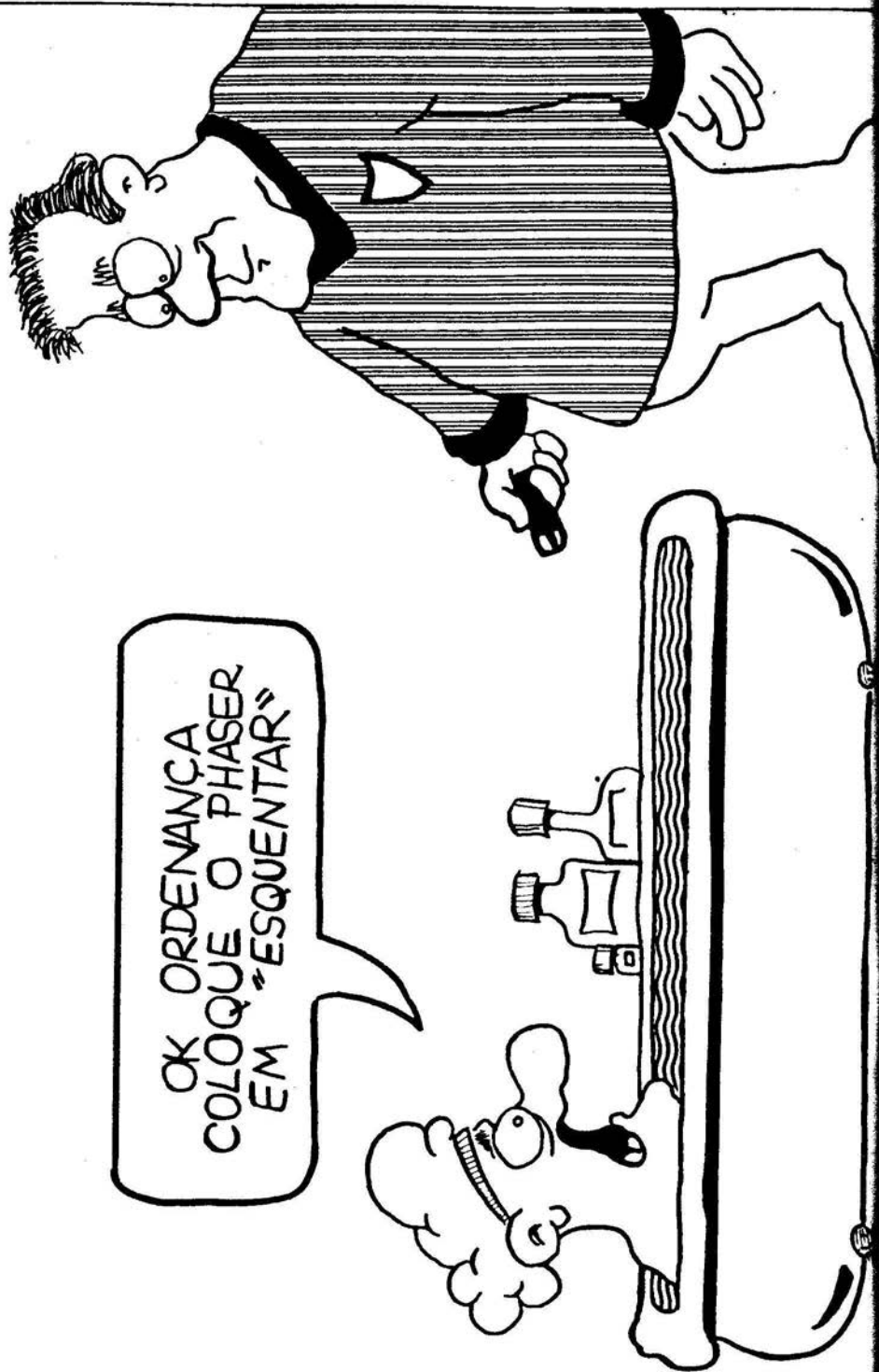


© R. SCHIMA

11/8/92

# Rocket & Roll

BY ZEO



## 12a. Bienal do Livro

*Encontro de Editores e Ilustradores de Fanzines  
(Patrocinado pela Forbidden Planet)  
Dia 04.09.92 - 19:00*

### Ata da reunião

**Participaram do encontro os seguintes fanzines e seus respectivos representantes:**

Somnium	(CLFC)	Humberlo (Tesoureiro do CLFC)
...ENPE...	(Seriados de TV)	Roosevelt (Editor)
Jelcom	(Jornada nas Estrelas)	Representado pelo ...ENPE...
SAGA	(Quadrinhos)	Waller (editor)
Informativo HQ	(Quadrinhos)	Antonio Carlos (Colaborador)

*Foram discutidas principalmente as dificuldades que enfrentam os fanzineiros em matéria de divulgação e editoração, como chegar até os meios de comunicação e conseguir um espaço para mostrar o trabalho de cada um.*

*Falamos da grande dificuldade em cumprir prazos, sendo que a maioria dos fanzines não possuem computadores próprios, dependendo todos da disponibilidade de amigos em ceder os equipamentos para a execução das publicações.*

*Houve uma troca de fanzines para que melhor se conheça o trabalho um do outro, interação entre os representantes, passando informações de como e onde se conseguir material para a elaboração dos zines.*

*Houve um acordo de cavalheiros, no qual todos se comprometeram a divulgar o trabalho dos demais, ajudando assim a aumentar o campo de circulação de informações.*

*Foi de grande importância o apoio dado pela Forbidden Planet, mesmo que nem todos os convidados tivessem interesse em comparecer. É preciso ressaltar que só mesmo desta maneira os fanzines têm a chance de crescer e aprimorar-se, abrindo espaços, comparecendo e estando abertos ao conhecimento e a admiração de outros trabalhos que não só aqueles que cada um executa.*

*Agradecimentos a todos,*

**...E No Próximo Episódio...**



# ANDR129OMEDA

